WOLF MESSING

A VERDADEIRA HISTÓRIA DO MAIOR PSÍQUICO DA RÚSSIA

TATIANA LUNGIN

Tradução: Amadeu António

DUCES
DNEDVAUDN

WOLF MESSING

A VERDADEIRA HISTÓRIA DO MAIOR PSÍQUICO DA RÚSSIA

TATIANA LUNGIN

GLAGOSLAV PUBLICATIONS

WOLF MESSING

A VERDADEIRA HISTÓRIA DO MAIOR PSÍQUICO DA RÚSSIA

de Tatiana Lungin ©

Tatiana Lungin, 1989

© 2014, Glagoslav Publications,

Reino Unido Glagoslav Publications Ltd

88–90 Hatton Garden

EC1N 8PN Londres

Reino Unido

Índice

Prefácio
Encontro com um vidente
A guerra chega à Rússia
Vida em Moscovo
Os primeiros anos de Wolf
Diante da morte e do desespero
O cadáver vivo
Estaline põe à prova os poderes de Wolf
A ciência soviética «explica» a telepatia
O lado sombrio do ocultismo
O enigma dos dons de Messing
Nos braços de Morfeu
Messing serve como psicólogo
Controlo mental!
Águas brancas no Volga
Testemunhas falam a partir da América
O princípio do fim

Aplicações práticas do sexto sentido
A crise continua
Nada do que é humano lhe é estranho
Índice remissivo

Prefácio

Superpsíquico testado por Freud, Einstein, Gandhi e Estaline! É este o tipo de manchetes de tabloide que enfeitam os balcões de caixa dos supermercados. É também parte da história de um ser humano notável, Wolf Messing, um dos quatro ou cinco grandes psíquicos do século XX, até agora um homem quase desconhecido nos Estados Unidos.

Tatiana Lungin evitou o sensacionalismo para criar uma memória quente e pessoal do seu amigo de longa data Wolf. Os russos têm um talento especial para a amizade, aquela amizade à moda antiga tecida com pequenos presentes de flores, trocas de recordações e caminhadas de uma hora até à casa de um amigo para tomar chá e conversar.

Mesmo segundo os padrões russos, esta amizade era improvável. Adolescente cheia de expetativa no limiar da sua carreira, Tatiana cruzou-se pela primeira vez com Wolf poucos dias antes de o seu mundo e o de todos os outros ser irreparavelmente destruído pelas divisões Panzer de Hitler que trovejavam ao entrar na Rússia. Messing e Lungin são sobreviventes, e os seus caminhos voltaram a cruzar-se após a guerra. Desta vez, nasceu uma amizade entre a jovem mulher e a misteriosa celebridade mais velha que nunca perdeu o sotaque pesado da sua juventude alemã. Com o tempo, ela tornou-se sua confidente. Agora a viver na América, Tatiana tem a liberdade e a perspicácia para nos mostrar tanto Wolf, o refugiado polaco fumador em cadeia preocupado com a família e os amigos, como Messing, como até ele próprio se referia quando o seu grande dom psíquico corria através dele.

Messing era tão famoso em toda a imensidão da União Soviética como as estrelas de rock nos Estados Unidos. Ao contrário das estrelas de rock, porém, ele era único no seu género. E o seu mundo era muito diferente do nosso. O quão notável é a sua história pode tornar-se mais evidente para um leitor americano ao preencher o fundo contra o qual Messing e Lungin viveram e trabalharam.

No início dos anos sessenta, a Enciclopédia Soviética continuava a informar os leitores de que a PES e todas as coisas psíquicas eram ficções burguesas, capitalistas. Quem promovesse tais ficções era acusado de misticismo, algo que o Estado se comprometera a erradicar. Durante os anos de Estaline, os psíquicos eram caçados, presos em campos de trabalho ou fuzilados. Ao mesmo tempo, Joseph Estaline, o homem que oficialmente abolira a PES, estava a conceber os seus próprios testes de PES para um estranho judeu polaco que fugira de Hitler: Wolf Messing. Estaline não desafiou Wolf com testes laboratoriais limpos. Em vez disso, pediu-lhe que tentasse um assalto bancário psíquico ou que lançasse um feitiço psíquico para ultrapassar as forças de segurança pessoal do ditador. Ainda mais paradoxal, enquanto os poucos psíquicos e curandeiros populares que restavam viviam profundamente na clandestinidade, Messing maravilhava plateias esgotadas com os seus poderes mentais e, para muitos observadores, psíquicos.

Com Nikita Khrushchev, chegou finalmente um degelo à vida soviética. Em 1962 apareceu um volume fino escrito pelo Dr. Leonid L. Vasiliev, fisiologista de renome internacional e detentor do Prémio Lenine. Investigação Experimental da Sugestão Mental foi um livro explosivo. Vasiliev revelou como ele e outros, por ordem do governo, haviam realizado secretamente extensas experiências parapsicológicas durante os anos trinta sob Estaline. A guerra interrompeu o trabalho, mas agora Vasiliev lançava um apelo claro e alto para que a investigação psi fosse retomada. «A descoberta da energia associada aos fenómenos psíquicos», disse Vasiliev, «será tão importante, senão mais importante, do que a descoberta da energia atómica.»

É uma afirmação ousada. Mas aparentemente havia ouvidos oficiais a escutar. Cientistas comunistas — físicos, engenheiros e biólogos — lançaram-se na investigação psi.

A imprensa soviética, toda oficial e toda censurada, começou a publicar reportagens sobre PES; isso fez-nos sentar e prestar atenção. Seguíamos os media soviéticos, acompanhando o uso crescente do humor para criticar subtilmente o governo. Aqui, porém, havia prova de uma mudança muito maior. Até o Pravda publicou uma notícia de primeira página sobre experiências de PES no Newark College of Engineering, em Nova Jersey. Financiado por Chester Carlson, o inventor da xerografia, este trabalho pioneiro envolvia comunicação telepática que podia ser registada em máquinas de monitorização. Os investigadores, Drs. John Mihalasky e

Douglas Dean, eram nossos amigos. Provavelmente apenas cerca de quatro ou quinhentas pessoas na América sabiam muito sobre estas experiências, não porque fossem secretas, mas porque, na altura, a psi científica despertava pouco interesse. Lemos a manchete do Pravda na longínqua Rússia e percebemos que alguém estava interessado.

Começámos a corresponder-nos com investigadores psi comunistas, trocando artigos e livros e sempre acrescentando uma ou duas perguntas, como «Quem são os melhores psíquicos na URSS?». Eles respondiam: «Este num laboratório, aquele ali», e depois acrescentavam, quase como nota de rodapé: «e claro, há o Messing». Messing, claro… Os fragmentos de artigos que nos enviavam sobre Messing pareciam falar de um mentalista, um psíquico de palco que agradava às multidões. Porque é que os físicos e engenheiros o aceitavam tão naturalmente?

O mistério tornou-se mais tentador. Ciência e Religião — o jornal do partido dedicado a erradicar o misticismo e a garantir o crescimento de uma filosofia ateia e materialista — surpreendeu os seus leitores ao publicar os primeiros capítulos da autobiografia de Wolf Messing, Sobre Mim Mesmo, uma história escandalosa segundo qualquer padrão. Aqui havia relatos de usar o «poder de toldar as mentes dos homens» para neutralizar captores e fazer fugas ousadas, histórias de missões psi para Estaline e relatos de como o cidadão privado Messing acumulara dinheiro suficiente para comprar e equipar dois aviões de caça, que ofereceu à Força Aérea Vermelha. Nos Estados Unidos, histórias mirabolantes impressas são ubíquas; mas, especialmente em certos temas, elas simplesmente não existem na URSS.

Ludmila Svinka-Zielinski — observadora experiente do Kremlin e colaboradora da Atlas, a revista dos correspondentes estrangeiros ocidentais — escreveu sobre a autobiografia de Messing: «É importante lembrar que, nas condições vigentes na URSS, qualquer coisa feita ou escrita por uma personalidade tão controversa como Messing tinha de ser escrutinada, criticada e sujeita a censura constante, de modo que ele não podia safar-se com fraude… ou qualquer coisa que se aproximasse de uma vaidade. Na verdade, podemos estar convencidos de que, para sobreviver e existir nesse ambiente a esse nível, Wolf Messing tem de ser completamente autêntico.»

Esperávamos a continuação prometida de Sobre Mim Mesmo, mas ela nunca apareceu. Messing continuou a ser uma questão proeminente nas nossas mentes quando, na primavera de 1968, partimos para a Primeira

Conferência Internacional Anual de Parapsicologia em Moscovo. Foi a primeira e, até agora, a última conferência desse tipo.

E o Wolf Messing? Cientistas de toda a União Soviética e dos países do bloco responderam favoravelmente: ele é genuíno. Pode não usar PES em todas as atuações, mas tem grande talento e consegue fazer ainda mais do que a sua autobiografia afirma. É sério — um grande elogio nos círculos científicos. As coisas tornaram-se rapidamente confusas, porém, quando perguntámos aos investigadores como sabiam. Esquivaram-se: ele prometera ir aos seus laboratórios, mas era velho e estava tão ocupado a atuar… Nunca chegou a provas concretas; disseram-nos que a capacidade de Messing era simplesmente um facto conhecido e que devíamos aceitá-lo. Alguns cientistas do bloco disseram que tinham realizado experiências informais com Messing, todas bem-sucedidas, e confidenciaram o óbvio: ele tinha amigos em altos lugares.

A chefe de um escritório da Intourist em Moscovo falou-nos do talento de Messing como se estivesse a discutir o violino de Oistrakh ou a dança de Nureyev. «Ouço falar de Wolf Messing desde que era pequena», disse ela. Então deve ter ido vê-lo várias vezes? Bem, não. «É porque sei que ele é tão bom que não fui. Não gosto da ideia de alguém olhar para dentro dos meus pensamentos», admitiu.

A magia do nome de Messing funcionava também com os soviéticos comuns, pessoas de todos os tipos que gostavam de praticar inglês com estrangeiros, particularmente entre as intermináveis multidões pedestres que enchiam as ruas e parques da cidade. Quase toda a gente o conhecia. Era famoso — um santo, um herói, uma lenda. Ocasionalmente, ouvíamos histórias de quinta mão sobre a sua bondade, por exemplo, como ajudara a localizar um parente desaparecido após a guerra; são este tipo de histórias que Tatiana Lungin relata em primeira mão na sua memória.

As listas telefónicas estavam trancadas a sete chaves na URSS, indisponíveis para locais ou estrangeiros, por isso arranjámos o número de Messing antes de chegar. «Sim, esta é a casa de Wolf Messing», concordou a mulher do outro lado da linha. Tínhamos escrito sobre uma entrevista, poderia ele conceder-nos alguns momentos? Queríamos muito contar aos americanos sobre as suas maravilhosas atuações. Ela disse que perguntaria. Após algum tempo, voltou para dizer que Messing recebera a nossa carta e enviava os seus cumprimentos. Infelizmente, estava um pouco doente devido aos rigores das suas atuações e não podia receber-nos naquele momento. Agradecia o interesse nas suas capacidades.

Segundo o relato de Tatiana Lungin, Messing provavelmente não estava bem de saúde. No entanto, naquele dia sufocante de junho, não era preciso ser psíquico para saber que poderia ser menos do que político receber dois escritores norte-americanos errantes envolvidos na conferência de parapsicologia que as autoridades acabavam de interromper a meio — especialmente porque nos tínhamos juntado a um número muito reduzido de soviéticos para continuar a conferência sob os auspícios amistosos da Embaixada Checa, uma embaixada dissidente e rebelde naqueles dias, apenas algumas semanas antes de os tanques soviéticos entrarem ruidosos em Praga.

Messing o genuíno, Messing o grande talento permaneceu esquivo. Agora a sua amiga Tatiana deu literalmente corpo ao mistério. Ao ler os seus relatos dos feitos psíquicos de Messing, é interessante notar como os seus talentos específicos correspondiam de perto aos contornos da psicologia soviética e particularmente da parapsicologia, um campo que evoluiu de forma bastante diferente na antiga cultura russa do que nos laboratórios americanos, que se baseavam em experiências estatísticas de adivinhação de cartas PES.

Por exemplo, aquando da sua chegada à Rússia, Messing foi posto a trabalhar em proezas mentais espantosas, não psíquicas. Isto está perfeitamente alinhado com uma longa e séria história de interesse russo por prodígios — pessoas que calculam números instantaneamente, pessoas que leem páginas de relance, pessoas com memória fotográfica, génios e idiotas savants de todos os tipos. O establishment, não a contracultura, liderou a busca pelo potencial humano na psicologia soviética. Se uma pessoa consegue fazer tais coisas, disseram eles, talvez outros possam ser treinados para desbloquear pelo menos parcialmente tais «reservas da mente humana». E as demonstrações em palco ensinavam ao público que o cérebro humano era de facto uma maravilha — maravilha suficiente para tornar o sobrenatural desnecessário.

Depois havia o transe cataléptico de Messing, a sua capacidade de se colocar num estado de animação suspensa. Este dom peculiar catapultou-o da vida de miúdo de rua para a fama e fortuna na Europa e no Extremo Oriente. A catalepsia era outro interesse permanente dos psicólogos soviéticos, levando-os ao estudo intermitente de iogues e, claro, a exigir uma demonstração de Messing.

A atividade ideomotora envolve pequenos movimentos musculares inconscientes provocados pelos pensamentos e imaginação de alguém.

Quando Messing atravessou a fronteira para a Rússia, os cientistas soviéticos já tinham acumulado volumosa investigação sobre o tema. Tal investigação encaixava-se na orientação física da sua psicologia e ajudava a desmistificar alguns prodígios aparentes. Sem dúvida, era também vista como mais uma via promissora na exploração contínua dos meios e formas de controlo da mente e das pessoas. Poderia um sensor na garganta captar traços minúsculos de fala e revelar o que se estava a pensar?

Em 1950, a secção de filosofia da Academia Soviética de Ciências foi pressionada para explicar Messing. Era uma era amarga; qualquer coisa fora de uma norma muito estreita podia revelar-se fatal. A explicação ideomotora deve ter parecido enviada do céu. Os académicos declararam que Messing era invulgarmente sensível aos micromovimentos musculares dos participantes da plateia que lhe seguravam o pulso enquanto ele se movia pelo salão a atuar. Um pronunciamento oficial, que Lungin condensou misericordiosamente no seu livro, passou a ser lido antes de cada espetáculo de Messing, instruindo a plateia sobre todas as coisas ideomotoras.

Que Messing pudesse ter-se apoiado na ação ideomotora para alguns dos seus feitos é uma explicação plausível. É altamente implausível para os desafios mais complexos e caprichosos sonhados pelas suas plateias. Não é explicação nenhuma para a sua capacidade de ver clarividentemente o apartamento sitiado de alguém a mil quilómetros de distância, ou a sua capacidade de prever até à hora um evento futuro indeterminado.

Messing, na sua autobiografia, diz claramente que a etiqueta ideomotora lhe foi colada pelo culto da personalidade (ou seja, o estalinismo), e que não tinha relação com as suas capacidades.

O feito que ligava Messing mais firmemente ao coração da investigação psi soviética era a sua capacidade de influenciar as mentes de outros à distância. Por vezes chamado hipnose telepática, este feitiço psíquico é a experiência psi soviética por excelência. Enquanto os czares dominavam, os cientistas russos mergulharam na hipnose telepática, e os cientistas soviéticos voltaram imediatamente a ela assim que a revolução terminou. Mostraram o seu sucesso de forma espetacular no Congresso Pan-russo de Psiconeurologistas de 1924 num resort do Mar Negro.

Uma jovem que valsava nos braços do seu par, rodada após rodada numa elegante sala de baile, parou de repente a meio de um passo. Um psicólogo escondido enviara a ordem telepática para parar — ou assim relataram as revistas científicas. A hipnose telepática, tão estranha à

investigação psi americana, foi a experiência repetida infinitamente por Vasiliev e outros no final dos anos vinte e ao longo dos anos trinta. Usaram-na em parte como ferramenta, uma forma fiável de psi, enquanto procuravam as ondas eletromagnéticas que transportavam a psi. Ironicamente, acumularam as melhores provas do mundo de que a psi não é transportada em ondas eletromagnéticas. A hipnose telepática recomeçou nos laboratórios dos anos sessenta e continuou nos anos setenta. Muito provavelmente, ainda hoje está a ser usada de alguma forma.

Não é de admirar que este tenha sido o feito psíquico que Estaline ordenou a Messing que demonstrasse em grande escala, embora certamente não por razões teóricas. O seu interesse, sem dúvida, residia no outro aspeto da hipnose telepática que há muito fascinava os soviéticos: a capacidade de influenciar telepaticamente a mente e o corpo de outra pessoa, geralmente sem o seu conhecimento.

Várias capacidades PES certamente interessariam a qualquer ditador. Estaline também pode ter ficado intrigado com o dom profético de Messing. No entanto, não pareceu dar atenção a uma previsão que Messing fez num clube privado em Moscovo em 1940 e que deixou o resto da elite comunista em alvoroço. O pacto de não-agressão russo-alemão estava em pleno vigor. Messing, porém, olhando para o futuro, proclamou: «Tanques soviéticos entrarão em Berlim!» A Embaixada Alemã apresentou rapidamente um protesto. Afinal, Hitler ainda se ressentia de uma previsão de Messing de 1937 sobre a sua derrota final. O corpo diplomático soviético reuniu-se em confusão. Por fim, declararam: «Não se pode esperar que respondamos pelas profecias de Wolf Messing.»

Mais uma vez em 1943, Messing arriscou-se a tornar pública uma profecia, arriscado para qualquer psíquico, mas agravado num país onde os psíquicos não estavam seguros. O Báltico, a Bielorrússia, a Ucrânia, a Crimeia: todos estavam nas mãos dos nazis. O fim da guerra não estava à vista. O próprio Messing fora evacuado para segurança na Sibéria. Em Novosibirsk, a famosa cidade da ciência, Messing falou para uma plateia esgotada no Teatro de Ópera. A guerra, previu ele, terminaria em maio de 1945, provavelmente na primeira semana.

Messing falou de vários encontros com Estaline. No entanto, negou veementemente os rumores que circulavam de que trabalhara com a polícia e os serviços de inteligência. O Messing que Lungin conheceu estava espiritualmente evoluído — algo que, contrariamente à crença popular,

nem sempre acompanha grandes talentos psíquicos. Acreditava que o seu dom vinha com um imperativo moral: agir eticamente, ajudar os outros.

Lerá sobre as muitas formas como ele ajudou os outros, mesmo quando isso era por vezes proibido. Na sua autobiografia, Messing menciona como tentava ajudar de maneiras subtis. A sua capacidade de implantar poderosamente pensamentos nos outros, dizia ele, podia ser usada de forma positiva para inspirar pessoas perigosamente deprimidas: «Muitas vezes consigo, com sugestão mental enérgica, dar coragem, confiança e força a pessoas que estão prestes a suicidar-se.»

Lungin observa que Messing sentia que nunca lhe seria permitido viajar para fora da União Soviética. O Dr. Vasiliev, o pai da parapsicologia soviética, e outros investigadores proeminentes também não tinham permissão para viajar, nem sequer para os Estados satélites. Talvez isso seja um sinal do quanto os soviéticos levavam a psi a sério. Talvez, como Lungin sugere, haja mais do que isso, e o segredo permaneça trancado no Kremlin. Ainda não compreendemos realmente talentos como o de Messing, nem o funcionamento interno da elite do Kremlin, por isso, para usar a famosa frase de Churchill sobre a Rússia, Messing continua a ser um enigma embrulhado num enigma.

Felizmente, agora temos algo sobre o que refletir e maravilhar-nos, graças às memórias de Tatiana Lungin e ao seu registo fiel dos comentários de Messing. Ela prestou um verdadeiro serviço a todos os interessados em vidas extraordinárias, pois a história de Messing está repleta do drama, das improbabilidades e das reviravoltas selvagens da fortuna que normalmente só se encontram em Dickens. Quem quer que se interesse pelo potencial humano ou, mais particularmente, pelos fenómenos psíquicos, apreciará especialmente a contribuição de Lungin. Messing foi um gigante e merece ser recordado no Ocidente tal como no Oriente.

Há muito tempo, Messing fez uma previsão aparentemente impossível. Disse à sua jovem amiga Tatiana que um dia ela e o filho viveriam na América. Talvez Messing tenha olhado ainda mais fundo para o futuro do que admitiu e, ali mesmo, tenha escolhido a sua biógrafa. Se assim foi, como em muitas outras ações de Messing, foi uma escolha sábia e boa.

Sheila Ostrander

Lynn Schroeder

1

Encontro com um vidente

O auditório de Tbilisi, na república soviética da Geórgia, estava completamente cheio de uma plateia bem vestida. O palco, de modéstia austera, não tinha a tradicional cortina. A decoração consistia em duas mesas comuns e várias cadeiras. De vez em quando, a plateia impaciente aplaudia, ansiosa por que o espetáculo começasse. Finalmente, depois de o sino de aviso ter tocado, uma mulher elegantemente vestida de preto saiu para o palco.

«Wolf Messing!», anunciou sem cerimónias. «Experiências psicológicas!» A sala ressoou com aplausos, saudando o homem por quem tinham esperado com tanta impaciência: Wolf Messing, uma lenda em vida, um homem envolto em mistério. Dizia-se que ele conseguia ler os pensamentos de qualquer pessoa com quem falasse, localizar objetos escondidos da sua vista ou identificar um criminoso à primeira vista. Ainda mais extraordinário era o rumor de que podia assumir a aparência de qualquer animal que escolhesse. Todos, porém, tranquilizavam-se pensando que o Estado proibira tais coisas e que Messing até assinara uma declaração nesse sentido!

Poucos segundos após o anúncio da diretora de cena, um homem de estatura média entrou ligeiro no palco. Era de meia-idade e usava um fato preto que ocultava parcialmente uma camisa de um branco imaculado. O cabelo era extraordinariamente comprido para aquela época. Cruzou as mãos sobre o peito e inclinou-se, enquanto a plateia o saudava com novos aplausos. Avançou até à beira do palco, mesmo junto aos candeeiros de ribalta, e consegui distinguir claramente o brilho de uma pedra grande no seu anel. Naquele instante, senti um clarão intenso do meu passado. Reconheci este feiticeiro como um velho conhecido; na véspera da Segunda Guerra Mundial, ele fizera-me uma profecia. Sabia que não me enganava.

Mas o meu breve devaneio foi rapidamente interrompido. A minha atenção não podia desviar-se por muito tempo do que se passava no palco. A mulher responsável pela noite leu algum material introdutório e explicou que era necessário selecionar um júri da plateia; seriam eles a conduzir as «experiências». Seis ou oito pessoas de idades e profissões variadas foram convidadas a subir ao palco, nenhuma das quais conhecia pessoalmente Wolf Messing. O júri começou por sentar-se a uma das mesas e escolher um presidente. Entretanto, os membros da plateia escreveram as tarefas e

perguntas mais difíceis que conseguiam imaginar para Messing executar e responder. Esses papéis foram entregues ao júri, que selecionou os mais interessantes e complexos. Cada espectador cuja pergunta fosse escolhida era então convidado a subir ao palco. Ficava ao lado de Wolf Messing, segurava o braço esquerdo ou direito do psíquico acima do pulso e imprimia telepaticamente na mente do psíquico o que estava escrito no papel. Messing executava geralmente a tarefa, após o que o presidente do júri lia o papel em voz alta para o resto da plateia.

Um procedimento tão elaborado era necessário por duas razões. Em primeiro lugar, impedia que o voluntário alegasse falsamente que a sua tarefa não fora corretamente cumprida. Garantia também aos que estavam na sala que a atuação de Messing correspondia, de facto, ao procedimento escrito no papel.

Como estava tão intrigada com o que sabia sobre Messing, quis participar nestas experiências. Nervosa como uma criança na véspera de Natal, escrevi o meu pedido e entreguei o papel ao júri. O júri pareceu satisfeito com a tarefa que sugeri e, pouco depois, fui convidada a subir ao palco. Dirigi-me ao palco, mal conseguindo conter a excitação.

Então aconteceu algo verdadeiramente espantoso. Aproximei-me do psíquico e estendi o braço para lhe pegar no pulso; de repente, ele recuou.

«Não trabalharei com esta mulher», disse. «Conheço-a. Só faço as minhas atuações com pessoas que não conheço. Não pode haver qualquer suspeita de combinação. E conheço-a. O nome dela é Taibele.»

A sala respondeu ao discurso de Messing com uma salva de gargalhadas e aplausos bem-humorados. Não me restava outra coisa senão abandonar o palco, e corei todo o caminho de volta ao meu lugar. Estava envergonhada e atónita com a sua memória e, enquanto as experiências continuavam, recordei uma série de acontecimentos de doze anos antes.

Era 1941. Os moscovitas atarefados e bem-dispostos saíam à noite para cafés e restaurantes, teatros e salas de concertos. Jogadores de xadrez e dominó ocupavam as mesas e os quiosques nos pátios e parques da cidade, enquanto as avós passeavam pelos jardins públicos e avenidas com os netos e os cães. Visitantes russos da capital e alguns estrangeiros admiravam, boquiabertos, as igrejas e templos magníficos, mas não utilizados. Abafavam os moscovitas nas lojas e dominavam os museus e galerias de arte. Ninguém antecipava a guerra incendiária e sangrenta que em breve chegaria sem aviso.

Era uma manhã de junho. Estava sentada numa confortável poltrona de couro no átrio de um hotel de Moscovo, esperando impacientemente pela chegada do diretor de uma associação cinematográfica recentemente criada na Ásia Central. Lá fora, o sol de verão tornava-se intenso, mas o átrio do hotel, com o seu chão de mármore e colunas, era agradavelmente fresco e silencioso. Os porteiros com os seus uniformes de galões dourados criavam uma atmosfera de solenidade palaciana. Sentia-me constrangida e culpada. Tinha dezoito anos; naqueles tempos, considerava-se inconveniente uma rapariga estar num hotel, sobretudo se estivesse sozinha!

No ano anterior, trabalhadores da Soyuzdetfilm tinham vindo à nossa escola selecionar alunos para papéis secundários e figurantes num filme intitulado O Dia de Artek (posteriormente lançado simplesmente como Artek). Viram muitos alunos, e podem imaginar a minha alegria quando soube que fora escolhida. As filmagens decorriam nos estúdios da Soyuzdetfilm, situados na tranquila Likhovoy Lane, perto de dois marcos famosos da cidade — a Ring Road e o Hermitage.

A minha participação neste filme tornou-se a coisa mais importante da minha vida, embora continuasse a gostar muito da escola. Os rapazes cortejavam-me respeitosamente, enquanto as raparigas me olhavam com inveja. Os meus professores estavam impressionados com a minha estreia cinematográfica iminente, e o clube de teatro começou até a atribuir-me os melhores papéis principais. Quando o filme finalmente chegou aos ecrãs, vi-me contra o fundo de uma paisagem maravilhosa da Crimeia, que só visitei pela primeira vez muitos anos depois.

Agora, os agentes de cinema da Ásia Central estavam interessados em mim como atriz. Não tinha qualquer informação sobre o filme nem sobre o papel para o qual estava a ser considerada. Só sabia que teria de ir para a Ásia Central durante um período considerável para filmar em exteriores. Esta perspetiva inquietava-me um pouco, e o meu entusiasmo inicial já estava a esmorecer.

As portas do hotel pareciam abrir-se e fechar-se continuamente, e eu examinava ansiosamente cada rosto que entrava. Esperara já trinta minutos, observando dezenas de pessoas a entrar e sair do átrio, quando um desses visitantes emergiu da multidão e chamou a minha atenção. Este homem parecia atrair hipnoticamente o meu olhar. Usava um fato cinzento caro, uma camisa azul e óculos grandes de armação de chifre. O cabelo estava ligeiramente despenteado, lembrando-me uma couve desfeita, e o nariz não

combinava nada com o resto do rosto. Era demasiado largo. A testa era grande e quadrada, e os braços pendiam frouxos ao longo do corpo. Reparei que cerrava e abria os punhos como se tivesse um tique nervoso. De meia-idade, muito magro e não muito alto, caminhava lentamente e com esforço evidente, olhando constantemente em redor. Parecia estar à procura de alguém. Dirigiu-se à minha poltrona, parou ao reparar em mim e, sem mais olhar em volta, veio diretamente ter comigo. Ao aproximar-se, reparei nos seus olhos: penetrantes e irónicos, ligeiramente cansados, mas diabolicamente brilhantes.

Sorriu-me suavemente. «Ah, schöne Mädchen», *(raparigas bonitas)* disse.

Era um pouco embaraçoso que me dissessem que era uma rapariga bonita. Depois, num russo bastante mau e com um forte sotaque estrangeiro, perguntou-me o nome. Disse ao senhor que o meu verdadeiro nome era Tauba (que significa pomba), mas que normalmente me chamavam Tanya.

«Taibele?», perguntou novamente. «Pombinha? Estás à espera de alguém? Porque estás aqui sentada?»

Fechou ligeiramente os olhos e baixou a cabeça enquanto ouvia a minha resposta. O lábio inferior tremia-lhe nervosamente e as sobrancelhas aproximavam-se da raiz do nariz; conseguia ver uma angústia arrepiante nos seus olhos.

«Não?», disse em voz alta, quase gritando. «Não! Nada disso será!»

«O que é que não será?», perguntei ao estranho com voz assustada. «Nada. Nem o filme, nem a viagem. Nada. E por muito tempo!»

Falou com a voz de um profeta — distintamente, sílaba a sílaba. O seu veredicto preventivo encheu-me de um medo quase místico. Pensei: é assim que os feiticeiros e magos predizem desastres.

O estranho vidente não disse mais nada, limitou-se a caminhar com o mesmo passo lento e pesado em direção ao elevador. Fiquei na poltrona, petrificada. Quem era este estranho? Seria do mundo real? Voltaria eu a encontrá-lo algum dia?

O representante do cinema ainda não chegara, mas eu já nem pensava nele. As palavras e os olhos do feiticeiro que acabava de desaparecer ocupavam-me muito mais por agora.

2

A guerra chega à Rússia

A guerra na Rússia começou poucos dias depois. O dia fatídico em que a Alemanha invadiu a União Soviética foi 22 de junho de 1941. Obviamente, não haveria filmagens nem viagem para mim à Ásia Central. A previsão do feiticeiro cumprira-se.

Tal como acontece com a maioria das desgraças inesperadas, a Segunda Guerra Mundial varreu a Rússia com pouco aviso. Em poucas semanas, nós, moscovitas, já sentíamos todas as suas adversidades. A comida desapareceu das lojas, as filas cresciam todos os dias, foi declarado recolher obrigatório, patrulhas vigiavam as ruas — tudo indicava que o fogo inimigo se aproximava da capital. Tudo parecia tão incongruente durante o verão, quando os subúrbios de Moscovo e os parques e jardins públicos da cidade estão cheios dos aromas e sons inebriantes da natureza. Mas a guerra representava a única realidade verdadeira, e tive de deixar para trás a minha juventude cor-de-rosa e despreocupada.

Agora havia trabalho a fazer.

Até que a minha inesperada «carreira» no ecrã me desviasse, sonhara desde criança com uma vida na medicina. A guerra reforçou o meu antigo objetivo, e tornei-me estudante voluntária de medicina.

Nós, estudantes, éramos enviados para todo o lado para ajudar no esforço de guerra, muito do qual consistia em puro trabalho físico. No verão trabalhávamos em kolkhozes *(fazendas coletivas)*, colhendo cereais e batatas dos campos e ajudando com o gado. No inverno descarregávamos carvão, madeira e outras mercadorias dos vagões.

Sofri fome, frio e exaustão física, mas todos os outros estavam na mesma situação. Aguentámos o horror durante dois anos. Mas em 1943 as coisas começaram a melhorar. As notícias da frente melhoravam; os alemães recuavam. A vitória, outrora apenas um sonho, parecia agora uma possibilidade real, embora distante.

Durante a guerra, o povo russo pôs de lado os seus ressentimentos contra o governo repressivo de Estaline, as suas divergências com o sistema soviético e até os seus problemas pessoais. Todos nos unimos contra um inimigo comum e terrível, com o amor à Pátria em primeiro lugar nos nossos corações. Desde o início da guerra, muitas pessoas — especialmente os jovens — esforçavam-se por estar na frente.

Quando, em 1943, o Gabinete de Recrutamento e Alistamento Militar do Distrito de Leninegrado em Moscovo pediu a formação de brigadas de trabalhadores médicos para a frente, fui enviada para lá juntamente com muitos dos meus colegas estudantes voluntários. Ficámos sob o comando das autoridades militares nos arredores arborizados da Bielorrússia (Rússia Branca), de onde as divisões alemãs apenas começavam a retirar-se.

Epidemias de doenças infeciosas — incluindo tifo — grassavam na zona. Como havia uma grave escassez de pessoal médico, fui nomeada tanto subchefe da estação epidemiológica como responsável pelo departamento de vacinação na cidade de Mozyr.

Quando lá chegámos, a cidade estava em ruínas. Ainda mais devastadas do que a cidade estavam as esperanças e os destinos das pessoas. Cadáveres de mulheres, crianças e idosos jaziam por todo o lado em abrigos escavados. Provavelmente nunca esquecerei a menina faminta que rastejava em volta da mãe morta, tentando mamar no seu peito frio.

O pessoal médico não era responsável apenas pela saúde e controlo de doenças; tínhamos de encontrar lares para órfãos, cremar dezenas de cadáveres em decomposição e desinfetar todas as habitações habitáveis. Cada um de nós tinha de fazer o trabalho de três pessoas, e descanso era impensável.

Embora os alemães estivessem em retirada, continuavam os seus ataques de bombardeamento à noite. Fui ferida na perna durante um desses raids. Continuei a trabalhar mesmo depois de recuperada, e só consegui voltar para casa depois de o nosso grupo ter tomado as medidas finais para controlar as epidemias. Regressei à escola, recuperei rapidamente o atraso nos estudos e recebi o meu tão esperado diploma.

A paz chegou finalmente em 1945 com a capitulação da Alemanha. Dentro de um ano casei e tive um filho, Sasha (Alexandre). Devido a algumas circunstâncias infelizes, depressa me vi com a tarefa de criar o meu filho sozinha. Isso era extraordinariamente difícil do ponto de vista financeiro, pois a profissão médica é uma das mais mal pagas na URSS. Por isso, tentei encontrar passatempos que me ajudassem a ganhar um rendimento extra.

Sempre fui atraída pela fotografia e muitas vezes tentara escrever prosa. Após um longo e atormentador período de indecisão, decidi mudar temporariamente de profissão. Fiz um curso de dois anos de jornalismo em Moscovo e acabei por conhecer vários fotorepórteres conhecidos.

A minha primeira missão como fotorepórter levou-me à Geórgia soviética para trabalhar num documentário. A minha primeira paragem foi Batumi, uma bela cidade costeira famosa pelos seus gravadores especializados em prata e cobre. A paragem seguinte foi Tbilisi, a capital georgiana, onde devia fotografar uma reportagem ilustrada. A sala de concertos da cidade ficava a um passo do meu hotel, por isso, na minha primeira noite livre, decidi conhecer a vida cultural da Geórgia.

Na verdade, não me importava o que estivesse em cena nessa noite, fosse um concerto de música popular ou uma peça clássica. Mas o cartaz da sala anunciava a atuação de Wolf Messing — o homem que conseguia ler pensamentos. Já ouvira falar muito desta figura lendária e muitas vezes sonhara vê-lo. Tive sorte em conseguir um bilhete.

Como descrevi no capítulo anterior, foi aqui que encontrei Wolf Messing pela segunda vez. Agora, certamente não era surpreendente que eu reconhecesse Messing quando o vi pela primeira vez no palco, mas como poderia ele ter-me reconhecido e até lembrar-se do meu nome? Ele só o pronunciara uma vez, cerca de doze anos antes. Perguntava-me também que poder estava por trás do seu sexto sentido. Seria um místico? Um clarividente? Um mentalista? Talvez fosse simplesmente abençoado com um dom de Deus. Esta última ideia parecia absurda mesmo enquanto a pensava, pois naqueles tempos todos recebíamos uma educação ativamente ateia e poucos acreditavam em Deus, exceto velhos e velhas que ainda sobreviviam dos tempos czaristas. Mesmo estes só professavam a sua fé em privado; podia-se meter em sarilhos com o governo por publicitar tais crenças.

Assisti a várias demonstrações de Messing naquela noite e regressei ao hotel perplexa com o que vira. Exausta, adormeci rapidamente.

Quando me levantei na manhã seguinte, o sol já tocava com ouro os cumes das montanhas da Geórgia. Desci para tomar o pequeno-almoço no restaurante do hotel, engoli-o à pressa e estava pronta a sair quando atrás de mim eclodiu uma discussão entre vários homens. A discussão parecia ser sobre um par de óculos extraviados que, segundo o senhor a quem pertenciam, estavam no bolso de um empregado que obviamente se encontrava noutra parte do edifício. Os companheiros georgianos do senhor objetaram que nada sabiam dos óculos. Como uma das vozes me parecia familiar, voltei-me. Era Messing! Ele viu-me e deu alguns passos na minha direção.

«Taibele», disse como se eu fosse uma velha amiga. «Que vergonha. Não acreditam em mim. Em mim. Messing.»

Nesse momento, o chefe de mesa interveio e a disputa terminou harmoniosamente. Os óculos foram encontrados exatamente onde Messing indicara.

Terminada a luta, o famoso psíquico pegou-me no braço e saímos do restaurante para a rua ruidosa. O nosso encontro inesperado provocou-me sentimentos estranhos. Tudo parecia tão natural, como se estivesse predestinado, por isso segui calmamente. Sentia-me como se obedecesse a algum poder confiante e alheio.

Uma mulher esperava por Messing à entrada do hotel. Reconheci-a imediatamente como a mestre de cerimónias da noite anterior (nestes espetáculos chamavam-lhe a «diretora»). O psíquico apresentou-ma como sua esposa.

«Aida Mikhailovna», disse ela com um sorriso, estendendo-me a mão.

Enquanto dirigia o espetáculo do marido, esta mulher parecera severa, cumprindo as suas funções sem sorrisos nem piadas. Mas agora achei-a uma conversadora agradável e uma ouvinte atenta. Era também inteligente e sensível aos outros. Por detrás da sua sofisticação, possuía, porém, uma simplicidade magnética. Sabia lidar com o marido, cujos pontos fracos eu viria a conhecer muito bem. As suas fraquezas, como o temperamento, são as que reclamam especialmente aqueles que estão mais sintonizados com os reinos espirituais do que nós, pessoas comuns.

Como era o meu primeiro encontro formal com o renomado vidente, estava naturalmente um pouco nervoso. Nunca esquecia o facto de que ele podia ler pensamentos, por isso tentava manter a mente ocupada com assuntos neutros. Imaginem o resultado. Como que para me desafiar, o meu cérebro encheu-se de todo o tipo de pensamentos. Por fim, encontrei o que considerei uma forma brilhante de neutralizar as minhas ideias divagantes. Comecei a «cantar» mentalmente uma cançãozinha de que me lembrava da infância:

O padre tinha um cão, e o padre gostava dele Comeu um pedaço de carne, e ele matou-o Matou-o e enterrou-o e na sepultura escreveu Que o padre tinha um cão e gostava dele Comeu um pedaço de carne e o padre matou-o Matou-o e enterrou-o e na sepultura escreveu Que…

Podia cantar-se esta canção uma vida inteira sem parar. Caminhámos cerca de dez minutos, com Messing no meio, segurando-nos a ambos pelo braço. Eu cantava para mim mesmo e tudo parecia maravilhoso e pacífico, pelo menos momentaneamente. De repente, Messing parou em seco e virou-se para mim.

«Taibele, não estás farto de cantar sobre esse padre idiota e o seu cão insolente?», disse. «Não conheces outras canções?»

Se não estivéssemos a caminhar, provavelmente sentar-me-ia ali mesmo no passeio. Fiquei atónito com a sua capacidade telepática. A esposa pareceu indiferente ao assunto; estava evidentemente habituada a tais demonstrações espontâneas. Quanto a mim, algo estranho acontecera. Embora este incidente me chocasse, acalmei-me e pensei agradavelmente apenas nos sons e imagens ao redor. Assim continuou ao longo dos anos da nossa amizade. Quando estava com Messing, sentia-me sempre calmo por dentro, e nunca me vinham à cabeça pensamentos indesejados. O resto do nosso passeio matinal decorreu esplendidamente.

Ainda tinha trabalho para fazer naquele dia, mas combinámos passar a noite juntos; Messing não tinha espetáculo marcado. Decidimos jantar no Monte Mtatsminda, um local de lazer favorito tanto para residentes como para turistas. Os georgianos chamam a Mtatsminda «Montanha Sagrada». Há ali um parque magnífico e um restaurante bonito, e um caminho de ferro por cabo estende-se até perto do pico, a cerca de 1600 pés de altura.

No centro da montanha encontra-se o local sagrado de sepultura de todas as figuras ilustres da república georgiana. Visitámos o local e ficámos especialmente impressionados com o panteão. O grande número de luminárias ali sepultadas era especialmente notável, e agradecemos que o atual governo soviético não tivesse removido as sepulturas da antiga aristocracia georgiana. A tradição sobrevivera à revolução — quase. Ao lado das sepulturas de muitos artistas, poetas e atores talentosos da Geórgia, jaziam sepultados a «aristocracia» do Partido Comunista.

Ali está sepultada a mãe de um dos maiores vilões de toda a história, Joseph Estaline. O seu marco é visivelmente mais alto do que os outros. Também no panteão se encontra a sepultura do grande dramaturgo e satírico russo Alexander S. Griboiedov (1795 — 1829). Com reverência, olhámos para dentro do mausoléu. A entrada é coberta por uma grade elaborada. Junto ao pequeno memorial ergue-se uma estátua de bronze de uma mulher com a cabeça inclinada. O rosto da mulher não é visível porque um manto caído lhe cobre a cabeça, intensificando a impressão de

tristeza dolorosa da figura. Esta estátua de bronze representa Nina Chavchavadze, a esposa do poeta, e as suas palavras estão inscritas na lápide: «A tua fama permanecerá para sempre na memória russa, mas por que razão a minha amor te sobreviveu?»

Nina Chavchavadze tinha apenas vinte e dois anos quando ficou viúva. O seu grande amor pelo marido apenas aumentou a dor da perda, e nunca mais se casou. Estava destinada a morrer bastante jovem.

Após a visita, subimos até ao restaurante no topo da montanha. Não queríamos perder de vista a cidade, por isso escolhemos uma mesa pequena na varanda aberta do restaurante. A vista do topo da montanha é simplesmente deslumbrante; o penhasco abaixo está entrelaçado com videiras de uvas silvestres e várias árvores do sul. Sentámo-nos longo tempo em silêncio, observando o anoitecer sobre Tbilissi. Aida serviu-nos as bebidas, cortou solicitamente fatias de carne para o marido e misturou açúcar no chá dele.

Entretanto, Messing sentava-se impotente e fraco, parecendo totalmente sem iniciativa. Estava obviamente cansado, o que na verdade não era surpreendente. Ao observar o seu espetáculo na noite anterior, notara que dedicava toda a sua energia às demonstrações psíquicas. Não parecia poupar forças para mais nada. No palco, Messing era consumido por uma tensão feroz, um estado tanto do corpo como da mente que muitas vezes contagiava também o público.

Aida e eu trocámos olhares. Não foram precisas palavras entre nós, mas sabíamos qual era o problema. O psíquico precisava de um bom descanso. Tirámos algumas fotografias e regressámos ao hotel; afinal, estávamos hospedados apenas com um quarto de diferença no segundo andar. Wolf subiu as escadas com dificuldade, o que me surpreendeu um pouco, pois tinha pouco mais de cinquenta anos. A sua figura naquela noite contrastava fortemente com a presença no palco, onde se movia rápida e energicamente.

Passámos juntos os dias restantes da nossa estadia em Tbilissi. Nunca me ocorreu que pudesse estar a ser um peso para eles. Demorariam vários meses até nos tornarmos verdadeiros amigos.

3

Vida em Moscovo

Tentava ser disciplinado, especialmente no que dizia respeito ao meu trabalho. Ao realizar reportagens fotográficas, tentava sempre revelar os filmes no local. Ora, realizar esta tarefa nem sempre é fácil, e muitas vezes simplesmente não estamos com disposição. Mas, do ponto de vista prático, pode ser um procedimento muito útil. Por um lado, não regressamos de reportagens com filmes mal expostos. Temos a oportunidade de repetir as fotografias imediatamente, evitando assim qualquer embaraço na redação quando já é tarde demais. A seguinte história é famosa entre os fotógrafos soviéticos.

Oleg Knoring, um dos principais fotorepórteres da revista semanal Ogonyok, quase se meteu em sarilhos quando regressou a Moscovo de uma viagem ao Extremo Oriente. Fora uma viagem dispendiosa, e Knoring não revelara os filmes no local. Os filmes revelaram-se defeituosos. O seu emprego e reputação foram salvos apenas porque o próprio Estaline estava favoravelmente disposto em relação ao fotógrafo. Oleg tirara uma fotografia lisonjeira de Estaline ao colo de uma pequena rapariga uzbeque (que trabalhava como apanhadora de algodão). A fotografia, tecnicamente executada, retratava Estaline como um pai amoroso dos seus filhos, o povo russo.

Esta história servira durante muito tempo como lição edificante para todos os fotorepórteres soviéticos que dela tinham conhecimento — especialmente aqueles que ainda não se tinham tornado famosos. Agora que a minha própria viagem chegava ao fim, comecei a revelar os meus filmes para me certificar da sua qualidade.

O meu trabalho foi interrompido por uma batida urgente na porta. Era Aida, que me pediu que passasse por lá um momento quando visse Wolf sair do quarto deles. Mais tarde, dirigi-me para lá, curioso com o pedido. Ela só tivera tempo de me dizer que sofria de uma doença grave quando Wolf regressou.

«O que aconteceu?», perguntou. «Sentes-te mal?» Estava tão excitado que nem me cumprimentou. Aida não disse uma palavra, e por um momento houve um silêncio tenso.

«Aidochka, tens de ir a um especialista», disse finalmente Wolf. «Não brinques com isso!» Mas a esposa recusou-se a ouvir.

Então Wolf fez um pronunciamento que eu o ouviria repetir muitas vezes no futuro: «Não é o Wolfochka que te está a falar, mas Messing.» Wolf referia-se a si mesmo pelo apelido sempre que falava com o seu sexto sentido.

No dia seguinte, acompanhei-os à estação de comboios. Combinámos que a nossa amizade não deveria terminar, e estávamos prestes a despedir-nos quando o psíquico e a esposa se lembraram subitamente de que não tinham enviado um telegrama a uma mulher chamada Irochka. Encarregaram-me dessa tarefa, e executei-a imediatamente. Nessa altura, sentia que algo invisível nos unia. Talvez intuísse que muitos anos da minha vida seriam passados na companhia destas pessoas fascinantes.

Regressei a Moscovo nessa noite, e na manhã seguinte entreguei as minhas fotografias na redação do jornal. Ficaram satisfeitos com o meu trabalho e deram-me vários dias de folga, por isso decidi usar as minhas pequenas férias para telefonar aos meus novos amigos. Convidaram-me para o apartamento deles no primeiro dia da Páscoa judaica. Aceitei o convite com entusiasmo.

Vivia a uma curta caminhada da Praça Vermelha, e era necessário atravessar toda a cidade para chegar a casa dos Messing. Moravam na Rua Novopeschanaya, que, no início dos anos 1950, ainda ficava na periferia da cidade. Levei mais de uma hora a chegar lá, mas o passeio teve um efeito tranquilizante. As tílias que pontuavam Moscovo estavam prestes a florir, o tempo estava favorável, e o passeio não pareceu nem longo nem exasperante.

Os Messing viviam num edifício de três andares situado no fundo de um pátio. Com os seus canteiros bem cuidados, a cena lembrava-me um antigo pátio de uma pintura russa antiga. Subi ao apartamento do segundo andar e encontrei a porta da frente adornada com uma simples placa de cobre gravada com o nome de Wolf Messing.

O cão dos Messing respondeu primeiro à campainha, com um latido rico mas contido. Aida abriu a porta, e logo atrás dela apareceu a cabeça desgrenhada de Wolf. A casa deles estava mobilada de forma modesta.

Um antigo baú reforçado com ferro, do tipo que hoje está na moda, encontrava-se no vestíbulo; por cima dele pendia um cabide. Além do vestíbulo, o apartamento dos Messing consistia apenas num quarto e numa pequena cozinha. A sala de estar estreita e retangular servia tanto de sala de jantar como de quarto. Uma grande mesa redonda e um sofá encontravam-

se junto à parede do fundo. Era claro que tinham conhecido dias melhores. O único item de interesse no quarto era um grande televisor, colocado de forma conspícua num suporte alto.

Os televisores eram uma raridade naqueles dias, e mais tarde soube que este fora um presente do presidente do Conselho de Ministros (o gabinete do governo), cujo filho fora curado do alcoolismo por Messing.

Junto à ampla janela do quarto, que ocupava quase toda a parede, havia um sofá-cama onde uma mulher de cabelos grisalhos estava sentada calmamente. O rosto era tão juvenil que os cabelos poderiam ser tomados por uma peruca.

«Esta é a nossa Irochka, a minha irmã mais velha», disse Aida ao apresentar-nos.

A mulher estendeu a mão sem se levantar.

«Iraida Mikhailovna», respondeu ao apertarmos as mãos.

Então esta era a «rapariga» a quem eu enviara o telegrama de Tbilissi! Ia fazer sessenta anos.

Conhecemo-nos melhor. Wolf perguntou-me sobre o meu trabalho no jornal, indagando minuciosamente como era seu costume, focando-se mesmo em trivialidades. Aida andava atarefada enquanto preparava festiva e esplendidamente a mesa no espírito da verdadeira hospitalidade moscovita. Aprendi muito sobre os outros «membros» da família Messing — o pastor-alemão deles, Dick, e o canário, Levushka. Wolf disse duas vezes, como se falasse de um filho ou neta, que Dick fora criado aristocraticamente, e que pagara mil e quinhentos rublos para o treinarem. Não era uma pequena soma na altura.

Notei também que havia livros espalhados por todo o lado. Estavam empilhados numa estante, em prateleiras, até mesmo debaixo da mesa e das cadeiras. Apesar do caos, sentia-se que eram tratados com cuidado.

Wolf estava verdadeiramente festivo naquela noite. Embora ateu por sua própria admissão, celebrava alegremente todas as suas festas religiosas, como uma espécie de gesto simbólico.

O contraste entre o ateísmo professado por Wolf e a sua adesão aos rituais judaicos tradicionais refletia a cisão que atravessava toda a sociedade soviética. Hoje, com a nova ênfase da era Gorbatchov em algum grau de liberdade religiosa, é difícil recordar precisamente quão fortes eram

as contradições sociais relativas à religião desde a Revolução Bolchevique de 1917. Quando cresci, as igrejas, sinagogas e mesquitas tinham, na sua maioria, sido convertidas em edifícios seculares, museus de artefactos religiosos, ou mesmo centros de propaganda ateísta.

Ao mesmo tempo, era bastante evidente que as práticas e crenças religiosas continuavam a ter uma existência subterrânea generalizada.

Embora o Estado desaprovasse práticas religiosas centrais como cerimónias de casamento judaico-cristãs ou islâmicas, elas eram no entanto realizadas e pelo menos tacitamente toleradas. Um número simbólico de igrejas ortodoxas russas, sinagogas judaicas e mesquitas islâmicas era permitido funcionar. Sacerdotes, rabinos e mulás eram oficialmente nomeados e, nas suas pregações, esperava-se que implementassem a política estatal soviética. O antissemitismo fora proeminente na Rússia pré-revolucionária, e, embora a tolerância religiosa estivesse incorporada na constituição soviética, muitos judeus continuavam a sofrer de um estigma social que se agravara nos últimos anos da vida de Estaline.

A celebração da festa da Páscoa por Wolf deve ser vista como uma tradição socio-histórica contínua. A festividade anual que recorda o êxodo dos antigos judeus da escravatura egípcia é uma das reuniões familiares mais alegres que sobreviveram milhares de anos. Embora haja ligeiras variações em cada ano civil, a Páscoa coincide virtualmente com a Páscoa cristã, e a Última Ceia tomada por Jesus e os seus discípulos é amplamente considerada pelos historiadores religiosos como uma refeição de Páscoa.

Sentámo-nos todos decorosamente à volta da mesa festiva. Foi feito um convite separado e solícito a Iraida. Ela levantou-se lentamente e com considerável esforço, apoiando-se no braço do sofá-cama. Não movia as pernas, mas arrastava-as, todo o corpo se esforçando enquanto se deslocava para a mesa. Quando todos estavam sentados, Aida serviu peixe recheado com bolinhos e matzá (o pão ázimo tradicional servido nesta festa). Tudo estava perfeito para um Seder de Páscoa. Wolf vestiu uma longa túnica branca cingida com um cordão branco, tal como o meu avô costumava fazer, e leu o serviço da festividade. Erguemos os copos e brindámos à Páscoa e à primavera. Depois Wolf deu um sinal e todos ficaram reverentemente em silêncio.

«Espero, tenho a certeza, que na Clínica Burdenko a Irochka será salva.»

Gritou nervosamente a última palavra.

«É verdade, Wolf?», o rosto de Iraida iluminou-se de esperança.

«Não é o Wolf Grigoryevich que fala, mas Messing.»

Era a segunda vez que ouvia Wolf usar esta frase, que já soava como uma incantação. Ao referir-se a si mesmo na terceira pessoa, distinguia os dois lados da sua personalidade e sublinhava a tremenda importância dos seus pronunciamentos.

Mais tarde, enquanto ajudava Aida com a louça, não consegui conter uma pergunta que há muito me atormentava: «Como é que não tens medo de estar com uma pessoa que lê os teus pensamentos?»

«Mas eu não tenho pensamentos maus», respondeu ela calmamente.

Também queria perguntar sobre Iraida e sobre a saúde do próprio anfitrião, mas percebi que não era o momento oportuno. Escurecera e era hora de ir. Agradeci-lhes a cordialidade e o jantar festivo, e fui para casa.

4

Os primeiros anos de Wolf

A nossa amizade tornou-se mais forte com o passar do tempo. Notei que os Messing me tratavam como um membro da família. Partilhavam os seus pensamentos e planos mais apreciados, e muitas vezes iam claramente além dos limites da boa vontade comum. Eu, por meu turno, tentava ser igualmente generoso com eles.

Algumas semanas após a Páscoa, os Messing convidaram-me para um conselho de família extraordinário, convocado para decidir se Iraida deveria ser operada à coluna. Já me era claro que ela não conseguia andar porque tinha um tumor. O conselho de família era uma mera formalidade; tudo já estava decidido.

A Clínica Burdenko não era apenas uma das instituições médicas mais famosas da União Soviética, era também uma das mais elitistas, equipada com o equipamento mais moderno e com os especialistas mais proeminentes. Não era fácil, por regra, ser aceite ali para tratamento. Era preciso ser membro da elite da sociedade, ter uma alta patente militar ou, pelo menos, ser um cidadão proeminente. Mesmo neste último caso, alguém tinha de puxar os cordelinhos adequados.

Nikolai Burdenko fora um dos médicos mais talentosos e inovadores do país. Mesmo durante os anos mais difíceis para a ciência soviética — os chamados anos de Lysenko, quando o dogmatismo dominava a investigação —, Burdenko seguira o seu próprio caminho.

Trofim D. Lysenko era um biólogo e agricultor cujas teorias receberam o total apoio de Estaline e causaram sério perigo e fricção entre os cientistas soviéticos. Estaline adotara a doutrina de Lysenko — de que as características adquiridas através de influências ambientais são herdadas — e aqueles que se opunham a este conceito viram-se não só ostracizados na comunidade científica, mas em alguns casos presos, exilados e até mortos.

O «lisenkoísmo», como ficou conhecido, atingiu o seu auge por volta de 1948, quando foi oficialmente endorsado como uma aplicação científica do materialismo marxista. Inicialmente limitado à genética, rapidamente se estendeu a áreas que iam desde a cultura de plantas à medicina. O quão arriscada era qualquer tipo de oposição ao «lisenkoísmo» pode ser visto nos procedimentos da Academia Lenin de Ciências Agrícolas, que se reuniu a 31 de julho de 1948, com o apoio pessoal de Estaline.

O opositor mais franco de Lysenko, Nikolai I. Vavilov, o geneticista mais proeminente da União Soviética, foi enviado para um campo de trabalho na Sibéria, onde morreu durante a Segunda Guerra Mundial. Nos últimos anos, com a perestroika (reestruturação), o período de Lysenko tem sido objeto de extensa análise retrospetiva, e homens de princípios como Vavilov têm sido reconhecidos como mártires da ciência.

Burdenko permanecera à margem da controvérsia de Lysenko, em grande parte porque o seu campo era em si mesmo relativamente não controverso, sendo a neurocirurgia parte das ciências exatas. Foi um pioneiro na neurocirurgia e também contribuiu materialmente para a cirurgia de campanha militar. Alcançou reconhecimento internacional, sendo nomeado membro honorário da Royal Society, de Londres. Burdenko, aparentemente por pura sorte ou descuido, não só escapou aos expurgos de Estaline no Partido Comunista e nas forças armadas que ocorreram por volta de 1937, como foi de facto nomeado cirurgião-chefe do exército nesse ano.

Imaginem como Iraida Mikhailovna se sentia nervosa no dia da operação. Como se tratava de uma operação à coluna, o mais pequeno erro poderia resultar na sua paralisia completa. E a anestesia tinha de ser administrada através de um tubo diretamente na traqueia. Embora o

hospital possuísse o equipamento mais atualizado, a anestesia por intubação ainda era algo novo naqueles anos. Poucos conheciam a técnica e, na maioria das vezes, empregava-se uma máscara de éter. Só muito mais tarde a intubação com uma mistura de oxigénio, éter e óxido nitroso se tornou prática padrão nas nossas clínicas.

Felizmente, as nossas ansiedades foram rapidamente aliviadas; a operação foi um sucesso. Wolf já vira este desfecho e parecia calmo, mas fumara continuamente na sala de espera.

Devo salientar que Wolf não teve nada a ver com a admissão da cunhada neste hospital prestigioso. Oponha-se a qualquer tipo de favorecimento e nunca usou a sua fama em benefício próprio. Era demasiado modesto e tímido para isso.

Sabíamos que a operação fora um sucesso técnico, mas isso só significava que Iraida sobrevivera ao calvário. Não havia complicações aparentes. Um sucesso total, no entanto, dependia de Iraida recuperar completamente o uso das pernas. Todos partilhávamos o mesmo pensamento enquanto nos reuníamos à volta da cama dela algum tempo após a operação: conseguiria ela levantar-se? Depressa o soubemos. Embora cansada e desajeitada no início, levantou-se! Regressámos a casa felizes e contentes. Os poucos passos que Iraida deu na presença dos médicos e diante dos nossos olhos foram uma inspiração. A previsão de Messing cumprira-se.

Após o jantar naquela noite, os Messing e eu sentámo-nos a relaxar e a conversar. Soube que Iraida fora atriz enquanto vivera e trabalhara em Leninegrado. Sobrevivera ao bloqueio de Leninegrado e à morte do marido, que ela própria enterrara. Quando o cerco terminou, sofria de distrofia total.

Embora este não seja um livro de história nem um comentário sobre os eventos da Segunda Guerra Mundial, o leitor deve ter em conta que o total esgotamento e subnutrição de Iraida, juntamente com a morte do marido, representavam um microcosmo da enorme tragédia da cidade de Leninegrado. Os historiadores soviéticos ainda agora se esforçam por preencher o que chamam de «manchas brancas» na versão oficial das últimas sete décadas. Entre estas questões está a causa que levou a Segunda Guerra Mundial à União Soviética, o pacto Hitler-Estaline, que levou à divisão da Polónia e à eventual invasão da União Soviética pela Alemanha nazi. Os historiadores debatem-se com a tarefa de rever a história da guerra, com particular atenção à conduta aparentemente confusa e

implacável de Estaline num conflito que então conhecíamos apenas como a Grande Guerra Patriótica da União Soviética — um conflito de que conhecíamos apenas uma fração minúscula.

Em retrospetiva, o bloqueio alemão a Leninegrado, que causou a morte por fome de incontáveis cidadãos, parece ter sido uma certeza estratégica, dado o rápido avanço dos exércitos alemães e a falta de preparação das defesas soviéticas. Estaline assumira que Hitler respeitaria, de facto, o pacto que os dois homens assinavam. Os historiadores determinam agora que houvera tempo amplo, transporte e apoio logístico para evacuar uma grande parte da população de Leninegrado; na verdade, a defesa daquela grande cidade teria sido muito mais eficaz se as forças armadas não tivessem de providenciar a manutenção de milhões de homens, mulheres e crianças.

Como os historiadores soviéticos começam agora a reconhecer, a insistência de Estaline em que Leninegrado não fosse tão «derrotista» criou o problema. A sua defesa foi empreendida por todos os habitantes até ao último, independentemente do custo. Esta exigência de sacrifício taticamente desnecessário corria paralela à profunda desconfiança de Estaline em relação aos soldados soviéticos. Na verdade, quando regressavam a casa dos campos de prisioneiros de guerra alemães, eram imediatamente enviados para campos de internamento soviéticos porque Estaline mantinha que — tal como o povo de Leninegrado — deveriam ter lutado até à morte.

Assim, quando Iraida veio para Moscovo física e emocionalmente esgotada, representava uma tragédia humana muitas vezes maior do que ela própria. Mas nenhum de nós tinha o conhecimento ou a perspetiva histórica para compreender que, tanto quanto agora podemos julgar, a morte do marido e o seu próprio sofrimento tinham sido evitáveis. Após a guerra, veio viver com a irmã e Messing. Às quatro horas parecíamos ter esgotado os temas de conversa do dia, e senti que estava quase na hora de me ir embora. De repente, porém, Wolf acendeu um cigarro e disse: «Queres que te conte sobre mim?»

«Mas eu sei tudo sobre ti pela Aida.»

«Não, nem tudo. O que a Aida diz sobre mim é uma coisa; outra é o que eu digo sobre mim mesmo!»

Estava prestes a ouvir a história de Wolf pela primeira vez. Dez anos mais tarde, Wolf usou as minhas notas desta conversa para a sua autobiografia, Sobre Mim Mesmo. É uma narrativa fascinante.

«Sou um mau contador de histórias», começou Messing. «Mas um dia terei de tentar contar tudo o que está guardado neste frasco.» Sorriu ao bater na testa. Tirou outro cigarro do maço com os seus dedos longos e ossudos, acendeu-o e inalou com evidente prazer.

Wolf era um mau contador de histórias; frequentemente avançava ou repetia-se. Tive de seguir o fio da narrativa com rigorosa atenção, só para captar a essência. Muitas vezes tive de lhe pedir para repetir coisas, por vezes nos pontos mais interessantes. Mas ele não se zangava e repetia tudo o que eu não entendia.

«Nasceu na véspera do novo século — 10 de setembro de 1899, na pequena cidade de Gora-Kalwaria, perto de Varsóvia», explicou. «Naquela altura, fazíamos parte do Império Russo. A vida dos judeus naquela pequena cidade era dura, como era, aliás, para muitos outros. Era uma existência monótona, cheia de medo, superstição e luta por pedaços de pão, por um pequeno lugar ao sol.

«Saí de casa muito cedo, por isso não posso relatar tudo sobre a vida da nossa família. O meu pai trabalhava num jardim que não nos pertencia, e tratava de árvores de fruto e arbustos de framboesas e groselhas. Ainda agora vejo claramente os olhos ternos da minha mãe, e os meus irmãos com os seus jogos alegres e briguentos. A visita do famoso escritor Sholom Aleichem, já então uma figura importante na literatura judaica, foi muito memorável — como poderia ter sido de outra forma!» Parou momentaneamente e inalou profundamente o cigarro.

«Ele não viera fazer uma visita especial à nossa remota pequena cidade», explicou Wolf. «Estava apenas de passagem. Mas o destino concedeu-me um encontro pessoal com ele. Tinha uma pequena barba, um bigode farto e, o mais importante, um olhar bondoso e atento que emanava debaixo dos seus óculos. Deu-me uma palmadinha suave na bochecha e, por algum motivo, declarou que eu teria um futuro brilhante. Isto, claro, não era a predição de um profeta. Sholom Aleichem simplesmente queria ver um futuro célebre em cada rapaz judeu. Nunca mais tive ocasião de encontrar este homem extraordinário, mas, a partir desse ponto da minha infância, passei a amá-lo de todo o coração pelo grande humanismo dos seus livros.

«A nossa família era religiosamente ortodoxa, por vezes ao ponto do fanatismo. Os pensamentos de Deus permeavam não só a consciência dos meus pais, mas cada passo e ação insignificante nas suas vidas. Olhavam para Deus como um amo exigente mas justo dos destinos dos homens. Ao contrário da minha mãe, o meu pai não nos mimava com afeto. Tinha a mão pesada e era rápido a levantá-la. Deus não permitisse que um de nós fosse ter com ele com uma queixa! Não gostava de resmungões e choramingas e podia açoitar-nos sem piedade só porque alguém nos ofendera antes dele. Tentava educar-nos como pequenas feras rudes e resistentes, capazes de se defenderem num mundo duro e impiedoso.

«Compreendes, Taibele», disse Wolf, interrompendo-se e virando-se diretamente para mim. «Infelizmente, não tenho fotografias — nem do meu pai, nem da minha mãe, nem de nenhum dos meus irmãos. Vivi em tempos difíceis. A minha mãe morreu de ataque cardíaco com o meu nome nos lábios, e o meu pai e irmãos morreram de mortes violentas no campo de concentração de Majdanek e no gueto de Varsóvia.»

Com o punho cerrado, levou o cigarro aos lábios. O diamante no seu dedo brilhou com uma luz febril.

«Aos seis anos de idade, fui para uma escola judaica para estudar. A principal disciplina do currículo era o Talmude, que tinha de ser aprendido de cor. Tinha boa memória e conseguia isso com facilidade. Os meus professores até me apresentavam como exemplo aos alunos mais preguiçosos. Foi por isso que me apresentaram a Sholom Aleichem.

«Quando criança, não duvidava da existência de Deus. Qualquer outra visão parecia blasfema, criminosamente audaciosa. O rabino, notando a minha piedade precoce, decidiu enviar-me para a ieshivá *(sessão de estudo)* para me preparar para serviços religiosos e devoção. Os meus pais ficaram extremamente satisfeitos; consideravam isso uma grande honra. E a palavra do rabino era considerada absoluta. Mas tenho de admitir que não fiquei muito contente com tal viragem dos acontecimentos. Porquê? Não sei… talvez estivesse cansado de decorar, ou talvez fosse outra coisa… mas comecei a protestar resolutamente contra o destino que me preparavam. Suplicaram-me com persistência e, quando isso não resultou, bateram-me. Mas eu também persisti, e por fim deixaram-me em paz.»

Wolf bateu na palma da outra mão para ajustar o anel, que se desviara. Continuou.

«Uma vez, ao cair da tarde, o meu pai enviou-me à loja para comprar fósforos. O crepúsculo caía, e já estava escuro quando regressei a casa. E foi aqui que ocorreu o primeiro «milagre» da minha vida, aquele que selou o meu destino. Estava cheio de significado.

«Nos degraus do alpendre, nas manchas do pôr do sol que se desvanecia, uma figura gigantesca vestida de branco apareceu diante de mim. Ainda agora ouço as suas palavras, ditas numa voz grave de baixo.

«Meu filho! Sou enviado até ti do alto para determinar o teu futuro. Torna-te estudante de ieshivá! As tuas orações agradarão ao céu!»

Wolf calou-se, recordando vividamente a visão da infância. Após uma pausa de vários momentos, recomeçou, mas a voz estava muito mais baixa.

«É difícil para mim transmitir o estado em que fiquei após o encontro com o gigante misterioso. Devem lembrar-se de que então eu era misticamente impressionável. Devo ter perdido a consciência, porque, quando recobrei os sentidos, vi os rostos dos meus pais sobre mim, orando em êxtase. Depois de me acalmar, lembrei-me do que acontecera e contei aos meus pais. A minha mãe abanou a cabeça com tristeza, murmurando algo incoerente. O meu pai, exibindo admirável contenção e concentrando-se por um momento em alguma reflexão interior, pronunciou de repente: «Então Ele assim o deseja!»

«Fiquei tão abalado, e as palavras do meu pai eram tão pesadas e decisivas, que deixei de resistir.»

Wolf parou novamente e pediu um copo de chá forte. Permaneceu em silêncio enquanto a chaleira aquecia, e até parecia deprimido. Olhava para o vazio, distraído. Mas alguns goles de chá reanimaram-no. As rugas na ponte do nariz e na testa alisaram-se, e o olhar aqueceu-se. Julguei que agora era o momento de estimular a sua memória, de despertar no seu coração tudo o que fora reprimido durante tantos anos. Mas Wolf permaneceu em silêncio. Não querendo apressar as coisas, esperei simplesmente com paciência. Examinei o seu anel — um anel que nunca removia. Quatro dentes de platina seguravam um diamante largo e maciço de aproximadamente três quilates.

Após mais alguns goles de chá, Wolf pediu-me permissão para continuar.

«A escola religiosa ficava noutro povoado», explicou. «Pela primeira vez, saí da casa do meu pai para começar uma vida independente. Orações,

o Talmude, tudo se passava dentro dos limites da casa de oração onde vivia.

«Em breve, tive outro choque. Um dos peregrinos religiosos que frequentemente se abrigavam na nossa escola era o «mensageiro do céu», aquele que anunciara a minha vocação em nome de Deus! Reconheci-o imediatamente pela sua enorme altura e pela voz invulgar. Pensei: «Então tudo isto fora armado pelo meu pai!»

«Aquele evento abalou a minha fé, que antes fora tão profunda. Como poderia Deus ter permitido que este pagão falasse em Seu nome! Agora acredito que o engano do meu pai foi o fator chave na minha decisão de não me tornar rabino. A partir desse momento, tornei-me ateu.

«Desiludido, deixei tudo e parti para partes desconhecidas.»

Parou de repente e olhou para mim com um piscar de olho malicioso nos olhos cansados.

«Oh, esqueci-me completamente de algo, Taibele. Esqueci que, antes de deixar a escola, cometi três crimes, um dos quais não pode ser considerado outra coisa senão sacrilégio. Vinguei-me de Deus sabe quem ou porquê. Roubei uma caixa de esmolas na qual os crentes judeus colocavam as suas doações para a Palestina, abri-a à força e fiquei com o conteúdo. A minha consciência vingou-se cruelmente de mim pelo meu ato. Tornei-me repulsivo para mim mesmo, tendo sujado a minha alma por aqueles miseráveis dezoito grosz — nove kopeques…

«Com este capital, parti para vagabundear pelo mundo, ou, mais corretamente, fugi da escola. Na altura, tinha apenas onze anos, mas compreendia que, da estação de comboios para onde me dirigia, partiam estradas em todas as direções. Cheguei à estação tão faminto que não resisti a cavar batatas do jardim de um estranho e a assá-las nas cinzas de uma fogueira. Este foi o meu segundo crime contra os mandamentos: roubei. Enquanto estava na estação, trepei para o primeiro comboio que passou, que, como se veio a descobrir, seguia para Berlim. Havia apenas algumas pessoas na carruagem, e por isso as hipóteses de ser apanhado sem bilhete eram maiores. Escondi-me debaixo do assento da carruagem, e ali adormeci. Essa foi a minha violação final das leis da sociedade. Enquanto dormia, devo ter-me esticado de tal forma que as pernas se projetaram, e o primeiro revisor que passou viu-as.

«Sem cerimónias, pediu-me o bilhete. Tentei febrilmente pensar numa saída para a situação desagradável. Os meus nervos estavam tensos ao

limite, e encolhi-me numa bola apertada, preparando-me para saltar como um lince da floresta. Inconscientemente, apanhei o primeiro pedaço de papel que me chamou a atenção e entreguei-lho. Os nossos olhares cruzaram-se. Como eu queria que ele aceitasse aquele pedaço de papel sujo como bilhete!

«O revisor pegou nele, rodou-o, e olhou para mim de sob as sobrancelhas. Ainda encolhido numa pequena bola, sugeri-lhe mentalmente: «É um bilhete… um bilhete… um bilhete…»

«As mandíbulas de ferro do furador de bilhetes estalaram. Devolvendo-me o «bilhete» e sorrindo benevolentemente, perguntou-me o que estava eu a fazer debaixo do assento!

«Foi a primeira vez que o meu poder de sugestão se manifestou.»

O telefone tocou inoportunamente, pois a história de Wolf estava a tornar-se cada vez mais cativante. Aida atendeu. Era o hospital a ligar para nos dizer que Iraida fora colocada num regime um pouco menos rígido, indicando que estava a melhorar. Todos nos alegramos com a notícia, e Wolf e Aida decidiram encomendar comida para a doente no restaurante de um hotel de luxo próximo. Tinham vivido naquele hotel durante quase quatro anos e eram bem conhecidos lá. Mudaram-se após a guerra, quando uma extrema escassez de habitação atingiu Moscovo; por ordem pessoal de Estaline, foi-lhes atribuído o apartamento atual na Rua Novopeschanaya.

A esta altura, os meus leitores devem estar a perguntar-se como e porquê Messing conseguiu manter-se nas boas graças de um homem tão sádico e paranoico como Estaline. Se não o soubemos durante os anos em que realmente vivemos sob Estaline, estamos agora a aprender cada vez mais dos historiadores contemporâneos quão implacável e imprevisível ele era. Eu próprio especulei longa e cuidadosamente sobre a estranha relação entre o infame homem no Kremlin, Joseph Estaline, e o homem único no palco, Wolf Messing.

Para o que valer, a implacabilidade de Estaline para com opositores reais e suspeitos foi talvez realmente causada pelo medo de forças desconhecidas, elementos sobre os quais nem mesmo o homem poderoso tinha controlo. De forma não ameaçadora, Wolf Messing representava estas forças para Estaline. Se Estaline realmente sentisse que Messing podia, por exemplo, ler os seus pensamentos e assim conhecer os seus planos, provavelmente tê-lo-ia mandado matar imediatamente. Em vez disso, os dons de Messing eram desconcertantes, inspiradores de temor, mas em

última análise limitados pela sua personalidade encantadora e não ameaçadora.

Estaline poderia ter visto, consciente ou inconscientemente, na pessoa de Wolf Messing, uma forma de domar, ou mesmo de enjaular, alguns dos poderes que o mantinham cativo. Lembremo-nos de que este ateu confesso, este marxista sempre materialista, era um homem criado no que é agora a Geórgia soviética por uma mãe profundamente religiosa, e educado num seminário ortodoxo. Virou-se do seu passado e formação religiosa inicial para o dogma marxista, mas bem pode ter retido um temor básico, e mesmo primitivo, pelo sobrenatural.

Permitir que Messing participasse dos privilégios da elite soviética pode ter sido, para Estaline, uma forma de garantir que o dom de Messing permanecesse «domado» e não fosse usado de maneira ameaçadora para ele.

Eles, e Messing, podiam ser mantidos sob controlo. Até sabermos muito mais sobre a constituição mental de Estaline, até que os registos psiquiátricos da Administração Médica do Kremlin sejam revelados (se alguma vez o forem!), tudo isto terá de permanecer especulação. Ainda assim, favores especiais, como o apartamento separado, indicam uma ligação invulgar entre os dois homens. Mas agora, regressemos à história de vida de Wolf, tal como ele continuou a contá-la.

«E então, Berlim!», prosseguiu. «Anteriormente, ouvira de alguma forma que na capital da Alemanha os judeus pobres ficavam na Dragonerstrasse, e procurei esta rua, onde realmente havia uma casa para recém-chegados. Tornei-me moço de recados e fazia os trabalhos mais sujos. Entregava coisas, lavava louça, engraxava sapatos, esfregava pisos. Considerava estes os dias mais difíceis da minha vida dura.

«Berlim sobrecarregou-me com a sua população e massividade, e com a multidão de tentações que requeriam dinheiro que eu, infelizmente, não possuía.

«Uma vez, enviaram-me para os subúrbios para entregar uma encomenda. Os efeitos da minha subnutrição crónica finalmente fizeram-se sentir, e desmaiei numa estrada de Berlim. Levaram-me para o hospital, disseram-me depois, sem pulso ou qualquer outro sinal de vida, e colocaram-me na morgue. Teria sido sepultado numa vala comum de indigentes se não fosse o puro acaso, ou talvez uma providência bondosa.

Um estudante praticante notou que o meu coração batia, embora debilmente, e fui salvo…»

A campainha tocou nesse momento, e fomos novamente interrompidos exatamente quando Wolf chegava a um momento culminante na sua narrativa. O pastor-alemão, que estivera deitado debaixo da mesa a ouvir o dono, foi o primeiro a correr para a porta. A nossa visitante era uma jovem, com pouco mais de vinte anos, do restaurante de Moscovo. Entregou um pacote cheio de comida a Aida. Os Messing agradeceram-lhe calorosamente pela entrega rápida; só passara uma hora desde que a encomenda fora feita.

«Não, obrigada eu», respondeu a estafeta. «A minha mãe trabalha no restaurante e conhece-vos há muito tempo. E eu sou estudante no instituto médico. Ouvi tanto sobre vós, mas nunca vos conheci, e por isso aceitei trazer-vos a encomenda com prazer.»

E, com isso, foi-se embora.

Wolf sentou-se novamente, mas não voltou à sua história. Já caíra a noite, e enquanto os Messing faziam planos para o dia seguinte, despedi-me deles e saí.

Caminhei de volta à estação de metro Byelorussian, e embora o percurso levasse mais de noventa minutos, não dei pelo tempo. Prestei pouca atenção ao trânsito e não me senti minimamente cansado. A única coisa na minha mente era Wolf Messing. Enquanto atuava, Messing parecia alheio ao nosso mundo familiar dos cinco sentidos. A sua energia nervosa transferia-se para todos os presentes, eletrificando virtualmente a sala. Mas em casa era um homem completamente diferente: calmo, afetuoso, elegante, prestável, sempre pronto com uma piada. Não parecia haver qualquer ligação entre a sua persona no palco e a sua personalidade na vida real. Era verdadeiramente um homem de mistério.

Atribuo a minha obsessão em aprender os segredos que se escondiam na sua mente à minha juventude. Muitos dos fenómenos estranhos que Wolf exibía trariam hoje à tona o lado numinoso de cada um de nós. É por isso que sinto que é essencial que a ciência investigue exaustiva e cuidadosamente os fenómenos psíquicos. Talvez possamos descobrir os fatores que lhes dão origem.

Foi uma pena que a chegada da jovem tivesse interrompido a história de Wolf. Consolei-me com o pensamento de que, mais cedo ou mais tarde, ele a completaria para mim.

Além destas questões, não podia deixar de me perguntar o que havia fisicamente errado com Wolf. Visível abaixo da sua orelha direita havia um tumor do tamanho de uma noz. Era difícil acreditar que ele pudesse estar doente como qualquer outra pessoa. Notara o tumor pela primeira vez em Tbilissi, e desde então perguntara-me se seria deslocado da minha parte dizer-lhe que a sua condição não era coisa para brincar. Compreendia perfeitamente por que razão ele o ignorava. Muito provavelmente, a sua preocupação com os outros — a cunhada, por exemplo — e a sua agenda apertada distraíam-no dos seus próprios problemas. Infelizmente, não podia expressar as minhas preocupações, pois estava prestes a partir de Moscovo para uma missão.

Quando regressei da viagem, soube que uma nova desgraça atingira a casa dos Messing: o próprio Wolf estava no hospital! Concordara em remover o crescimento atrás da orelha; felizmente, não houve complicações pós-operatórias. Quando o visitei no apartamento, já estava de pé e parecia em plena saúde.

«A operação não me incomodou», disse ele numa voz sarcástica. «Mas vai incomodar o meu público. Sei que muitos dos que assistiram aos meus espetáculos estavam convencidos de que eu conseguia ler pensamentos à distância por causa daquele pequeno caroço; que servia como antena de rádio ou de televisão.»

O que Wolf disse era verdade. Os rumores mais improváveis circulavam em Moscovo, e mesmo noutras cidades, sobre as capacidades espantosas de Wolf. Algumas pessoas estavam convencidas de que Messing tinha um recetor especial cosido debaixo da pele atrás da orelha, capaz de registar os impulsos cerebrais emitidos pelas pessoas ao seu redor. Esta operação presumivelmente fora realizada em segredo nalgum país estrangeiro. Outros rumores eram ainda mais fantásticos. Alguns acreditavam que, por uma soma enorme de dinheiro, uma segunda camada de cérebro fora implantada cirurgicamente no cérebro original de Wolf! As pessoas crédulas que acreditavam nisso viam o crescimento de Wolf como parte de um córtex saliente. Da mesma forma, corria o rumor de que, com o desaparecimento do tumor «suspeito» de Wolf, o seu dom invulgar também poderia desaparecer.

O único rumor com alguma verdade era que uma organização científica localizada num certo governo ocidental oferecera de facto, extraoficialmente, um milhão de rublos pelo cérebro de Wolf caso o psíquico morresse subitamente. Esta oferta não irritava Messing, que tirava

um prazer infantil de todo o alvoroço feito à sua volta. Ria-se com vontade quando falava da curiosa oferta.

«Bem, aconteça o que acontecer, o meu cérebro ficará aqui em Moscovo!», disse-me ele após a cirurgia.

A operação fora realizada por Boris Petrovsky, chefe de cirurgia no Primeiro Instituto Médico de Moscovo, que estava então no auge da sua fama; realizara uma multitude de operações difíceis. A sua lista de publicações científicas também era louvável. Mais tarde, atingiu o pico da sua carreira administrativa ao tornar-se Ministro da Saúde da URSS.

Como tudo correra tão bem, Wolf voltou ao trabalho em pouco tempo. Raramente realizava os seus experimentos psicológicos em Moscovo, mas geralmente viajava para os distritos periféricos da Rússia. Gostava especialmente de atuar perante públicos estudantis, que eram maravilhosos a inventar tarefas psíquicas complexas e criativas. O Bureau Nacional de Espetáculos, a agência governamental que patrocinava as atuações de Messing, estava especialmente bem disposta em relação às demonstrações do psíquico. Gostavam de usar os seus dons para promover a propaganda antirreligiosa, acreditando que os seus dons provavam que mesmo as forças sobrenaturais representavam simplesmente aquelas inerentes à mente. Talvez as forças fossem inexplicáveis, dizia o bureau, mas certamente não eram divinas. Enviavam-no para áreas como os Urais, a Sibéria e a Ásia Central, onde o sentimento religioso ainda prosperava.

Seria, no entanto, injusto dizer que Wolf aparecia apenas nas áreas rurais da URSS. O seu itinerário cobria o país de uma ponta à outra, incluindo muitas cidades importantes. Era recebido com entusiasmo onde quer que fosse.

No entanto, surpreendia-me que o próprio Wolf tentasse constantemente convencer o seu público de que não havia nada de sobrenatural ou místico nos seus poderes. Enfatizava continuamente que era uma pessoa comum, mas apesar das suas negações, estou longe de ter a certeza de que convenceu toda a gente. Algumas pessoas consideravam-no um santo vivo. Wolf não suportava este tipo de adulação. Mas suspeito que a sua atitude pública em relação aos seus dons apenas repetia a visão do governo soviético, que certamente não queria que Wolf promovesse o «sobrenaturalismo». Uma pista era o seu desprezo aberto sempre que era rotulado de «artista».

«É possível que eu seja um artista?», perguntava-me Wolf muitas vezes de forma patética. «Um artista prepara-se para o seu ato. Estuda e ensaia o seu papel. Sabe precisamente o que vai dizer e fazer. Eu não atuo até encontrar o sujeito. Não faço ideia do que será discutido, ou de que tarefa improvisada foi preparada para mim. No entanto, tenho de entrar no fluxo psíquico adequado com a rapidez de um relâmpago.»

Era verdadeiramente um paradoxo. O Bureau Nacional de Espetáculos dificilmente poderia ter listado Wolf Messing nos livros como: «Mágico, primeira categoria, salário — 180 rublos por uma sessão de magia.»

5

Enfrentando a Morte e o Desespero

Passaram sete anos, e a minha amizade com Wolf enchia-me de um orgulho crescente. Ao mesmo tempo, tinha de ser sempre tátil com ele, porque era uma pessoa de sensibilidade excecional. Wolf Messing magoava-se facilmente. O meu filho Sasha também se aproximou de Wolf nessa altura, e ele, por sua vez, afeiçoou-se ao rapaz.

Tentei deixar claro a Sasha que Wolf era uma pessoa com um dom invulgar, que por isso merecia ser tratado com sensibilidade especial. Tenho de dar o devido crédito ao meu filho; tratava Messing com grande respeito sem condescendência.

Sasha teve uma infância agitada. Por vezes parecia ter energia suficiente para três rapazes, e quando libertava toda essa energia, muitas vezes perturbava-me. Wolf divertia-se quando lhe contava as travessuras do meu filho, e convencia-me de que a criança acabaria por se tornar uma pessoa sensata e honesta. Tal elogio da parte de Wolf era, claro, um bálsamo para o coração de uma mãe.

Sasha sonhava em tornar-se médico desde pequeno, e Wolf aprovava ardentemente a sua escolha de carreira. Partilhava o entusiasmo de Wolf e falava muitas vezes com Sasha sobre o seu futuro. Penso que, com o tempo, Messing e eu conseguímos semear as sementes apropriadas no coração do rapaz. Sasha crescia sem pai, e Wolf tentava preencher as lacunas passando considerável tempo a falar com ele.

Aqueles poucos anos permanecem na minha memória como um período relativamente calmo e pacífico para ambas as famílias, mas poucas vidas continuam plácidas para sempre. De repente e quando menos se

espera, nuvens de tempestade aparecem no horizonte, oprimindo a alma com dor e melancolia.

A tempestade pessoal de Wolf ocorreu quando a sua esposa Aida caiu vítima de um tumor maligno na mama. A clínica apareceu novamente nas nossas vidas, e houve mais tratamentos e preocupações para nos ocupar. Após a remoção completa da mama, Aida requereu tratamento de seguimento extenso; sem dúvida Messing previra o desfecho triste mas inevitável. Tornou-se muito deprimido e havia uma tensão dolorosa na família. Iraida Mikhailovna ocupava-se exclusivamente da irmã doente, e ficava ao lado da cama até tarde da noite, cumprindo todas as ordens do médico e as do próprio Messing. Os cuidados constantes acabaram por dar fruto, e o cancro entrou em remissão… pelo menos durante algum tempo.

Admirava genuinamente Aida. Com que armas se armara para a vida? Que espírito tinha! Entre tratamentos de quimioterapia e radioterapia, acompanhava Messing em tournées e continuava a moderar os seus experimentos psicológicos. Durante uma viagem à cidade de Gorky, adoeceu gravemente e, acompanhada por uma enfermeira, regressou a Moscovo de barco a vapor. Nem sequer conseguia descer do barco sozinha e Wolf, reunindo todas as suas forças, carregou-a nos braços. A tournée pelo Volga, assim interrompida, seria a última da sua vida. A sua condição era tão grave que lhe administravam injeções contínuas enquanto estava no barco, só para a levar viva até Moscovo.

Desta vez, Wolf não a internou no hospital. Com trágica clareza, compreendia que mais tratamentos seriam inúteis. Sabia que este era o fim de uma história que começara anos antes em Tbilissi, quando lhe dissera pela primeira vez que a sua doença não era para brincar. Aida também sabia que estava a morrer, mas mesmo nessa condição o seu otimismo prevalecia. Enquanto vivia os seus últimos dias, tentava convencer Messing de que tudo correria bem. A família criou um ambiente completamente pacífico para ela em casa, e ninguém entrava na casa sem boa razão. A enfermeira que os acompanhara de Gorky, Antonina Alekseevna Frolova, mudou-se para lá. Mas, apesar desta atmosfera serena, a vida esvaía-se rapidamente dela.

Um dia, o Dr. Nikolai Blokhin e o Dr. Josef Kassirsky visitaram a doente. Blokhin, como diretor do Instituto de Oncologia, um investigador erudito e o brilhante cirurgião que operara Aida; Kassirsky, especialista em sangue, era altamente respeitado por Wolf. A sua amizade com a família Messing era social e não profissional. Embora fosse um homem erudito

com reputação mundial, Kassirsky, como tantos outros, não conseguia explicar os poderes de Wolf.

Era agora o início de junho, a época favorita de Aida. O aroma das tílias em flor — muitas cresciam debaixo das janelas — penetrava no apartamento após cada chuva. Ambos os especialistas sentaram-se em dolorosa contemplação ao lado da doente, como se culpados pelo tratamento mal sucedido do cancro de Aida. Também presentes estavam Antonina Alekseevna e Iraida.

Mais tarde, para não cansar a mulher doente, todos foram para a pequena mas acolhedora cozinha. Ninguém queria sair; não achávamos sensato deixar Wolf sozinho a ruminar. Com a morte inevitável de Aida, ele ficaria no mundo sem um único parente vivo além de Iraida. Wolf não conseguia ficar sentado num lugar, e levantava-se muitas vezes para andar de um lado para o outro. O Dr. Blokhin quebrou finalmente o silêncio desconfortável.

«Caro Wolf Grigoryevich, não deve ficar tão perturbado», disse ele. «Sabe, por vezes acontece que um doente está em estado crítico quando de repente se verifica uma melhoria, e o doente vive durante muito tempo em excelente saúde. Lembro-me…»

Wolf não o deixou terminar. Tremeu, as mãos sacudiram-se, e manchas vermelhas apareceram no seu rosto.

«Escute», disse ele, quase gritando, «não sou uma criança! Sou Messing! Não me conte disparates. Ela não vai recuperar. Ela… vai morrer.»

Parecia prestes a desabar, mas recuperou-se e ficou por um momento no meio da cozinha.

«Ela morrerá a 2 de agosto às sete horas da tarde», disse ele baixinho. Imediatamente amoleceu e afundou-se silenciosamente na cadeira. Olhei rapidamente para o Dr. Blokhin para captar a sua reação. Estupefato pela predição súbita, pouco se assemelhava ao médico habitualmente autoconfiante. Os seus olhos registavam tanto horror como respeito pela prognóstica e pelo seu provável cumprimento.

Deus, como eu queria que a clarividência de Wolf estivesse errada desta vez!

Reinava novamente um silêncio opressivo no apartamento, e, ao despedirmo-nos, ninguém disse uma palavra. Lançámos olhares de despedida uns aos outros, nada mais.

A predição de Messing não podia permanecer segredo; depressa se espalhou pelas comunidades médica e científica de Moscovo. Blokhin provavelmente contou aos colegas. Em todo o caso, o prognóstico sombrio do vidente depressa se tornou amplamente conhecido. Ninguém desejava a morte de Aida, mas uma curiosidade mórbida tinha toda a gente na sua garra. Quando chegou julho, a condição de Aida piorou visivelmente, a tensão na casa dos Messing aumentou, e os dias voaram mais rapidamente do que nunca.

Aquele agosto foi diferente de qualquer outro que me lembre. O primeiro do mês é o meu aniversário, mas pouco prazer tirei das felicitações que recebi. Só conseguia pensar em Aida e na predição do marido. Como desejava poder riscar o dia seguinte do calendário, para enganar tanto o destino como o tempo! Fumos de cigarro permeavam o apartamento, mas, quando entrei pela primeira vez, não vi imediatamente Wolf. Finalmente, avistei-o curvado sobre a mesa da cozinha.

Na manhã seguinte, recebi um convite para casa dos Messing. Ele chorava silenciosamente embora a morte ainda não tivesse entrado na casa. O silêncio era palpável: ressoava quase dolorosamente nos meus ouvidos. De vez em quando, amigos passavam para prestar o que seriam as suas últimas homenagens a Aida, e, como ela estava plenamente consciente, agradecia-lhes por terem passado. Nenhuma menção ao seu fim iminente escapava dela. Quando a noite caiu, começou a falar mais livremente, claramente e distintamente do que antes. Os seus pedidos tornaram-se mais frequentes — substitui a enfermeira que fora para casa — e às seis e meia pediu-me um copo de água. Seria o seu último pedido; exatamente às sete horas, Aida Mikhailovna morreu. A morte, como se escrava da vontade do psíquico, chegou com uma precisão de um minuto em relação à predição de Wolf.

Os três — Wolf, Iraida e eu — velámos em silêncio toda a noite em profundo luto. Wolf fumou inúmeros cigarros, soluçando e gemendo histericamente.

Aida foi sepultada a 5 de agosto na secção judaica do cemitério Vostryakov em Moscovo. Todos os ritos religiosos apropriados foram observados; Messing queria que fosse assim. O cantor era seu amigo. Uma multitude de amigos e conhecidos assistiu ao funeral. Alguns dias mais

tarde, ergueu-se uma cerca em volta do terreno, e colocou-se lá uma placa de mármore negro inscrita com o nome de solteira de Aida: Aida Mikhailovna Rapoport.

A partir dessa altura, todos os anos a 2 de agosto, às sete horas da tarde, amigos próximos reuniam-se no apartamento da Rua Novopeschanaya para honrar a memória da esposa, amiga e ajudante de Wolf Grigoryevich Messing.

Após o funeral, Messing caiu num estado de profunda depressão. Ia além das suas forças até atender o telefone quando tocava, e tinha dificuldade em vestir-se ou preparar uma refeição simples.

A situação era tanto irónica como trágica. No palco, podia dar ordens dramáticas aos outros simplesmente com o poder da sua vontade. Podia forçar o público a executar todos os seus desejos. Mas, ao lidar com as suas próprias emoções, Wolf era impotente!

Wolf permaneceu nesta profunda depressão durante nove meses, e o silêncio que permeava o apartamento era opressivo. As visitas lá eram provações dolorosas, e parecia que Messing nunca mais seria o mesmo.

Tendemos a dedicar-nos a muitos empreendimentos para tornar as nossas vidas interessantes e construtivas; dedicamo-nos de forma mais empenhada às nossas carreiras e à educação dos nossos filhos. Tais empreendimentos trazem-nos não só satisfação psicológica e um sentimento de utilidade, mas ajudam-nos a suportar as adversidades da vida. Através deles, recuperamos mais rapidamente das doenças e desgraças que encontramos ao longo dos caminhos da vida. Como Wolf não tinha filhos, restava apenas um propósito: o seu trabalho amado. Nos primeiros meses após a morte da esposa, no entanto, ninguém tentou sequer falar-lhe sobre continuar as suas atuações.

A cunhada de Wolf teve de assumir a gestão da casa. Era uma mulher voluntariosa com um temperamento sombrio (raramente sorria), e nunca conseguira expressar os seus sentimentos em relação à morte da irmã. Em vez disso, tentou tudo ao seu alcance para devolver Wolf à vida.

Cerca de seis meses após a morte de Aida, abordou o tema do trabalho. Wolf apenas estremeceu dolorosamente.

«Não consigo! Não consigo. Não sinto nada!», respondeu ele, quase chorando.

Apesar da sua relutância em continuar a vida, Iraida e eu regressávamos delicadamente a esta sugestão diariamente. Esperávamos incutir em Wolf uma confiança renovada no seu sexto sentido. Após cerca de três meses a reforçar Wolf neste aspeto, as nossas sugestões — aliadas aos seus próprios recursos internos — finalmente elevaram-no do seu desespero. Ele próprio começou a falar em regressar ao trabalho.

Em nenhum momento durante aqueles muitos meses sombrios vi qualquer evidência de Messing, o telepata. Parecia que a morte da esposa aniquilara os seus poderes. No entanto, os seus poderes psíquicos eram um dom natural, não o resultado de um treino deliberado, e por isso estavam apenas temporariamente suprimidos.

Assim, Messing acabou por regressar ao trabalho. Mas havia ainda outro problema com que lidar. Quem ocuparia o lugar da falecida esposa na condução e supervisão dos seus espetáculos? Wolf e Iraida ofereceram-me essa função. Relutei em aceitar; não sabia se tinha resistência para aparecer em palco. Possuía as outras qualidades necessárias e era devotada a Wolf, mas no fim recusei a oferta porque ainda estava absorvida no meu trabalho como repórter. Não teria podido viajar com Messing nas suas constantes tournées.

Outro fator complicava a situação: agora tinha um segundo filho. A natureza não mo concedera; fora um presente do destino. Enquanto trabalhava numa missão num orfanato em Bacu (no Mar Cáspio, no Azerbaijão), conheci uma criança que queria que eu o adotasse. Vladimir tornou-se o meu segundo filho e o mais velho.

Após a minha recusa, Wolf e Iraida pensaram numa velha amiga, Valentina Iosifovna Ivanovskaya, e ofereceram-lhe o cargo. Ela encaixava perfeitamente nos requisitos do palco: tinha uma bela figura e nervos de aço — características importantes para a assistente de Messing. Tinha também uma excelente dicção. Embora fosse uma escolha perfeita, ainda era necessário «mostrar-lhe o caminho» — familiarizá-la com os protocolos de Wolf e incutir-lhe algumas competências básicas de representação. Assim, enquanto Iraida preparava Valentina, Wolf recuperava lentamente as suas próprias capacidades. Dentro de um ano, Wolf Messing estava pronto para aparecer perante o público em toda a sua glória.

Estes desenvolvimentos ocorreram enquanto eu convalescia em Sochi, uma cidade no Mar Negro, após um infeliz acidente. Pouco antes do regresso de Wolf ao palco, fui acidentalmente exposta a radiação numa

zona de extração de urânio nas montanhas de Tian Shan enquanto estava em missão. Os hematologistas que consultei prescreveram tratamento imediato num resort à beira-mar no Cáucaso, embora não conseguissem explicar que benefício tiraria do mar! Tendo sempre gozado de saúde física completa, esta doença imprevista abateu-me; considerei desnecessário contar a alguém. Mantive-a especialmente de Messing, pois era tão pouco tempo após o seu próprio sofrimento.

A estação outonal à beira-mar passara, mas um verão índio concedia o seu calor benevolente. Mesmo nessa altura do ano ainda era possível nadar. Sentada num montículo na praia, pensando em nada em particular, ouvi de repente uma voz melodiosa de mulher.

«Wolf Grigoryevich, venha para aqui», disse a mulher. «É o sítio mais ensolarado!» Tal nome não podia pertencer a mais ninguém! Estremeci e virei-me para ver Wolf a sair do hotel. Ficámos encantados por nos vermos. O psíquico apresentou-me a nova diretora. As suas funções no palco eram as mesmas que Aida desempenhara — apresentar Wolf, explicar os procedimentos e fazer um comentário corrido. As suas responsabilidades eram, no entanto, na verdade muito mais amplas. Tratava das negociações para os espetáculos, fazia reservas de viagens e hotéis, e preparava as refeições de Wolf se não comessem nos restaurantes locais. Ainda tinham três dias e dois espetáculos para dar em Sochi, por isso encontrámos muito tempo para passeios e conversa.

Valentina sugeriu que Wolf se despedisse de mim cedo na última noite; o voo deles para Moscovo estava marcado para partir cedo na manhã seguinte. Mas Wolf disse que preferia passar toda a noite a passear comigo no tempo quente e ameno. Vagueámos pelo passeio marítimo de Sochi durante horas. O pôr do sol delicadamente colorido mudou para azul-escuro, o mar escureceu, e névoas erguiam-se da água. Do passeio marítimo, caminhámos para o bulevar. As nossas tentativas de conversa de alguma forma fracassavam. Há muito adquirira o dom de percecionar os estados de espírito do meu amigo, e via que pensamentos dolorosos o oprimiam. Decidi quebrar o silêncio: perguntei a Wolf se queria regressar a Moscovo. «Não», respondeu ele com firmeza.

Só mais tarde compreendi a razão: a cunhada criava uma atmosfera tensa em casa, pressionando continuamente Wolf para dedicar todo o seu tempo livre à sepultura de Aida. Sem dúvida, a memória e a sepultura do cônjuge são sagradas, mas Iraida impunha exigências monstruosas, requerendo que Wolf fizesse visitas diárias ao cemitério, tal como ela

própria fazia. Isso não podia deixar de perturbar o equilíbrio mental de Messing.

De forma alguma Wolf podia ser repreendido por negligenciar a sepultura da esposa. Dentro de um ano após a morte dela, erguera um belo memorial à sua memória. Um busto de mármore branco de Aida assentava num pedestal de granito negro com cinco pés de altura. O seu sorriso suave e bondoso ficara preservado para sempre na bela escultura.

Aqui em Sochi, Wolf afastava-se do pesadelo em casa. Apesar de dores periódicas nas pernas enquanto caminhava, queria ver o mundo em toda a glória que lhe fora negada durante tanto tempo. As vistas e sons de Moscovo já não deleitavam os seus sentidos; aqui em Sochi, tudo parecia verão.

As horas passaram rapidamente. Embora fosse tempo de eu ir dormir, compreendia que a noite não devia ser interrompida. Wolf precisava de descontrair, mesmo na minha presença silenciosa, e eu não queria deixá-lo.

6

O Cadáver Vivo

«Então, disse-te que acordei entre os cadáveres na morgue», disse-me ele inesperadamente, como se não tivesse passado tempo desde a última vez que me falara da sua vida. Pronunciou estas palavras tão rapidamente e indistintamente que não compreendi imediatamente a que se referia.

De repente, caiu-me a ficha! Não podia acreditar. Passaram sete anos desde que ele começara, exatamente da mesma maneira, a contar-me a história da sua vida. Nenhuma pessoa normal poderia reter tal memória, mas Messing retomou a narrativa precisamente onde a deixara quando a estafeta o interrompera (ver capítulo 4). Enquanto caminhávamos pelas ruas de Sochi, Messing mergulhou nas suas recordações.

«Devo a vida àquele estudante praticante», continuou Wolf, «mas só recuperei a consciência ao terceiro dia pelas mãos do Professor Abel, um neuropatologista. Devo-lhe também outra coisa: merece o crédito por descobrir os meus poderes, com os quais agora estás muito familiarizada.

«Recuperei a consciência mas ainda estava de olhos fechados. Havia um vazio abafado na minha cabeça misturado com sons altos e desconexos. De repente, as palavras de alguém «apareceram» na minha cabeça: ‘Isto

tem de ser comunicado à polícia, e depois tem de se encontrar um abrigo para o rapaz.'

«Abri os olhos. Um homem de aspeto bondoso vestido com uma bata branca estava sentado na beira da cama a tomar-me o pulso. Era Abel. Numa voz fraca e ainda debilitada, disse: 'Por favor, não chame a polícia, e não me envie para um abrigo.' Os olhos do homem arregalaram-se e a boca abriu-se. Mas recompôs-se. 'Mas eu disse isso?', perguntou.

«'Não sei', respondi, 'mas estava a pensá-lo.'

«O Dr. Abel convidou o seu colega, um psiquiatra chamado Schmidt, para me examinar», continuou Wolf, «e deram-me as ordens mentais silenciosas mais simples: abre a boca, fecha os olhos, levanta os braços, e assim por diante. No dia seguinte, realizaram experiências mais complicadas. A esposa de Schmidt foi a minha indutora, e as tarefas eram em alguns aspetos semelhantes às que faço hoje.

«O Dr. Abel passou muito tempo a trabalhar comigo, procurando novas variações das minhas capacidades telepáticas. Ensinou-me a controlar a minha vontade e psique, e ensinou-me confiança.

«Mais tarde, Abel apresentou-me ao meu primeiro empresário, o Sr. Zellmeister, um homem corpulento, astuto, implacável e intenso. Enredando-me num labirinto de uma quantidade inacreditável de contratos, mantinha-me firmemente na mão, enquanto fingia ser um benfeitor preocupado apenas com o meu bem-estar. A verdade é que os empresários exploram sempre sem piedade as suas 'mercadorias'.

Eu também não escapei a tal situação, pois o meu empresário ganhava sempre incomparavelmente mais do que eu. Mas eu estava então sem fundos nem amigos, e não me queixava da viragem dos acontecimentos. O que conhecera antes era pior. Zellmeister vendeu-me, como se eu fosse seu escravo, ao Panoptikum de Berlim, provavelmente por muito dinheiro.

«Agora, isto pode parecer inacreditável, mas naquela altura as pessoas exibiam-se como atrações. As 'aberrações' de exposição compreendiam claramente que seriam mostradas, por uma taxa, a um público curioso.

«No programa do Panoptikum havia uma mulher gorda com uma enorme barba que se exibia nua até à cintura. Os espetadores até podiam puxar-lhe a barba para se convencerem de que era real. Gémeas siamesas constituíam outra atração; eram irmãs unidas pelo lado. Trocavam piadas, algumas bastante ousadas, com os jovens que as fitavam boquiabertos. Um

homem sem braços também entretinha a multidão boquiaberta. Após baralhar habilmente um baralho de cartas com os pés, enrolava um cigarro, riscava um fósforo e acendia-o.

«O quarto ato, aparecendo três dias por semana, era o rapaz-prodígio Wolf Messing. Nas manhãs de sexta-feira, antes da abertura do espetáculo, rastejava para dentro de um caixão de cristal. Quando os espetadores chegavam, colocava-me num transe cataléptico.

«Nos quase seis meses que lá estive, passei metade do tempo deitado naquele caixão frio e transparente. Pagavam-me apenas cinco marcos por dia. Isso parecia uma soma fabulosamente grande a um rapaz jovem acostumado à fome e à privação, mas o meu empresário janota recebia trinta marcos por dia por mim.»

Wolf tirou um cigarro do maço, acendeu-o e inalou profundamente. Fui envolvida numa nuvem nociva de fumo cinzento-azulado, mas não ousei dizer uma palavra que pudesse estragar o seu humor.

«O horário dava-me quatro dias livres por semana», continuou Wolf enquanto fumava, «e tentava aproveitá-los ao máximo dedicando todo o meu tempo a exercícios psicológicos. Todos os dias dirigia-me ao mercado de Berlim e ligava o meu sentido psíquico, tentando penetrar nos pensamentos dos comerciantes. Tentava ouvir os seus segredos mais íntimos. Preocupações domésticas, intrigas de vizinhos, sonhos de solteiros elegíveis — as cabeças loiras dos jovens camponeses e dos respeitáveis burgueses transmitiam-me toda essa informação.

«Mas eu queria não só ouvir os seus pensamentos, mas verificar a precisão das minhas perceções. Aproximava-me das bancas do mercado, olhava intensamente nos olhos dos meus sujeitos e dizia coisas como: ‘Não te preocupes, querida Gretchen. Não penses nisso. Tudo correrá bem, confia no destino… O Hans regressará para ti.’ Gritos de espanto ou silêncios embaraçados convenciam-me de que estava certo. Passei mais de um ano a treinar-me dessa maneira.

«Depois, o meu empresário vendeu-me ao espetáculo de variedades no Wintergarten de Berlim. Foi um grande passo na minha carreira: em vez de interpretar o papel de cadáver vivo, podia ao menos ser eu mesmo. Aparecia perante o público em duas capacidades diferentes. Na primeira, retratava um faquir oriental — algo como um iogue. Atravessavam-me o peito com agulhas e passavam espadas pelos meus braços e pernas.

«No fim do espetáculo, um ator aparecia no palco retratando um ricaço ocioso — um dândi elegante vestido como um milionário aristocrata. Usava um magnífico fraque e cartola, e os dedos cobertos de diamantes. De repente, 'ladrões' irrompiam no palco e 'matavam-no', após lhe tirarem primeiro as joias. Após cometerem o malfeito, tornavam-se os mais bondosos filantropos, distribuindo ametistas, safiras e diamantes aos espetadores, e sugerindo que os escondessem onde quisessem sem sair do auditório. Depois aparecia um brilhante jovem detetive — Wolf Messing.

«Caminhava entre os espetadores, passando de uma pequena mesa para a outra, pedindo às encantadoras senhoras e honoráveis cavalheiros que devolvessem esta ou aquela joia, escondida em tal e tal lugar.

«Este número era invariavelmente bem-sucedido, e o público acorria para ver a apresentação. Mas ainda me pagavam os mesmos cinco marcos.

«Quando fiz catorze anos, tornei-me novamente uma mercadoria negociável. Desta vez, fui vendido ao Circo Busch, que era famoso em toda a Europa. Já me habituara a este processo de compra e venda. Viajei por toda a Europa com o circo. Os meus empregadores, preocupados com a minha popularidade no palco, incutiram-me a ideia de que o sucesso era a chave para todas as coisas boas na vida. Contudo, conseguia encontrar tempo para me educar, e a maior parte do meu salário ia muitas vezes para propinas de explicações.

«O tempo estava do meu lado e depressa me tornei bastante célebre. O meu sucesso aliviava o meu empresário de todas as preocupações financeiras, e ele inchava como pão fermentado. Mas foi o primeiro que, na verdade, me abriu as portas da Europa. Em 1913, levou-me ao local de nascimento de Johann Strauss; foi a minha primeira tournée séria. Comecei a atuar no Parque de Diversões Prater em Viena, e posso dizer sem falsa modéstia que me tornei o sucesso da temporada.

«Mas não é por isso que a bela Viena me é tão memorável. Toda a minha vida me orgulharei das amizades que lá fiz. Primeiro, tive a boa sorte de me tornar conhecido de Albert Einstein. Confesso que não estava nem superficialmente familiarizado com a essência da sua teoria da relatividade. Para mim, ele era famoso 'apenas' como físico de classe mundial.

«Einstein chegara de Zurique, onde lecionava, em novembro de 1913, após receber um convite para relatar as suas descobertas recentes numa convenção de cientistas naturais e médicos. Não me lembro ao certo, mas

penso que nos reunimos no apartamento de Sigmund Freud porque Einstein me apresentou imediatamente a esta personalidade não menos renomada. Senti-me orgulhoso e lisonjeado por ser apresentado a dois gigantes da ciência ao mesmo tempo.

«O apartamento surpreendeu-me com a abundância de livros. É incompreensível para mim como um homem poderia sequer folhear levemente tal mar de volumes numa única vida.

«A investigação de Sigmund Freud estava mais próxima do meu espírito do que os cálculos e fórmulas de Einstein. Mas mais tarde, após me familiarizar melhor com a teoria psicanalítica, não podia concordar com ele em tudo. Reconhecia a importância do seu trabalho, mas penso que errou quando tentou aplicar as suas descobertas — baseadas no seu trabalho com histéricos — a toda a gente. Discordo especialmente da sua ênfase excessiva na libido.

«Freud já sabia dos meus poderes e propôs que realizássemos algumas experiências imediatamente. Assumiu o papel de emissor. Nunca esquecerei a sua ordem mental: vai à cómoda, pega na pinça, aproxima-te de Einstein e arranca três pelos do seu farto bigode. Imaginem a minha reação. O que podia eu fazer? Aproximei-me de Einstein e expliquei apologeticamente o que o seu amigo queria que eu fizesse. Einstein sorriu e submissamente apresentou-me a bochecha. Freud ficou satisfeito com o resultado, mas não tentou interpretá-lo psicanaliticamente.

«Dois anos depois, Zellmeister disse-me que planeara uma extensa tournée mundial. O itinerário estendia-se por quatro anos e abrangia países como o Japão, o Brasil, a Argentina e o México. O caleidoscópio de eventos e impressões visuais da tournée tornou-se tão confuso na minha mente que, quando tento recordá-los, tendo a confundir detalhes.

«Regressei ao meu lar em Varsóvia em 1921. Muita coisa mudara na Europa de Leste durante a minha ausência. A revolução atingira a Rússia como um furacão, e a Polónia alcançara a independência. A pequena cidade onde nascera pertencia agora às suas fronteiras. Fiz vinte e dois anos e fui forçado a entrar no exército polaco, mas o meu serviço foi estritamente simbólico. Usei um uniforme de soldado durante o meu período de serviço, mas nunca vi uma arma de fogo, nem tive tempo de passar pelo treino básico. No ano seguinte, era novamente civil. Não tive de procurar muito pelo meu novo empresário, o Sr. Kobak, uma pessoa totalmente diferente de Zellmeister no estilo. O Sr. Kobak era um homem bonito, que geralmente usava fatos de cores vivas e camisas brilhantes realçadas por

laços. Era sempre gentil e sorridente. Estava cheio de energia mas não se incomodava a correr para marcar tournées. Em vez disso, tratava da maior parte das nossas negociações pelo telefone de forma totalmente profissional. Era bem-sucedido, também. Mais uma vez comecei a viajar pela Europa, visitando cidades novas e excitantes: Paris, Londres, Roma, Estocolmo, Genebra, Riga. Nesta tournée, tentei alargar o meu repertório. Era tão capaz de me aborrecer com uma rotina fixa como qualquer outra pessoa. Em Riga, por exemplo, conduzi um automóvel pelas ruas com os olhos vendados por um grande lenço preto. Não tinha experiência em conduzir.

As minhas mãos seguravam o volante, e os meus pés trabalhavam nos pedais, enquanto um chauffeur profissional sentado ao meu lado me dava instruções mentais. Instruía-me telepaticamente para virar, parar, andar para trás, e assim por diante. Muitos milhares de pessoas, que formavam uma parede sólida ao longo dos passeios e estradas, testemunharam esta experiência. Pareciam estar à espera da chegada de um rei ou primeiro-ministro. Este truque foi realizado como um golpe publicitário. Desde essa altura, nunca mais me sentei ao volante de um carro. O Sr. Kobak e eu também viajámos para os outros continentes — para a Austrália, a América do Sul e vários países asiáticos.

«Não posso deixar de recordar um encontro importante em 1927. Estávamos na Índia nessa altura, e consegui conhecer o líder espiritual da Índia, Mahatma Gandhi. Ouvira muito sobre ele como estadista, e também estava familiarizado, por ouvir dizer, com as suas visões filosóficas, embora nunca explorasse as suas subtilezas. Mas, como indivíduo, deixou em mim uma impressão indelével.

«Gandhi, que se interessava pelos meus experimentos, concordou em ser o meu indutor. A tarefa que me deu foi muito simples, mas coincidentemente produziu um efeito brilhante inesperado. Tive de pegar numa flauta de uma mesa e entregá-la a um estranho na sala. O estranho revelou-se um faquir profissional que sempre carregava uma cesta com uma cobra treinada. Quando lhe dei o instrumento, aquele que invariavelmente usava nas suas atuações, não se conteve de tocar uma bela melodia oriental. A cobra ergueu-se lenta e graciosamente pela estreita abertura da cesta. A admiração venceu o meu medo. A cobra executou uma dança, não menos graciosa, precisa e bela do que qualquer uma que um ser humano pudesse fazer.

«Na Índia, conheci a vida da lendária tribo dos iogues. Admito que invejei a sua capacidade de entrar num estado de catalepsia profunda durante longos períodos, por vezes várias semanas. O meu recorde pessoal foi apenas de três dias.»

Messing deu uma passa no cigarro, semicerrando os olhos, e olhou fugazmente para o relógio. Fumava em cada pausa, incluindo este breve respiro.

«Quando estava na Polónia, as pessoas vinham muitas vezes ter comigo com pedidos pessoais. Não imaginam o que era forçado a ouvir! Nunca cedi a desejos mesquinhos ou curiosidade ociosa de ninguém. Sempre governei a minha vida por dois princípios. Primeiro, a minha ajuda tinha de ser verdadeiramente essencial. Segundo, a situação tinha de ser de algum interesse pessoal para mim.

«Na Polónia, quase todos conheciam a famosa família dos condes Czartoryski. Além de uma riqueza apreciável, possuíam uma genealogia real.

«Nesta família ocorreu um evento banal: desaparecera um broche de diamantes que fora transmitido como herança de geração em geração. Joalheiros eminentes estimaram o seu valor em 800 000 zlotys* — uma soma fantástica para a época. Todos os esforços de detetives privados revelaram-se inúteis, e a esperança diminuía a cada dia que passava. Depressa circulavam os rumores mais inacreditáveis.

O conde Czartoryski voou para Cracóvia** no seu avião privado para me ver, exatamente no final dos meus espetáculos lá. Era muito elegante e vestido de forma moderna. Apesar do que acontecera na sua casa, estava de bom humor — nada stressado. Era um verdadeiro aristocrata educado. Contou-me sobre o broche e instou-me a ajudar se pudesse. Voámos de regresso a Varsóvia nesse dia.

«Devo parar um momento e descrever como eu parecia. Isso terá relação com os eventos que se seguiram. Tinha cabelo longo, encaracolado, azul-escuro, que caía quase até aos ombros. O rosto era pálido. Usava um fato preto, uma ampla capa de corte solto e uma imponente cartola.

«O castelo, um edifício enorme feito de pedra vermelha e construído no estilo antigo, tinha dois andares altos com salas, quartos e corredores infinitos. Cada quarto e sala tinha paredes e tapetes de cores diferentes, e estava decorado com belos móveis franceses. Um jardim rodeava o castelo;

uma fonte jorrava no meio do parque. Tudo estava muito bem cuidado. Não se podia imaginar um cenário melhor para trabalhar ou para prazer.

«Na manhã seguinte, pus-me a examinar as provas. As coisas foram arranjadas de forma que todos os que viviam permanentemente no castelo, ou que lá iam todos os dias trabalhar, passassem diante de mim. O conde apresentou-me prontamente como um artista da moda da capital a várias pessoas residentes: conheci a esposa dele, uma bela polaca muito orgulhosa de si mesma, e a filha, que também era muito atraente. Conheci também as criadas e os trabalhadores do castelo, vestidos com uniformes especiais que exibiam o brasão da família. Todos me pareceram honestos e decentes. Coloquei toda a gente fora de suspeita.

«No entanto, restava uma pessoa sobre a qual não podia dizer nada de definitivo. Era um rapazinho débil mental e uma criatura completamente inofensiva, filho de um dos criados. Ninguém lhe prestava atenção; nunca fora apanhado em qualquer malfeito. Ninguém o suspeitava de todo, pois não parecia capaz de apreciar a beleza ou o valor de um diamante. Gozava de total liberdade dentro do castelo e entrava livremente em todos os quartos. Embora não conseguisse captar os pensamentos ou estados de espírito do rapaz, ele deixava-me apreensivo, e o sentimento ficou na minha mente.

«Após alguma reflexão, decidi confiar nos meus instintos. Este caso não requeria o meu sexto sentido; sabia que podia resolvê-lo de forma racional e psicológica.

«Fiquei sozinho com a criança na sala de brinquedos, fingindo desenhar no meu caderno. Tirei um relógio de ouro do bolso e girei-o na corrente. Depois, como se me tivesse lembrado de algo, coloquei-o «descuidadamente» numa mesa e saí. Através de uma janela, escondido atrás de uma palmeira em vaso, observei o rapazinho sozinho.

«Ele correu imediatamente para a mesa, agarrou o relógio, balançou-o na corrente como eu fizera e meteu-o na boca. Brincou com ele como se fosse um brinquedo comum durante não menos de meia hora. Depois, de repente, e com uma agilidade espantosa, saltou para o pescoço de um enorme urso de peluche e abriu-lhe a boca. O meu relógio de ouro brilhou na mão dele por um momento, depois desapareceu nas mandíbulas abertas da fera. Os meus instintos estavam certos. Não só encontrara o ladrão, como o seu cúmplice silencioso — o guardião dos bens roubados! Agora, era apenas uma questão de realizar uma operação no urso de peluche, e o desaparecimento misterioso do diamante seria resolvido. Quando abrimos o

urso, uma pilha de objetos brilhantes caiu nas nossas mãos. Havia colheres de chá folheadas a ouro, enfeites de árvore de Natal e pedaços de vidro colorido partido — bem como a joia da família Czartoryski. De acordo com o nosso acordo verbal, eu teria direito a vinte e cinco por cento do valor total do tesouro encontrado. Como o valor total de todas as coisas encontradas no urso excedia um milhão de zlotys, deviam-me cerca de 250 000 zlotys.

«Recusei aceitar esta soma, mas em troca pedi que o conde usasse a sua influência no Sejm para revogar a resolução que limitava os direitos dos judeus. O conde deu a sua promessa, e dentro de duas semanas o Sejm aboliu o estatuto.»

Wolf Messing continuou a fumar; ainda não estava pronto para concluir a sua história.

«E há outro caso em que um diamante figurou», continuou, com as memórias a fluírem em cascatas intermináveis. «Um estranho bonito apareceu um dia num certo pequeno povoado numa aldeia perto de Cracóvia. Apresentou-se como um americano interessado no folclore, e andava ocupado a anotar contos rurais e a colecionar objetos domésticos antigos. Os aldeões acolheram-no com cordialidade e respeito.

«Enamorou-se de uma encantadora rapariga polaca de dezasseis anos e, num acesso de paixão, pediu aos pais permissão para casar com ela. Ofereceu à rapariga um anel de noivado com diamante, e a proposta foi imediatamente aceite. Na Polónia aristocrática, o americano rico parecia um príncipe de conto de fadas; no entanto, um vago sentimento de alarme perturbava os pais.

«Como eu estava em tournée por aquela região, rumores da minha clarividência chegaram aos pais da jovem noiva, e vieram ter comigo para aconselhamento. Pedi-lhes que assistissem ao meu espetáculo nessa noite juntamente com o noivo em perspetiva.

«Suspeitei que algo estava errado no instante em que o vi, mas para ter a certeza fiz-lhe várias perguntas. Ele pressentiu problemas e tentou imediatamente sair do auditório. Gritei para as pessoas o deterem e revistarem. Amarraram-no e encontraram uma grande quantidade de passaportes falsos na sua pessoa. Uma investigação revelou que era membro de uma banda bem organizada que fornecia raparigas jovens e belas para bordéis na Argentina.»

Wolf olhou para mim com uma expressão culpada.

«Por favor, não penses que eu, em algum momento, colaborei com a polícia ou com qualquer agência de investigação criminal», disse. «Línguas fofoqueiras espalharam este tipo de mexericos mais do que uma vez. Não, nunca me envolvi em qualquer tipo de trabalho de serviços secretos por ganho pessoal, embora respondesse sempre ao seu pedido de ajuda se pudesse, sem pedir nada em troca.»

Respondi que nunca tivera tal suspeita.

«Julga tu o incidente seguinte», continuou. Parou por um segundo e sorriu. «Uma vez, uma jovem muito bonita visitou o meu quarto de hotel. Tinha cabelo branco até aos ombros e olhos azul-céu. Era magra e alta e usava um vestido vermelho com bainha até ao joelho num estilo que era muito na moda na altura. Mas ouve com atenção; o resto será em prosa crua e sem enfeites. Por causa da minha fama e porque era solteiro com todas as fraquezas associadas, ficava sempre num hotel de primeira classe em tournée. Desta vez, o meu quarto luxuoso estava totalmente isolado do quarto do Sr. Kobak. Dei um olhar à mulher e compreendi tudo imediatamente.

«‘Sente-se, minha senhora’, disse educadamente, ‘fique à vontade. Convidadas tão encantadoras visitam raramente as moradas de artistas em tournée. Estou extremamente contente por ter vindo. Sente-se, e desculpe-me por um momento enquanto peço alguns refrescos.’ Fechando a porta atrás de mim, disparei como uma flecha para o quarto de Kobak.

«‘Corre para a polícia neste segundo’, disse-lhe ofegante, ‘e volta imediatamente. Traz vários homens e volta. Não entres de rompante no meu quarto, mas espia pelo vidro por cima da porta. Rápido!’

«Regressei ao meu quarto e comecei novamente a cobrir de elogios esta bela mulher. Se ao menos pudesse ganhar tempo, pensei, só dez minutos! O plano sujo dela era claro como o dia. A minha convidada foi direta ao assunto.

«‘Você realiza milagres tão espantosos. Coisas incríveis. Mas sabe o que estou a pensar agora?’

«‘Perdoe-me, minha senhora, mas fora do palco sou apenas um homem comum. Tenho a certeza absoluta de que numa cabecinha tão encantadora só podem estar pensamentos encantadores.’

«‘Quem sabe? Mas quero ser sua amante, agora, neste instante!’, exclamou e começou a arrancar a roupa. Correu para a janela e gritou com

toda a força: ‘Socorro! Violação!’ Dei um sinal de que o espetáculo terminara, a porta abriu-se de rompante, e a polícia entrou no quarto e prendeu a mulher. Obviamente, fora uma armadilha montada por alguns rivais ciumentos que queriam arruinar a minha reputação.

«Sim, Taibele, Tanya, Tanechka, há tantas histórias que te poderia contar…»

Sorrriu envergonhado, obviamente consciente de que, pela primeira vez em muitos anos, me chamara pelo meu nome verdadeiro — o nome que usara desde a infância.

Ficou visivelmente cansado naquela noite; falara comigo durante tanto tempo. O seu discurso tornou-se divagante e incoerente. Nessas circunstâncias, os pensamentos ultrapassam as palavras. Era difícil para mim ouvir, não porque as histórias fossem longas, mas simplesmente porque tinha dificuldade em compreendê-lo. Wolf não falava russo muito bem, e eu tinha de me concentrar plenamente. Quando decidi escrever esta biografia, compreendi plenamente o quão laborioso e demorado seria o trabalho. Afinal, tinha de basear as minhas memórias em notas construídas a partir dos relatos de Messing.

O meu principal desafio era captar com sucesso o «sabor e aroma» da vida de Messing, ou seja, preservar a essência dos seus pensamentos e discurso enquanto parafraseava as suas palavras numa linguagem moderna compreensível para o leitor. Por isso, para dizer a verdade, no fim desta história estava um pouco cansada. No entanto, tinha medo de o interromper, e tentava ignorar o meu cansaço. Wolf seguia uma narrativa estritamente cronológica da sua vida, e eu não podia deixar escapar tal boa fortuna.

O resto da cidade já adormecera nessa altura, mas de vez em quando passávamos por um par de namorados na rua. Talvez estivessem a contar as estrelas. Mas como Messing estava pronto para continuar a sua história, os meus pensamentos viraram-se para preocupações menos românticas.

Notas de rodapé

**Isto representaria cerca de 200 000 dólares. — nota do editor.*

*** Na Rússia. — nota do editor.*

7

Estaline Testa os Poderes de Wolf

Messing estava pronto para continuar com a história da sua vida, por isso achei que era um momento oportuno para lhe dizer que estava a fazer um registo permanente da sua narrativa.

«Lembras-te das tuas primeiras conversas comigo?», perguntei. «Bem, mais tarde escrevi tudo e datilografei. Estou a guardá-lo para o momento certo.»

«Queres dizer quando os tempos ficarem piores para mim?», disse Messing.

«O que queres dizer?», exclamei, preocupada com a falta de tato involuntária das minhas palavras. «Quero publicar as minhas notas sobre a tua vida e trabalho durante a tua vida. Ou ajudar-te a fazê-lo.»

«Está bem, Tanya, mas só se não elogiares excessivamente, e escreveres sem…» Wolf calou-se por um momento, escolhendo dolorosamente as palavras, «sem esta névoa de misticismo. E tens de me deixar ver as tuas notas, ou dar-me uma cópia.»

«Diz-me, como obtiveste a cidadania soviética? Foste forçado a aceitá-la?», perguntei.

«Vais direto da psicologia para a política», disse Messing. «Sim, esse período da minha vida esteve cheio de eventos tanto perigosos como trágicos, como gostam de dizer na Rússia. É espantoso que ainda esteja vivo e a falar contigo agora. Leões de circo podem saltar com segurança através de aros de fogo, mas ninguém me ensinou a dar tais saltos.

«Em 1937, durante uma atuação num teatro de Varsóvia, previ firmemente que qualquer ataque alemão ao leste terminaria na destruição da Alemanha. Fiz esta predição perante um público de mil pessoas. Esta profecia custou-me cara. Os líderes fascistas que ocupavam a Polónia colocaram um preço de 200 000 marcos na minha cabeça. Não era segredo que Adolf Hitler se rodeava de psicólogos dotados e adivinhos, de astrólogos a telepáticos.

«Numa altura, um clarividente chamado Gausen trabalhava para ele, gozando da sua confiança ilimitada como ‘psíquico da corte’. Eu vira o trabalho de Gausen. Era um judeu de sangue puro e filho de um ancião de sinagoga. Embora fosse o reinado dos arianos, era bem recebido em todos

os salões principais do Terceiro Reich. É possível que tenha previsto corretamente os primeiros sucessos do Führer lendo as estrelas, mas mais tarde, quando os seus conselhos celestiais começaram a prever tragédia, a sua própria estrela apagou-se de forma sombria. Foi eliminado sem mais demoras. Há uma descrição precisa e detalhada do seu destino em Os Irmãos Lautensack, de Lion Feuchtwanger.

«A atmosfera de guerra sentiu-se na Europa muito antes dos primeiros tiros serem disparados. Todos nós invariavelmente esperamos o melhor, mesmo nas circunstâncias mais desesperadas, e eu, claramente consciente da tempestade que se avizinhava, tentei procurar abrigo na casa do meu pai na aldeia de Gora-Kalwaria, perto de Varsóvia. Mais tarde, compreendi que teria de me mudar para uma grande cidade. Mas mesmo a cave secreta de Varsóvia para onde fugi não podia servir de abrigo fiável indefinidamente. Sabendo que a Gestapo me caçava, decidi sair da Polónia, que fora ocupada em 1939.

Mas exatamente quando estava especialmente alerta e cuidadoso, fui apanhado. Caminhando pelas ruas de Varsóvia, fui parado por um oficial da Gestapo muito mais alto do que eu. Julguei que me seguira. O oficial parou-me, olhou longamente para o meu rosto, depois tirou do bolso um papel com a minha fotografia. Compreendi que era um boletim com uma recompensa pela minha captura, e que os seguidores de Hitler o tinham afixado por toda a cidade.

«‘Quem és tu?’, perguntou, puxando-me pelo cabelo até aos ombros.

«Sou um artista…’

«‘Mentes! Judeu! És Wolf Messing! És aquele que previu a morte do nosso Führer.’ De facto, fizera-o, num teatro de Varsóvia em 1937. O oficial comparou-me com a fotografia, depois derrubou-me com um golpe como um martelo. Ergueu-me pelo cabelo, evitando com nojo a minha boca ensanguentada, e deu-me um golpe na nuca. Ergueu-me novamente. Os meus dentes ficaram espalhados no chão.

«Fui levado para a esquadra da polícia e atirado para uma cela sem ser revistado primeiro. Enquanto lá estava sentado, compreendi que tinha de sair imediatamente ou morrer. Com um preço de 200 000 marcos na minha cabeça, não tinha dúvidas do perigo em que me encontrava. Tudo tinha de ser resolvido antes da manhã, mas não tinha medo.

«Concentrando a minha vontade, hipnotizei os guardas da polícia do lado de fora do edifício para se juntarem aos colegas dentro. Depois,

obriguei todos os polícias nas instalações a reunirem-se na minha cela, telepaticamente, sugerindo-lhes que entravam numa cela vazia. Não posso dizer exatamente quantos eram — pelo menos nove ou dez. As expressões deles eram muito zangadas, e, para mim, pareciam todos parentes. Falavam de mim (diziam que eram muito mais fortes do que a minha telepatia), mas não me prestavam absolutamente nenhuma atenção. Hipnotizei cada guarda, obrigando-os a ficar na cela.

«Fiquei perfeitamente imóvel, com medo de fazer o mais pequeno ruído; não podia depender apenas dos meus poderes psíquicos. Assim, como um ratinho minúsculo a passar por um gato faminto, rastejei pelos polícias enquanto eles continuavam a brincar.

«Só respirei de alívio quando o ferrolho da porta reforçada com ferro caiu no lugar atrás de mim, e já não tinha de temer uma perseguição imediata. Posso imaginar a confusão que ocorreu vinte minutos mais tarde, quando estavam prestes a ser libertados do transe! Descobririam que estavam trancados na sua própria cela de prisão. Mas ainda tinha de chegar a um refúgio, talvez encontrar pessoas de bom coração em Varsóvia, que, como já era noite, se tornara duplamente perigosa para mim. Estava em vigor um rigoroso recolher obrigatório, e podia ser detido por qualquer motivo. Se o meu truque na esquadra se tornasse conhecido, não viveria até à manhã.

«Mas o mundo não é desprovido de boas pessoas. Manobrei quarteirão após quarteirão na escuridão das ruelas desertas de Varsóvia, até me encontrar num subúrbio. Os quartos mobilados baratos nesta zona abrigavam atores mal-sucedidos, artistas alcoólicos e prostitutas envelhecidas. Era uma área que os alemães só revistavam à luz do dia.

«Nunca estivera naquela área antes, mas lembrava-me distintamente do endereço de um velho palhaço de circo húngaro bondoso chamado Janos que conhecera em tournée pela Áustria. Enquanto parodiava a atuação de um ginasta aéreo, caíra do fio do trapézio. Aquela atuação fora a última dele. Nos anos pré-guerra, vivia principalmente de caridade, incluindo donativos da Guilda dos Atores. Duas vezes lhe enviara dinheiro, mas nunca visitara o seu apartamento. Não tinha dúvidas de que Janos me daria abrigo, independentemente do risco pessoal, e foi exatamente assim. Passei dois dias no apartamento dele sem pôr um pé fora.

«Durante o dia, Janos ia comprar comida e, segundo as minhas instruções, recolheu dinheiro e objetos de valor que eu acumulara.

«Tinha de deixar a Polónia e dirigir-me para leste. Naqueles dias, muitas pessoas estavam convencidas de que podiam encontrar segurança do fascismo na União Soviética, e eu não era exceção. Antes do amanhecer do terceiro dia, uma carroça de camponês cheia de feno parou em frente da casa. Um polaco de bom coração levou-me para fora de Varsóvia nesta carroça. Janos fizera o arranjo com ele no mercado na véspera.

«Uma vez fora da cidade, fui passado de uma escolta para outro. Paguei-lhes generosamente com os objetos de valor que levara comigo, e dentro de uma semana cheguei às margens do rio Bug Ocidental.

«A proa do pequeno barco que alugara tocou levemente num banco de areia no rio, mas finalmente cruzei o Rubicão. Navegando apenas pelas estrelas, mantive um curso direto para leste, evitando quaisquer postos fronteiriços. Era desconhecido da área e dos costumes deste novo país, e tinha de me misturar com o fluxo de refugiados. Finalmente cheguei a Brest, onde me apresentei imediatamente às autoridades.

«No início, este novo mundo parecia estranho e invulgar. A Rússia era dura mas sentimental, agitada mas lenta ao ponto da sonolência. Fiquei impressionado com estes extremos. O facto de mal falar a língua também era um problema, e muitas vezes me metia em situações divertidas. A burocracia envolvida no processamento dos meus documentos correu bem o suficiente, mas o enorme influxo de refugiados tornava impossível encontrar habitação tolerável. Fiquei entregue a mim mesmo para resolver este problema.

Na Europa ocidental, resolveria facilmente indo para um hotel. Mas nenhuma das minhas ofertas para pagar mesmo o triplo da tarifa por um quarto teve efeito, e diziam-me em todo o lado que simplesmente não havia vagas. Por isso, fui forçado a passar a minha primeira noite na URSS numa sinagoga. Nunca desanimei, no entanto, e considerava-me um peregrino que acabava de chegar após uma longa viagem a Meca. Decidi ir ao departamento de assuntos culturais do município local, que me recebeu educadamente mas com reserva. Representantes das profissões sobrenaturais — adivinhos, videntes, telepáticos e parapsicólogos — nunca foram bem-vindos na União Soviética, e assim é até hoje.

Passei muito tempo a convencê-los de que os meus experimentos estavam longe de ser algum tipo de charlatanice ou espetáculos de feira, e demonstrei voluntariamente os meus poderes aos céticos. A frieza e mesmo animosidade que muitas vezes encontrava interferiria com o meu trabalho no futuro.

«Por fim, o departamento de assuntos culturais concordou em incluir-me numa brigada de artistas em tournée pela região de Brest. As coisas estavam a melhorar, só que continuamente me metia em sarilhos por causa do meu russo fraco. Quando arranjava a sequência dos atos para o espetáculo, o diretor instruiu uma vez: 'Dá-lhe o último ato no programa.'

«O meu orgulho levou a melhor sobre mim, e protestei quase irritado: 'Mas eu sou o melhor telepata do mundo! Porque sou o último?'

«Em geral, não posso dizer que a vida fosse dura para mim nessa altura. Os meus companheiros de tournée tratavam-me com respeito e gradualmente iniciavam-me na minha nova vida. Não havia ganância por dinheiro, brigas ou ciúmes entre os membros da trupe, um fenómeno raro em palcos mais provinciais. A trupe trabalhava por amor à arte, e ficavam satisfeitos com pequenas recompensas.

Pela primeira vez, tive ocasião de provar a propaganda que impregnava a arte da minha nova pátria. Marchei nas fileiras da intelligentsia e dos trabalhadores da cultura numa manifestação do Dia do Trabalhador em 1940, um ano antes de a Rússia entrar na guerra, e foi-me confiado o cartaz mais honrado — um retrato de Joseph Estaline, «pai dos povos». Mas depressa fui transferido para Minsk, capital da Bielorrússia, onde os meus espetáculos atraíram o interesse das altas autoridades.

Aqui fui apresentado ao secretário do Comité Central da república, Panteleymon Kondratyevich Ponomarenko, que mais tarde se tornou líder dos destacamentos partidários na Bielorrússia. Quando a guerra terminou, tornou-se membro do Politburo em Moscovo. Evidentemente, considerou necessário relatar as minhas atividades ao próprio Estaline.

Uma vez, quando atuava num clube em Gomel, dois oficiais do KGB entraram na sala. Interromperam o ato sem cerimónias, pediram desculpa aos espetadores e levaram-me dali. Saí submissamente com eles. Na limusina deles, ocorreu-me que poderíamos viajar uma grande distância.

«Há um quarto registado para mim no hotel. Tenho de pagar a conta antecipadamente», disse eu.

«Não se preocupe, será pago!»

«Sim, mas a minha mala está lá com as minhas coisas…»

«A mala não vai a lado nenhum!»

Comecei a suspeitar que caíra sob a proteção de alguma pessoa importante. Os oficiais não explicaram para onde me levavam, e sentia tensão e secretismo no comportamento deles. Não creio que eles próprios soubessem qual magnata queria ver-me.

Finalmente, chegámos a um hotel onde nos reservaram uma suíte de luxo. O hotel ficava no centro de Moscovo e a minha suíte de luxo era igual a qualquer uma da Europa. As pessoas reunidas no átrio do hotel eram claramente da classe privilegiada, mas não sabia se devia alegrar-me ou apreender-me com a minha situação.

Acontece que o hotel era, por algum motivo, inadequado para o nosso encontro clandestino, e dentro de uma hora continuámos. Os meus companheiros e o motorista mantiveram silêncio total; não os incomodei com perguntas. Deduzi que tinham ordens para manter o destino final em segredo. A nossa segunda paragem foi num subúrbio acolhedor e despovoado da capital. Dois oficiais de alta patente, provavelmente coronéis, estavam no alpendre de uma antiga mansão juntamente com três homens à paisana. Esta comitiva acompanhou-me até ao segundo andar, enquanto eu tentava febrilmente imaginar do que se tratava tudo aquilo. Levaram-me para uma espaçosa sala de estar luxuosamente mobilada e deixaram-me sozinho. Fiquei lá durante meia hora.

Entrou um homem cuja aparência era tão imponente que me agitei ansiosamente na cadeira. Vestia roupas civis, tinha bochechas vermelhas e um nariz gordo. Só vários anos mais tarde descobri, através de fotografias de jornais, que esta pessoa era Alexander Poskrebychev, o todo-poderoso assistente e secretário pessoal de Joseph Estaline. Perguntou-me friamente: «Está armado?» Fiquei estupefato. Armas? Nunca carregara nem sequer um canivete! Mas o meu sentido de humor não me abandonou, e respondi corajosamente, batendo significativamente com o dedo na testa: «Este é o único arsenal onde guardo as minhas armas.» Sem reagir à minha piada, revistou-me rápida e profissionalmente.

A porta abriu-se suavemente alguns minutos mais tarde; apareceu a figura familiar do ditador mundialmente conhecido. Compreendi imediatamente o mistério em torno da nossa viagem. Compreendi também a pergunta sobre armas.

Estaline cumprimentou-me suavemente mas não estendeu a mão. Respondi educadamente, mas depois o diabo possuiu-me, e disse: «Há pouco tempo, carreguei-o nos braços.» Esperei que ficasse atónito, mas

possuía uma invejável autocontenção e apenas semicerrando os olhos astutamente.

«O que quer dizer, nos braços?» Expliquei que carregara o seu enorme retrato durante uma manifestação.

«Parece que também é humorista», disse ele com um forte sotaque georgiano. Mas senti no seu tom nem um insulto caprichoso nem uma ameaça sinistra. Começou a fazer-me várias perguntas, todas de natureza política. Nunca durante essa conversa indagou sobre as minhas capacidades telepáticas. Questionou-me sobre a situação na Polónia, e sobre o meu encontro com Piłsudski e outros líderes polacos.* A Polónia, nessa altura, era uma espinha na sua carne.

Fui convocado para outros encontros com Estaline. Após o segundo, deu ao KGB uma ordem detalhada para verificar as minhas capacidades. Isso ocorreu algum tempo mais tarde em Moscovo. Acredito que o experimento foi proposto por instigação pessoal dele.

No verão de 1940, pediram-me que retirasse 100 000 rublos de uma certa sucursal proeminente do banco estatal. Entreguei ao caixa uma folha de papel em branco e sugeri mentalmente que lhe estava a dar um documento financeiro autêntico. O cerne do experimento residia na enormidade da soma, porque o caixa só poderia emitir os fundos após verificar exaustivamente o «documento». Teria de ser extremamente cuidadoso com tal transação.

O caixa, um homem bastante baixo, de meia-idade, com um bigode grisalho fino, pegou no papel, que era uma folha rasgada de um caderno escolar comum. Estudou-o atentamente e durante muito tempo, alternando o olhar entre mim e o documento. Finalmente, abriu o cofre e começou a contar o dinheiro. Isso era essencialmente uma repetição daquele episódio em Berlim onde, por sugestão mental, transformara um pedaço de papel num bilhete de comboio.

Três testemunhas oficiais, vestidas à civil, tinham sido colocadas a uma distância discreta. Assinaram imediatamente um documento atestando o sucesso do experimento, e até contaram o dinheiro que coloquei na pasta: estava tudo lá.

Regressei mais uma vez à janela do caixa e entreguei-lhe o mesmo pedaço de papel, mas desta vez ordenei-lhe mentalmente que visse o papel tal como era realmente. A única coisa na folha, por outro lado em branco, era um carimbo e a sua própria assinatura. Lançou um olhar enlouquecido

ao papel, olhou para mim horrorizado, depois desabou na cadeira. Tivera um enfarte! Chamaram imediatamente uma ambulância.

Felizmente, recuperou, mas aquele incidente ainda me atormenta a consciência.

Outro experimento consistiu em eu passar por três conjuntos de guardas de segurança num certo estabelecimento militarizado. Os guardas tinham sido avisados para não me deixarem passar. Quatro guardas receberam uma descrição detalhada de mim e a hora da minha saída prevista, cronometrada ao segundo. No entanto, executei a tarefa com bastante facilidade.

Embora estes experimentos tenham sido realizados sob ordens dos mais altos funcionários governamentais da Rússia, rumores sobre eles depressa se filtraram para o público em geral, onde foram exagerados desmedidamente. Um rumor maldoso era a minha suposta cooperação com o NKVD.* Os meus inimigos políticos e os fofoqueiros de Moscovo promoviam perpetuamente tais histórias.

Alegava-se também que participara em interrogatórios de prisioneiros políticos proeminentes nas celas da notória prisão de Lubyanka, operada pela polícia secreta. Alegadamente, usara também clarividência para examinar as intenções dos colaboradores mais próximos de Estaline, se ele os suspeitasse de oposição ou conspiração.

Como médica, Tanya, estás familiarizada com o Juramento de Hipócrates que os médicos prestam no início da sua prática. Juram usar as suas competências médicas apenas para o bem comum e o bem-estar dos seus doentes. Assim, quando pela primeira vez tomei consciência do meu dom misterioso de influenciar telepaticamente as pessoas, jurei que nunca o usaria para prejudicar a sociedade ou a humanidade. Nem uma vez quebrei este compromisso moral, apesar das calúnias que tive de enfrentar.

Devo mencionar que as autoridades não confiavam completamente em mim no início. Durante bastante tempo, continuaram a examinar-me exaustivamente; sempre foram suspeitos de qualquer prática oculta que não se enquadrasse no seu quadro materialista rígido. Outra razão, puramente política, para a sua desconfiança em mim era o meu passado na Polónia — um país com o qual a Rússia sempre teve relações hostis. Durante o meu primeiro encontro com Estaline, disse-lhe diretamente que o seu país não tinha uma fronteira ocidental fiável, e que o seu melhor amigo, Hitler, se tornaria o seu inimigo mais veemente. Estaline não deu ouvidos aos meus

avisos. Tentei repetidamente avisar as autoridades do ataque iminente da Alemanha, mas sempre recebi a resposta de que seria notificado quando o meu conselho fosse necessário.

Tudo tem de acabar algum dia. As suspeitas diminuíram e pude trabalhar com relativa liberdade. Apareci perante os meus primeiros grandes públicos soviéticos durante tournées em Odessa e Kharkov, na Ucrânia, e depois em Tbilissi, onde recebi pela primeira vez a notícia do ataque da Alemanha à Rússia.

Lembro-me daquela manhã de domingo, 22 de junho de 1941, até ao último detalhe. E lembro-me ainda melhor do meu próprio estado de espírito. Não podia deixar de partilhar o alarme de todos, mas fiquei ainda mais angustiado pelo pensamento sombrio de que os meus avisos anteriores tinham sido ignorados. Não podia participar pessoalmente na batalha, nem mesmo dar algum tipo de ajuda indireta à frente. Por mais patriota que me mostrasse, seria posto de lado por causa da má circulação nas minhas pernas. E quem precisava dos meus experimentos psicológicos numa hora daquelas, pensei desanimado.

Regressei a Moscovo envolto nestes pensamentos sombrios. O nosso comboio de passageiros parava em todas as estações, por vezes durante longos períodos. Durante cada paragem, caminhava pela plataforma, mas nunca tentei penetrar nos pensamentos das pessoas ansiosas que assaltavam as bilheteiras. Sabia que os seus pensamentos eram todos iguais: escapar ao holocausto da guerra que se aproximava.

Durante estas paragens, deparei com algumas situações desagradáveis; fui detido várias vezes por patrulhas militares. A minha aparência extravagante e o sotaque estrangeiro invariavelmente despertavam suspeitas. As emissões de rádio e cartazes impressos à pressa lembravam-nos constantemente que os fascistas se tinham infiltrado nas linhas traseiras. Agentes secretos estavam por todo o lado.

Mesmo após a chegada a Moscovo, fui preso e passei várias horas num posto de comando militar enquanto verificavam a minha identidade. Para disfarçar o meu russo fraco, tentava evitar conversa a menos que fosse absolutamente necessário. Mas não fui deixado à mercê do destino. Soube que íamos ser evacuados. O meu caminho levou-me mais uma vez para leste, para a Sibéria ocidental e a cidade de Novosibirsk.

Embora estivesse longe, participei inesperadamente no esforço de guerra atuando para unidades militares prestes a serem enviadas para a

frente e em oficinas de fábricas, onde os meus espetadores se sentavam em caixas cheias de munições, não em cadeiras de teatro. Orgulhava-me de que, mesmo nesses tempos difíceis, não me retirara do palco. As pessoas ainda precisavam de mim.

A alma russa é enigmática. Pode tanto elevar uma pessoa como esmagá-la, deixando-a a chorar e a rir ao mesmo tempo. O público de soldados não podia deixar de saber que muitos deles nunca regressariam da batalha, mas durante as minhas atuações prevalecia um sentimento de otimismo saudável. Praticamente todos os outros pedidos pediam-me que realizasse algum tipo de tarefa humorística.

Não tentarei esconder o facto de que era pago pelas minhas atuações como qualquer artista dotado, e tinha recursos monetários consideráveis. As minhas despesas eram pequenas porque vivia frugalmente e não tinha família. Tinha mais do que suficiente dinheiro para as minhas necessidades. Ora, nunca conheci uma pessoa que se queixasse de ter dinheiro a mais, mas na minha situação, achei mais razoável dar as minhas poupanças ao exército. Tais donativos eram então amplamente publicitados para inspirar o patriotismo soviético. Decidi que o melhor uso para o meu dinheiro seria comprar um avião.

Aproximei-me do governo com o meu desejo, e recebi em resposta um telegrama assinado pelo próprio Estaline. Lia-se: «Ao camarada Wolf Messing: Aceite os meus cumprimentos e a gratidão do Exército Vermelho, camarada Wolf Messing, pela sua preocupação com as forças aéreas do Exército Vermelho. O seu desejo será cumprido. J. Estaline.»

Apresentei o primeiro caça ao exército em 1942, e, dois anos mais tarde, dei à força aérea um caça ainda mais sofisticado. Algum dia mostrar-te-ei uma cópia do jornal The Baltic Flyer (que tinha uma grande circulação naqueles anos), no qual apareceu um longo artigo escrito pelo herói de guerra e aviador Capitão Konstantin Kovalev contando o seu encontro comigo. Foi um encontro memorável para mim também! Rio-me sempre quando penso no trabalho que tive a compor o texto dedicatório para a fuselagem do avião. Não podiam muito bem inscrever o texto agramatical que compus! Por isso, corrigiram-no e pintaram a seguinte inscrição: «Um presente do Professor W.G. Messing ao piloto báltico e herói da União Soviética K. Kovalev. Pela vitória sobre o fascismo!»

Nesse mesmo ano, passei considerável tempo em tournée por Tashkent, onde formei uma agradável amizade com Aleksei Tolstoy, ou, como era chamado pelas costas, o Conde Vermelho. Antes deste encontro,

conhecera Tolstoy apenas através dos seus livros e peças. Após conhecê-lo, e quando o meu russo melhorou, li imediatamente o seu livro Caminhada no Tormento. Senti-me próximo daquele livro, pois, desde a minha infância, também eu caminhara mais do que uma vez pelos caminhos espinhosos da vida. Sentia uma afinidade com o espírito rebelde do herói.

Durante a guerra, Moscovo permaneceu o epicentro da vida governamental, mas a elite cultural e científica da sociedade evacuou depressa a cidade e instalou-se no campo. A nata da intelligentsia reuniu-se em números especialmente grandes em Tashkent. Quando cheguei à residência de Tolstoy, o escritor Kornei I. Chukovsky, a viúva de Maxim Gorki, o famoso ator Ivan N. Bersenev e alguns músicos desconhecidos já estavam sentados a tomar chá. O apartamento de Tolstoy era um local de encontro para a elite, e lá realizei uma sessão improvisada para os convidados, encontrando o relógio perdido de Tolstoy e descrevendo uma cruz que a esposa dele usava debaixo do vestido. A notícia da minha chegada depressa se espalhou fora deste círculo fechado, e dentro de três dias o meu público consistia em trabalhadores trazidos de uma fábrica de construção em Voronezh.

Durante toda a guerra, apareci perante públicos que, embora pouco sofisticados, me receberam calorosamente. Nunca me preocupei com o nível intelectual do público. Era mais importante para mim deixar os públicos sem qualquer suspeita de que eu era um xamã ou um charlatão.

Em 1944, após uma atuação em Novosibirsk, uma jovem aproximou-se de mim nos bastidores. Era um pouco acima do peso e usava um penteado curto. Vestia um vestido escuro com uma flor no peito. A voz era suave e agradável, e não poupava palavras.

«Penso que os comentários introdutórios que precedem a sua entrada em palco deviam ser feitos de forma diferente», disse ela.

Fiquei intrigado com a sua franqueza. «Bem, está bem então», disse eu, «experimenta tu, se achas que és capaz. O meu próximo espetáculo é daqui a dois dias. Isso dá-te tempo suficiente para preparar?»

«Penso que sim», respondeu a estranha.

Encontrei-me com ela mais uma vez na véspera da minha atuação. Gostei da maneira como apresentou a minha introdução. Era concisa e contida, e obviamente uma pessoa muito culta.

«Tens um vestido longo para o espetáculo? Algo como um vestido de baile?», disse eu. Pensei que, se estivesse interessada em trabalhar comigo, concordaria com tudo o que sugerisse. Mas a resposta dela foi orgulhosa e independente.

«Não tenho nada desse tipo, mas tenho a certeza de que não é necessário para os seus experimentos psicológicos. Tal programa está fora do teatro de palco habitual, por isso um fato escuro sob medida seria mais adequado. Tenho um tal fato.»

Tal foi o meu primeiro encontro com a mulher que mais tarde se tornou minha esposa, amiga e assistente. Viste a nossa relação com os teus próprios olhos, Tanya.»

Wolf Messing calou-se de repente, como se procurasse algum fio para continuar a sua história. Compreendi que a sua alma estava momentaneamente com a falecida esposa. Foi um momento tocante, e instintivamente desviei o olhar. Messing refletiu por um momento e continuou.

«Nos primeiros anos após a guerra, fiz a amizade de outra pessoa notável. Lembro-me dele com o maior respeito. Falo do escritor Aleksei Ignatiev, que escreveu a épica dramática Cinquenta Anos nas Fileiras. Não acho necessário discutir o seu livro contigo, Tanya. Agora não é a sua obra que quero descrever — não sou grande especialista em literatura russa, mas os dias inesquecíveis de calor e conforto que ele me deu. Compreende que para um vagabundo como eu, especialmente memoráveis são os dias de… sei que vais rir-te para ti mesma… como posso dizer… bem… de perfeita contentamento.»

Wolf procurava palavras.

«Ignatiev viveu uma vida plena e complexa, e senti-me tão próximo dele porque as suas andanças me lembravam as minhas, embora os meus primeiros anos nunca pudessem ser comparados com as suas viagens mundanas. Afinal, ele era diplomata; nunca teve de viajar pelo mundo escondido debaixo de um assento de carruagem! Mais tarde, porém, quando era exilado político, teve ocasião de provar o fruto amargo de uma terra estrangeira. Quando regressou a Moscovo, vivia na Praça Staraya, e as suas portas estavam sempre abertas na grande tradição da hospitalidade russa. Lembrar-me-ei sempre com prazer do dia em que convidou a minha esposa e a mim para jantar. Aquela refeição foi preparada com o toque de etiqueta aristocrática perfeita. A mesa, reluzente com prata, parecia uma

natureza-morta, desde os pequenos garfos para as fatias de limão até ao molheiro em estilo chinês com a cabeça de dragão no cabo. Bebemos chá da melhor porcelana Kuznetsov. É certo que não precisávamos de toda aquela prata; o único prato servido naquela noite era trigo-sarraceno com torresmos. Mas posso dizer com completa confiança que o gourmet mais exigente teria dado ao trigo-sarraceno o devido valor. Nunca provei nada assim desde então! Quando menciono o espírito da hospitalidade russa, refiro-me à atmosfera quente e generosa que qualquer um encontraria ao visitar a família Ignatiev, quer em bons quer em maus tempos.

«Ignatiev era também um conversador brilhante que sabia tanto ouvir como contar uma boa história. Entre os muitos livros autografados pessoalmente com que fui presenteado, prezo o dele acima de todos. Cada vez que leio os meus trechos favoritos, é como se ouvisse novamente a voz do próprio Aleksei.

«Durante todos os anos do pós-guerra, viajei extensivamente pelo país realizando os meus experimentos psicológicos. Estas tournées permitiram-me conhecer melhor este enorme país e o seu povo. Fazer novos amigos era o mais importante para mim. Tive também inimigos ciumentos, claro, mas os meus amigos superavam-os em muito.

«Nem me posso queixar de falta de atenção pública; não me recordo de um único espetáculo que não tivesse lotação esgotada. A imprensa também estava entusiasmada com o meu trabalho. Apareceram notícias e artigos entusiásticos nos jornais e em várias publicações científicas.

Gosto sempre de sublinhar que as minhas capacidades poderiam ser descobertas em certa medida em cada pessoa. É importante para mim enfatizar que não há nada de sobrenatural nos meus poderes: eles originam-se na mente.

«O único grupo de espetadores que alguma vez me recebeu com reserva — para dizer o mínimo — foram os cientistas. Não era que fossem contra experimentos telepáticos. Na verdade, participavam ativamente, tanto como espetadores como membros do painel, nas minhas atuações. Mas aproximavam-se das fronteiras da ciência com apreensão ou, mais propriamente, com cautela. Queriam enquadrar os meus poderes nalgum tipo de estrutura explicativa.

Em 1950, os meus chefes imediatos, o departamento teatral do Ministério da Cultura, pediram ao Instituto de Filosofia da Academia de Ciências da URSS que ajudasse a preparar um texto explicando a base

científica rigorosa dos meus poderes. Este pedido não era realmente surpreendente. A Rússia atravessava um período difícil no desenvolvimento do seu pensamento filosófico, e Estaline tinha a última palavra tanto na filosofia como na ciência. Se Estaline não conseguisse dar uma explicação inteligente de uma questão científica, então ninguém dos círculos científicos inferiores ousava sugerir uma. Tudo o que era incompreensível, inexplicável ou inaceitável para o materialismo de Estaline era proibido, e disseram-me para não realizar feitos incompatíveis com a sua ideologia.»

Assim, a 17 de maio de 1950, os diretores de Messing receberam uma notificação do Instituto de Filosofia, do Bureau de Turismo do Comité de Assuntos Artísticos do Conselho de Ministros da URSS. Esta notificação incluía um texto introdutório especificamente preparado para ser lido em cada espetáculo. Fora escrito pelo psicólogo M.G. Yaroshevsky e aprovado pela secção de psicologia do Instituto de Filosofia.

Este texto cuidadosamente elaborado permitiu à agência que marcava as aparições de Wolf por toda a União Soviética equilibrar dois elementos vastamente diferentes na sociedade soviética. Por um lado, a tradição russa, repleta de práticas e crenças populares antigas que reverenciam o sobrenatural, remonta a tempos pré-cristãos e vai até às práticas xamanísticas da Sibéria oriental. Por outro lado, o materialismo marxista nega todo o «idealismo» ou fenómenos místicos.

Os cientistas soviéticos que estudavam fenómenos parapsicológicos e, antes disso, práticas espirituais, evitavam cuidadosamente a atenção pública durante a vida de Estaline. A fascinação pessoal dele por Messing era a exceção que confirmava a regra, e a regra em meados dos anos 1920 tornara a investigação psíquica e a parapsicologia tabu. Estes campos permaneceram subterrâneos até após a morte de Estaline em 1953.

O crédito pela eventual aceitação dos estudos parapsicológicos como um empreendimento científico legítimo deve ir em grande parte para Leonid L. Vasiliev, a quem já me referi várias vezes. Durante a década de «degelo» cultural e científico de Nikita Khrushchev, a parapsicologia experimentou um florescimento relativo. Embora Wolf Messing nunca tenha sido pessoalmente examinado em laboratórios psicofisiológicos soviéticos, experimentos claramente inspirados nas suas atuações foram realizados a partir de meados dos anos 1950. O próprio Messing era, historicamente falando, um descendente de uma geração de psíquicos polacos proeminentes no final do século XIX e início do século XX. Havia

uma forte ligação entre investigadores psíquicos polacos e os de França, nomeadamente o grupo formado pelo Institut Métapsychique International, com o qual o Dr. Vasiliev mantinha contacto constante, embora por vezes clandestino.

Vasiliev usou um relatório sensacional sobre uma alegada experiência da marinha dos Estados Unidos em telepatia a longa distância entre um submarino nuclear e uma base naval para criar apoio público para estudos oficiais soviéticos de parapsicologia. Este relatório, publicado no início de 1960 na revista parisiense Science et Vie, foi mais tarde desacreditado, mas certamente despertou interesse oficial em Leninegrado e Moscovo. Vasiliev conseguiu também estabelecer uma ponte ideológica entre a fascinação pública por fenómenos parapsicológicos e o materialismo marxista. Nos seus escritos, afirmou, em efeito, que era apropriado testar alegações de capacidades como a telepatia por meios estritamente fisiológicos, e assim tomar uma decisão definitiva sobre a legitimidade de tais alegações.

Como já notei, os rumores públicos eram abundantes sobre a utilização de Messing pelo KGB, a polícia secreta, e pelas suas agências predecessoras. Wolf aparentemente conseguiu escapar a todos os pedidos do KGB para usar ou mesmo simplesmente testar as suas capacidades. Para este fim, era bastante conveniente para ele apresentar-se, tal como a gestão teatral estatal, como um simples artista de palco. É justo dizer, penso eu, que permaneceu um enigma para o KGB, tal como para o estabelecimento científico.

Na altura da sua morte, a queda de Khrushchev e o período de «degelo» já tinham passado há muito, e a parapsicologia entrara novamente numa zona crepuscular. Particularmente ominoso era o facto de o KGB, bem como os militares, terem começado a levar a parapsicologia muito a sério e estarem, na verdade, a competir com a Academia de Ciências Soviética quanto a como, e por quem, os fenómenos parapsicológicos deviam ser estudados. Em setembro de 1973, a revista de Moscovo Questions of Philosophy publicou um artigo coescrito por quatro psicólogos proeminentes intitulado «Parapsicologia: Ficção ou Realidade?». Os autores sustentam que o estudo deste campo é demasiado crítico e complexo para ser deixado nas mãos de parapsicólogos autoproclamados, mas deve ser empreendido por psicólogos profissionais para que «a atenção de organizações científicas sérias» possa ser devidamente direcionada para «questões não respondidas da psique humana».

O apelo ao controlo da investigação parapsicológica pelo estabelecimento psicológico soviético não levou, no entanto, aos resultados desejados pelos autores. O interesse do KGB e dos militares no campo tornara-se, nessa altura, demasiado forte para permitir que estudos tão delicados da «psique humana» escapassem para mãos puramente académicas. Os desenvolvimentos subsequentes teriam sido altamente desagradáveis para Wolf Messing. Basta citar um exemplo desta tendência. Em 1965, a secção de biónica da Sociedade Científico-Técnica A.S. Popov para Engenharia de Rádio, Eletrónica e Comunicações em Moscovo começou estudos em telepatia, embora rotulasse o campo de «comunicação biológica». Sob a sua égide, foi criada o Laboratório para Bio-Informação, e funcionou durante vários anos experimentando precisamente nas áreas em que Messing tanto se destacara.

No entanto, após a queda de Khrushchev, e após a emergência de Yuri Andropov (mais tarde Secretário-Geral do Partido Comunista Soviético) como chefe do KGB em 1967, o controlo sobre os estudos parapsicológicos foi severamente apertado, e as experiências neste campo foram categorizadas como «secretas». Até o Laboratório para Bio-Informação veio sob escrutínio, e vários dos seus membros foram expulsos por se terem mostrado demasiado «idealistas». A acusação era na verdade que os experimentadores se tinham revelado demasiado escrupulosos ao lidar com as psiques delicadas dos seus sujeitos humanos experimentais. A unidade foi reorganizada discretamente como Laboratório para Bio-Eletrónica, mas o seu trabalho, anteriormente publicitado pelo menos em parte, era agora mantido em utmost segredo.

Notas de rodapé

**Josef Piłsudski (1867–1935), primeiro-ministro da Polónia e Ministro dos Assuntos Militares de 1926–1935, organizou várias campanhas contra a União Soviética. Estaline considerava-o um inimigo importante.*

***Comissariado Popular para os Assuntos Internos. — nota do editor.*

8

A Ciência Soviética «Explica» a Telepatia

Durante o resto dos anos em que mantive amizade com Messing, tentei encontrar uma explicação viável para a telepatia. A imprensa fez algumas tentativas, mas eram geralmente atacadas pelo estabelecimento científico assim que propostas. A crença na própria existência da telepatia era atacada por ser antimaterialista, pseudocientífica e uma superstição burguesa.

O debunkador mais proeminente e vocal era o Professor Alexander Kitaygorodsky. Ele e os seus colegas céticos eram incapazes de apresentar explicações sérias para o sexto sentido ou fenómenos parapsicológicos em geral. Puseram-se a explicar ao público que os poderes de Messing podiam ser explicados por pura racionalidade, e basearam-se no trabalho de Ivan Pavlov — o grande fisiologista russo — para a sua inspiração. Propuseram mesmo uma teoria para as capacidades de Wolf Messing baseada na sua investigação. Todas as noites, antes da entrada de Messing em palco, Aida tinha de ler o texto composto por Yaroshevsky, a quem me referi no capítulo anterior. Não sei se esta explicação alguma vez convenceu o público, mas gostaria de reproduzi-la aqui. O texto original, que é extremamente repetitivo e circumlocutado, foi editado para este livro.

Os experimentos psicológicos que vão testemunhar atestam o facto de Wolf Messing possuir alguns poderes extraordinários. É capaz de executar qualquer ordem — precisa e infalivelmente — que qualquer pessoa presente deseje ditar-lhe mentalmente. À primeira vista, esta capacidade pode parecer o resultado de algum poder sobrenatural. No entanto, não há nada de sobrenatural na atuação.

Estas demonstrações podem ser completamente explicadas de acordo com os cânones da ciência rigorosa convencional. Para tornar clara a natureza destas demonstrações, explicarei brevemente a base do seu dom.

O cérebro representa o órgão mental no homem. Os mecanismos precisos pelos quais funciona foram explicados pelos cientistas russos I.M. Sechenov e I.P. Pavlov. No final do século passado, Sechenov já delineara a base da atividade reflexa do cérebro, e Pavlov expandiu mais tarde as suas teorias. Pavlov demonstrou que todos os processos mentais e sensações — sentimentos, conceitos, pensamentos — representam a saída dos neurónios do cérebro.

Refletindo a entrada derivada do mundo exterior, o cérebro regula todos os processos fisiológicos que dão origem à vida biológica. Quando uma pessoa pensa em algo, as suas células cerebrais transmitem instantaneamente impulsos para o resto do corpo. Por exemplo, se uma pessoa pensa em pegar num objeto com a mão, o cérebro traduzirá esse pensamento num impulso que manipula os músculos da mão. Este impulso é pequeno, mas definitivamente existe. Podem prová-lo vós mesmos realizando uma experiência simples. Peguem num fio e atem-lhe um peso, para terem um pêndulo improvisado.

Depois, comecem a pensar em algum tipo de movimento — por exemplo, pensem no pêndulo a rodar no sentido dos ponteiros do relógio. Quanto mais intensamente se concentrarem, mais claramente o peso começará a rodar da maneira que estão a pensar. Este fenómeno pode ser facilmente explicado: a parte do cérebro subjacente ao pensamento humano está diretamente ligada à que regula as nossas funções motoras. Simplesmente falando, o pensamento está ligado ao movimento.

Um ciclista precisa apenas de imaginar vividamente que está em perigo de se despistar numa pilha de pedras, e involuntariamente fará os movimentos exatos que realizarão os seus medos. Ao atravessar uma prancha estreita, basta imaginar que está em perigo de cair, e o seu equilíbrio será perturbado. Em cada caso, os vossos pensamentos influenciaram involuntariamente o vosso comportamento físico. Os cientistas chamam a estes exemplos atos «ideomotores».

A investigação daqueles que seguiram as pistas de Pavlov, K.M. Bykov e outros delineou o processo em algum detalhe. Não só os pensamentos podem produzir impulsos musculares involuntários, como também alterações na circulação sanguínea, na excitabilidade do sistema nervoso central, e assim por diante.

Recentemente, instrumentos sensíveis foram empregues para registar as correntes precisas que excitam os músculos quando influenciados por um pensamento específico. Descobriu-se que se uma pessoa fecha os olhos e pensa em algum objeto alto — uma torre, por exemplo — os seus globos oculares aparecerão como se estivesse realmente a olhar para cima.

Se eletrodos fossem colocados na língua e laringe de uma pessoa e depois ligados a um galvanómetro suficientemente sensível, as leituras registariam impulsos fracos, como se falasse os seus pensamentos. Estas experiências científicas provam que o corpo pode responder a mensagens fracas do cérebro, e que estes impulsos podem ser detetados.

Toda a perceção surge dos nossos cinco órgãos sensoriais. Agora, para que uma sensação se registe no cérebro, essa sensação deve primeiro atingir uma certa magnitude. Por exemplo, normalmente não notam o tique-taque do vosso relógio, mas se o aproximarem o suficiente do ouvido, o tique-taque tornar-se-á claro. Os órgãos sensoriais variam na sua acuidade de pessoa para pessoa, e algumas pessoas possuem um nível fenomenalmente alto de sensibilidade.

Muitos de vós sabem da sensibilidade aumentada dos cegos e surdos. Porque não podem usar a visão ou audição, as suas outras perceções sensoriais tornam-se mais aguçadas. Caminhando por uma rua familiar, sabem que casa estão a passar pelo cheiro, ou detetam uma pessoa ou carro que se aproxima por vibrações fracas. Estas capacidades percetivas também podem ser melhoradas deliberadamente através de treino. O que testemunharão hoje é completamente explicável por estes preceitos…

E com uma pausa carregada, Aida terminaria a sua introdução. Até que ponto é esta explicação verdadeira? Até que ponto era o discurso um dispositivo teatral para excitar ainda mais a curiosidade do público? Não penso que o processo por detrás dos poderes de Messing fosse claro mesmo para a própria Aida, embora testemunhasse os experimentos quase diariamente durante vinte anos.

É lamentável que o auge da carreira de Messing tenha sido durante a ditadura repressiva de Estaline. Após a morte de Estaline, a ciência recuperou e campos como a cibernética ganharam o seu lugar. Se o trabalho criativo de Messing tivesse vindo à luz duas décadas mais tarde, quem sabe que descobertas poderiam ter sido feitas. As suas capacidades teriam pelo menos sido respeitadas, e investigação séria desenhada para as investigar. Mas os difíceis anos de Estaline nunca permitiram a Wolf este respeito, e o maior psíquico da Rússia foi reduzido a dar atuações teatrais para ganhar a vida.

Existe realmente telepatia genuína? O espetro eletromagnético foi bem estudado, e não existe efeito de campo que pudesse explicar tal fenómeno. Talvez exista na natureza um campo semifísico ainda desconhecido que não pode ser registado pelos instrumentos atuais da ciência. Quando o campo eletromagnético foi descoberto por Heinrich Hertz em 1886, ninguém poderia ter imaginado a transmissão de sons e imagens que hoje tomamos como garantida. Talvez no futuro alguém descubra uma forma de explicar o que chamamos telepatia. Não penso que algum cientista, ou o próprio Wolf Messing, pudesse explicar conscientemente os seus dons

raros. Representam mistérios que escapam aos nossos métodos científicos atuais. Provavelmente era mais fácil e simples para os cientistas soviéticos nos anos 1940 e 1950 oferecer explicações puramente racionais para o sexto sentido de Wolf do que lidar com os verdadeiros segredos alojados no seu cérebro.

Vejamos evidências, derivadas da ciência e da cultura popular, apontando diretamente para a existência de faculdades supernormais no homem.

A transmissão direta de pensamento é uma possibilidade que a humanidade contemplou através dos tempos. A ideia sem dúvida surgiu pela primeira vez há séculos, inspirada em experiências comuns e quotidianas. Sabemos que as pessoas muitas vezes têm premonições ou pressentimentos quando algo terrível está prestes a acontecer à sua família ou amigos, mesmo que estejam a quilómetros de distância deles. Muitos exemplos poderiam ser citados.

Durante a Segunda Guerra Mundial, por exemplo, contaram-se muitas histórias de mães e esposas que souberam imediatamente quando os seus filhos ou maridos foram mortos na frente. Mesmo o cético dificilmente poderia atribuir tais eventos à coincidência, ou seja, que é mais provável que uma pessoa seja morta numa guerra em grande escala do que sobreviva. Tal objeção seria convincente, exceto que estas pessoas invariavelmente «recebiam» as suas impressões no dia e hora precisos da morte.

A seguinte história é contada por Hans Berger, ainda lembrado pela sua descoberta da eletroencefalografia, no seu panfleto Psyche. Tanto quanto sei, esta é a primeira vez que é traduzida para inglês.

O seguinte aconteceu quando — como estudante de (…) anos — escapei por pouco a uma morte certa durante alguns exercícios militares em Würzburg. Estava a escoltar armas de artilharia numa carroça puxada por seis cavalos. O meu cavalo tropeçou ao atravessar a borda de uma estrada de montanha íngreme e quase caí debaixo das rodas da carroça. Felizmente, os cavalos foram parados a tempo e fui salvo. Estava ileso mas muito assustado. O incidente ocorreu numa manhã de um belo dia de primavera, mas nessa mesma noite recebi um telegrama do meu pai a perguntar se eu estava bem. Foi a primeira e única vez na minha vida que recebi tal inquérito dele.

Acontece que a minha irmã mais velha, com quem eu era especialmente próximo, insistiu que o telegrama fosse enviado. Ela de alguma forma «sabia» que um acidente me acontecera. Como nessa altura os meus pais viviam em Koburg, o incidente foi um claro exemplo de transmissão espontânea de pensamento. Num momento de grave perigo, atuei como uma espécie de transmissor e a minha irmã tornou-se a recetora.

Hans Berger também cita este exemplo:

Uma manhã, enquanto me vestia, tive de repente uma sensação estranha. Era como se estivesse com um velho amigo de escola que não via há vinte anos. A caminho do trabalho na clínica, este pensamento continuava a voltar e não conseguia livrar-me dele. Quatro horas mais tarde, o diretor da clínica disse-me que um certo cavalheiro desejava falar comigo sobre um assunto importante. Esse cavalheiro revelou-se o meu amigo.

Uma história semelhante é contada por Leonid Vasiliev no seu livro Sugestão Mental à Distância. Quando o cientista tinha doze anos, passou o verão na casa de campo da tia, não longe da cidade de Pskov. Os pais tinham ido para o spa checoslovaco de Karlsbad tomar uma cura de águas. Um dia, ao cair da tarde, Leonid e o irmão e irmã decidiram subir a um salgueiro que pendia sobre a margem de um rio. Leonid caiu da árvore e para o rio. Não sabia nadar e estava em perigo iminente de afogamento. Felizmente, conseguiu agarrar-se a um ramo baixo e subir a margem do rio, enquanto o irmão e a irmã observavam horrorizados. As crianças tinham medo de serem castigadas; estavam encharcadas até aos ossos e Leonid perdera o boné escolar. Sabiam que a tia ficaria zangada.

Quando ouviu a história, no entanto, ela prometeu não escrever aos pais sobre o incidente. Ficaram naturalmente espantados quando a mãe, ao regressar, contou o incidente com todos os detalhes, mencionando o boné, o salgueiro, e assim por diante. Viram tudo num sonho tão vívido que ela instou o marido a enviar um telegrama para Pskov. O pai de Leonid confessou que nunca enviara o telegrama; fora ao escritório do telégrafo apenas para acalmar a esposa, e em vez disso tirou uma sesta lá!

Mesmo se colocarmos a nossa fé na ciência, a existência de tais fenómenos não contradiz uma visão puramente material do mundo? Não aponta para algum campo desconhecido que existe à nossa volta? Existem lacunas no nosso conhecimento da natureza. Cientistas sérios continuam a procurar algum processo físico que explique a telepatia, mas talvez não exista tal base física.

O cérebro claramente alberga vários mistérios. Os segredos da hipnose, por exemplo, eram bem conhecidos pelos sacerdotes do antigo Egito e Babilónia. Os oráculos da Grécia antiga eram supostos especialistas em fazer predições. Nos nossos dias, o poder da mente para controlar o corpo também é bem conhecido. Algumas experiências fascinantes realizadas pelo Conselho para Investigações Psíquicas da Universidade de Londres com Kuda Bux, um faquir da Índia,* demonstram o poder da mente para controlar o corpo. O faquir caminhou sobre uma fossa cheia de carvões e brasas incandescentes com uma temperatura superficial de quatrocentos graus centígrados. As solas dos seus pés (examinadas antes da experiência para garantir que não estavam quimicamente revestidas) não mostravam qualquer traço de queimadura. Mas a parte mais espantosa e misteriosa ainda estava para vir.

Bux, prestes a repetir a caminhada uma segunda vez, recusou-se subitamente a continuar.

«Algo quebrou em mim», explicou. «Perdoem-me, mas não posso repetir a experiência. Perdi a fé em mim mesmo e poderia queimar-me gravemente.»

Esta é uma declaração muito reveladora. Parece que o estado de espírito do faquir desempenhou um papel significativo na sua caminhada sobre o fogo. Este facto não deve parecer absurdo a ninguém; a mente controla o corpo de uma forma única. Um hipnotizador pode produzir marcas de queimadura no corpo de um sujeito por pura sugestão; uma autossugestão semelhante é sem dúvida a chave para a maioria dos casos de estigmas. Muitos cristãos devotos ao longo da história carregaram as marcas da crucificação nos seus corpos, e por vezes estas feridas até sangraram. Sem dúvida, no futuro, os psicólogos descobrirão exatamente como este fenómeno ocorre, mas é claro que a explicação será encontrada dentro do cérebro.

Nenhum prodígio do mundo físico se pode comparar com os segredos do cérebro. É a fonte dos nossos mais altos empreendimentos criativos, que encheram o mundo com dons como a arte e a ciência. É espantoso que o cérebro continue a ser um mistério tão grande. Representa um mundo desconhecido cuja linguagem estamos apenas a começar a compreender.

Notas de rodapé

**Ver Harry Price, «A Report on Two Experimental Fire-Walks». In Bulletin II, University of London Council for Psychical Investigation, 1936.*

9

O Lado Negro do Ocultismo

O antigo sofista grego Górgias de Lentini, famoso pelos seus poderes de oratória, disse que a palavra é um grande mestre. Pode realizar feitos milagrosos: pode banir o medo e a tristeza, e inspirar compaixão.

Uma vez, sentei-me com Wolf enquanto ele recitava um trecho de um poema que lhe fora dedicado por Robert Rozhdestvensky. Parou para pegar nos seus malditos cigarros, enquanto eu pensava no meu próprio primeiro tentativa de escrever poesia na altura em que corria de um lado para o outro entre as minhas duas paixões — a medicina e o jornalismo. Um poema que escrevera sobre construir uma ponte de boa vontade para unir um coração ao outro parecia agora mais apropriado do que nunca. Que grande dom deve ser transferir os teus pensamentos para outra pessoa, pensei. Esta capacidade fora dada a alguém — Wolf — capaz de construir pontes entre corações humanos apenas em nome da verdade e da beleza. Wolf quase parecia ouvir os meus pensamentos secretos ao continuar a história da sua vida.

«Vês, Robert Rozhdestvensky fala no seu poema como se eu lesse literalmente os pensamentos das outras pessoas», começou, «mas é realmente assim que o faço? Mais precisamente, perceciono os pensamentos das outras pessoas. Na maioria das vezes, perceciono estas impressões como abstrações e imagens que apenas significam ações ou lugares.

«O meu amigo, o escritor e jornalista Mikhail Vasiliev, com quem passei vários dias na sua casa de campo perto de Moscovo, perguntou-me mil vezes como funcionavam os meus poderes. Sabia que o interesse dele não era despertado pela curiosidade de um rapaz escolar a perguntar o segredo de um truque de cartas. Vasiliev estava então a recolher material para uma série de livros a serem chamados Homem e o Universo. Como poderia responder-lhe? Como é feito? Não quero rodear-me de mistério, nem elevar-me entre os deuses. Em todo o caso, não considero o meu talento mais extraordinário do que os talentos dos outros. Afinal,

encontramos tantas pessoas dotadas a cada passo! Dar-te-ei um exemplo da dificuldade de explicar as minhas capacidades.

«Imagina que te encontraste num país de cegos, a terra que H. G. Wells descreveu na sua famosa história. As pessoas que vivem nesse país nem suspeitam da existência de um poder como a visão, e tu és a única pessoa com visão lá. Um inquiridor meticuloso tenta descobrir como podes 'saber' sobre objetos que estão a dez, centenas ou mesmo milhares de jardas de distância. Poderias realmente explicar-lhe as imagens que vês? Esta é a minha situação quando me perguntam sobre os meus dons. Estarias em melhor posição para explicar a visão física: poderias explicar como funcionam as ondas de luz, como tais ondas se refletem na lente do olho, e assim por diante. Um processo físico explica a visão. Tens as descobertas de uma coorte de cientistas com que trabalhar. Mas, ao explicar os meus poderes, é impossível sequer começar.»

Há muito tempo que queria perguntar a Messing sobre os seus encontros com outros telepáticos, e o que pensava das suas capacidades. Ele estava prestes a abordar o tema ele mesmo e ficou visivelmente excitado quando perguntei.

«Claro que os conheci, Taibele», começou. «Nunca me considerei único. Só se pode ter direitos exclusivos sobre uma invenção, e eu nunca inventei o sexto sentido. Herdei as minhas capacidades, embora não saiba de quem.

«Posso recordar vários encontros com telepáticos de outros países, e também vi mais do que alguns charlatães descarados. Estes últimos eram vigaristas grosseiros que enganavam o público com os truques mais pueris. A maioria das pessoas viu o tipo de atuação que estes charlatães dão. Por regra, duas pessoas saem para o palco, geralmente um homem e uma mulher a trabalhar em colaboração. Os olhos do primeiro são vendados firmemente com um pano preto, e alguém do público é convidado ao palco para verificar que o pano está bem apertado e impossível de ver através. Isto, claro, implica que qualquer engano consciente foi excluído. Depois, o assistente desce para o auditório para começar o ato.

«Ela para perto, digamos, de um oficial militar em uniforme completo com quatro filas de fitas e a estrela dourada de herói de guerra no casaco. O assistente então envolve-se na seguinte conversa com o 'telepata'.»

«Quem está ao meu lado?»

«Um soldado.»

«Pensa. Define-o mais claramente!»

«Coronel, infantaria.»

«Mais precisamente?»

«Guarda de infantaria.»

«No que estou a tocar?»

«Decorações militares.»

«Mais exatamente?»

«Uma fita que significa a Ordem da Bandeira Vermelha.»

«Quantas ordens tem ele no total? Não respondas imediatamente… conta.»

«Quatro.»

«Correto. E ao lado de quem estou agora?»

Tal diálogo poderia continuar indefinidamente. Observei estas e sessões semelhantes com sentimentos mistos. Simplesmente do meu ponto de vista como espetador, daria ao artista o devido crédito. Obviamente treinara bem, e entretinha-me tal como um mágico o faria. Mas aí terminaria a minha admiração, pois estes artistas não têm a decência de se apresentar como ilusionistas espertos. Os conhecidos ilusionistas Dick Chitashvili, Yefim e Polina Kubansky podiam tirar dez cigarros acesos do ar mesmo diante dos teus olhos, mas nunca alegaram realmente 'materializá-los'. Eram mágicos habilidosos e atuavam como mágicos. Mas a atuação telepática que acabo de descrever é um engano deliberado que ameaça minar o respeito público pela parapsicologia.

«Vejamos novamente esta atuação. Obviamente, o 'psíquico' transmitia informação a partir de um código falado facilmente decifrável. O casal combinara previamente que o assistente se aproximaria de um soldado, e o resto era fácil. Quando o assistente lhe pede para pensar mais claramente, isso é uma deixa para o artista de que o soldado é um coronel da infantaria; mais precisamente significa um guarda; tocar significa decorações militares; e mais exatamente significa a Ordem da Bandeira Vermelha. Quando ela pergunta quantas ordens o soldado tem, diz Não respondas imediatamente, conta, uma frase composta por quatro palavras.

«Este código simples é o segredo do espetáculo. Se, em vez de dizer pensa, define mais claramente, o assistente tivesse dito apenas define mais

claramente, designaria um tenente-coronel. Se tivesse dito apenas pensa, designaria um general. Se, em vez de dizer no que estou a tocar, o cúmplice dissesse no que tenho a mão, talvez significasse uma dragoninha, não decorações militares.»

«As possibilidades de transmitir informação por estes e códigos semelhantes são infinitas, e qualquer pessoa com boa memória pode aprender a dominá-los.»

Wolf estava obviamente ofendido com tais atuações, e, após descrever outras formas semelhantes de falsidade, abandonou o tema.

«Além da leitura de pensamentos», continuou então, «também possuo a capacidade de me colocar num estado cataléptico. Muitos dos grandes iogues dominaram este poder, que testemunhei mais do que uma vez na Índia. Desenvolvi este poder cedo na infância. Lembra-te, este poder tornou possível ganhar a vida em Berlim, onde era anunciado como o cadáver vivo.

«A catalepsia é um estado de imobilidade total em que os membros e músculos se tornam fenomenalmente rígidos. Quando entro num tal estado, podem colocar a parte de trás da minha cabeça no assento de uma cadeira e os calcanhares noutra para criar uma espécie de ponte. Enquanto estou nessa posição, mesmo uma pessoa bastante grande pode sentar-se em mim — uma pessoa que provavelmente não conseguiria levantar um centímetro do chão em circunstâncias normais. Mas, enquanto no estado cataléptico, posso suportar o seu peso facilmente e durante um período prolongado. O meu pulso não se sente, a respiração cessa, e os batimentos do coração mal são percetíveis.

«Pavlov explicou que tal estado pode ser produzido em algumas pessoas através de choque súbito, histeria ou hipnose. Acreditava que resultava quando o córtex cerebral do cérebro se desliga enquanto os ramos subjacentes do sistema neural-motor permanecem ativos.

«Posso entrar neste estado voluntariamente, embora apenas após uma preparação longa. Por vezes, leva-me várias horas a mobilizar a minha vontade. Nos últimos anos, demonstrei esta capacidade cada vez menos, porque me concentrei nas minhas atuações psíquicas. Quando era muito mais jovem, porém, a catalepsia era uma parte indispensável de todas as minhas atuações, especialmente durante as minhas tournées europeias. Mas mesmo neste campo, encontrei enganadores a demonstrar efeitos

semelhantes com a ajuda de todo o tipo de engenhocas mecânicas. Evidentemente, nenhuma esfera da atividade humana está livre de fraude.

«Aqui no Ocidente, a ciência oculta permanece extremamente popular e tem numerosos praticantes e discípulos. Vi as casinhas e barracas pintadas de cores garridas de adivinhos, mágicos, feiticeiros e quiromantes nos Champs-Élysées em Paris, na Unter den Linden em Berlim, e nas ruas de Estocolmo, Buenos Aires, Tóquio e Casablanca.

«Lembro-me do lendário quiromante Pifelo, um homem alto e magro com braços longos que saíam das mangas, que distribuía talismãs 'milagrosos' aos transeuntes — por uma taxa, claro. Foi o primeiro do seu tipo. Tinha bugigangas milagrosas prontas para todas as necessidades ou problemas mundanos possíveis. Podia conjurar talismãs para te proteger de ferimentos em batalha, dar-te sucesso nos negócios e reverter a infertilidade nas mulheres. O pobre Pifelo nunca se tornou rico ele mesmo, no entanto.

«Lembro-me também do psicografologista Schiller-Shkolnik. Não só podia determinar o caráter de uma pessoa pela sua caligrafia, o que não é assim tão complicado, mas podia prever o futuro e revelar o passado.

«Apoio a visão de que a caligrafia de uma pessoa expressa a sua personalidade. Comentários convincentes sobre o assunto foram feitos por Sigmund Freud, que encontrou significado nos nossos lapsos de língua ou pena quotidianos, e na nossa predileção por repetir certas palavras.* O grande poeta, dramaturgo e romancista alemão Johann Wolfgang von Goethe, que tinha uma extensa coleção de autógrafos, também estava convencido de que o caráter e a constituição espiritual de uma pessoa eram revelados pela sua caligrafia.

«Se podemos prever o passado ou futuro de uma pessoa a partir da sua caligrafia é, no entanto, um assunto que abordo com o mais profundo ceticismo.

«Não posso deixar de recordar o mundo do espiritismo, com os seus médiuns psíquicos, sessões de mesa giratória e sociedades secretas. Tenho de confessar que uma vez pertenci a esta irmandade ultraterrena e participei ativamente nas suas práticas. Durante os anos 1930, na verdade, o espiritismo era bastante na moda em certos círculos polacos. Devido ao grande número de médiuns disponíveis no país, as fileiras dos espiritualistas inchavam.

«A base da crença espiritualista é que as almas dos mortos podem, sob certas condições, entrar em comunhão com as nossas enquanto ainda

vivemos. Para provocar tal contacto, é primeiro necessário obter os serviços de um médium — um psíquico capaz de comunicar com o outro mundo. Os espiritualistas no nosso grupo reuniam-se ordinariamente com um médium. Pediam aos céticos que saíssem, porque se sentia que o contacto só podia ser feito se todos os presentes acreditassem profundamente na possibilidade. Pensava-se que mesmo uma tal pessoa influenciaria negativamente as condições.

«As sessões variavam de sessão para sessão e de médium para médium; diferentes psíquicos usam procedimentos diferentes. Alguns empregam simples girar de mesa, enquanto outros usam escrita em ardósia — escritos do outro lado que aparecem subitamente em ardósias de giz seladas. Embora fossem poucos, alguns médiuns podiam produzir materializações. Mas o método mais simples era a comunicação através de batidas.

Para estas sessões, o médium entrava num transe semelhante à hipnose e, após um curto período de tempo, os espíritos batiam numa porta ou parede anunciando a sua presença. Os presentes podiam então fazer as perguntas mais imprevisíveis, respondidas por uma longa série de batidas monótonas. O número de batidas em cada série indicava uma letra específica do alfabeto. Palavras e frases inteiras podiam ser formadas a partir das batidas, embora por vezes as interpretações que lhes dávamos fossem severamente forçadas!

«O médium mais poderoso no nosso grupo era considerado um certo Jan Guzik.* Ele invocava os espíritos de Napoleão, Alexandre o Grande, Adam Mickiewicz, e até Cristóvão Colombo. Lamento não ter sido suficientemente atrevido para lhe pedir que invocasse os espíritos de Adão ou Eva, ou ambos simultaneamente, para poder ouvir as suas diferentes visões sobre a serpente que os tentou. Mais tarde, passei a considerar o espiritismo pura charlatanice e provavelmente o resultado de hipnose e sugestão em massa. Uma vez, enquanto visitava Londres, assisti a uma atuação de circo em que mágicos parodiavam todos os experimentos dos espiritualistas, expondo os truques espertos por detrás deles.»

As tradições espiritualistas do século XIX, das quais muita da investigação psíquica recente e a parapsicologia são herdeiras, são certamente facilmente imitadas por mágicos de palco habilidosos. A paródia que Messing observou no circo foi talvez mais proficientemente realizada pelo mundialmente renomado mágico de palco Harry Houdini. E no entanto, muitos fenómenos espiritualistas espontâneos permanecem

inexplicados e não duplicados pela magia de palco. E embora as memórias de Wolf ligassem sessões à Polónia, há também uma tradição espiritualista profunda e virtualmente inerradicável na Rússia, bem como noutras regiões da União Soviética.

Talvez uma das manifestações públicas contemporâneas mais surpreendentes desta tradição tenha emergido durante o famoso Vigésimo Congresso do Partido Comunista da União Soviética em 1956, onde Khrushchev fez o seu histórico discurso revelando as práticas desumanas da era Estaline e expondo o «culto da personalidade» que caracterizara um quarto de século da história soviética. Neste congresso, uma antiga estudante de Vladimir I. Lenin, fundador do estado soviético, levantou-se e exclamou apaixonadamente, na presença de cerca de cinco mil delegados, que a presença desencarnada de Lenin lhe dissera que já não suportava partilhar o seu túmulo com o corpo de Estaline. A antiga estudante, Darya Lazurkina, era nessa altura uma mulher frágil e idosa que ela própria se tornara uma das vítimas de Estaline em 1937.

Um relato publicado do congresso notou que a invocação de Lenin por Lazurkina recordava os seus dezanove anos e meio em prisões, campos de trabalho e exílios internos. Mas, disse ela, «sempre tive Lenin no meu coração e perguntava-lhe o que fazer.» Acrescentou: «Ontem consultei novamente Lenin, e ele parecia estar diante de mim como se vivo e disse: 'É desagradável para mim estar ao lado de Estaline, que causou tanto mal ao partido.'» Qualquer que fosse o impacto direto deste testemunho, que parapsicólogos poderiam categorizar como uma aparição visual e oralmente percecionada, o corpo de Estaline foi subsequentemente removido do mausoléu da Praça Vermelha e reenterrado num cemitério do Kremlin.

O testemunho de Lazurkina deve ser visto contra o fundo histórico do espiritismo na Rússia pré-revolucionária, que refletia a fascinação do século XIX por fenómenos espiritualistas, na Europa bem como nos Estados Unidos. Um médium internacionalmente conhecido, Daniel Dunglas Home, visitou a corte real em São Petersburgo com grande aclamação. Além disso, uma revista dedicada a fenómenos espiritualistas e psíquicos foi publicada na cidade capital da Rússia de 1857 a 1867. O seu próprio nome, Vestnik Evropy (Mensageiro Europeu), refletia o caráter internacional dos estudos psíquicos durante esse período.

Céticos e críticos eram vocais mesmo então. Entre eles estava um pioneiro em química e física, Dimitry I. Mendeleyev, que organizou um

comité de investigação dentro da Sociedade Física de São Petersburgo dedicado à exposição de médiuns fraudulentos. O seu antagonista mais proeminente era Alexander N. Aksakov, cujos escritos sobre fenómenos espiritualistas e relacionados foram publicados na Alemanha, França, Grã-Bretanha e Estados Unidos.

A Sociedade Russa para Psicologia Experimental foi estabelecida em 1891, e os seus membros examinaram a gama de fenómenos, incluindo clarividência e telepatia, que Messing mais tarde exibiu de forma tão dramática. No virar do século, Rebus, uma revista russa dedicada exclusivamente ao espiritismo, foi publicada em São Petersburgo.

A Primeira Guerra Mundial e a Revolução Bolchevique puseram fim a esta tendência, mas as muitas mortes durante ambas as guerras mantiveram alto o interesse privado em fenómenos de sessões e estudos de vida após a morte.

O próprio trabalho de Messing trouxe-o em contacto com muitos ocultistas. Disse que passou «tanto tempo a discutir» eles «porque os encontrei tão frequentemente.

«Conheci muitos deles de perto, razão pela qual descobri as suas técnicas para enganar o público. Por isso, achei refrescante a honestidade do faquir Ben Ali, que trabalhou uma vez com o Circo de Varsóvia. Era muito parecido comigo no espírito e muito mais simpático do que a maioria dos artistas. O seu melhor número chamava-se ‘o tiro’. Disparavam contra ele com uma pistola, e ele invariavelmente apanhava as balas em voo com a mão nua. Espectadores com nervos fracos geralmente entravam em histeria, mas Ali sobrevivia sempre ao calvário. Uma vez, havia um oficial cético entre os espetadores que se ofereceu para disparar contra Ben Ali com a sua própria pistola. Com amarga ironia, Ali disse: ‘Se estivesse no meu lugar, meu caro senhor, concordaria em ser morto por alguns cinco zlotys por dia!’

«A coisa principal, do meu ponto de vista, é diferenciar o ocultismo e a charlatanice da existência real da telepatia, que deve ser sujeita a testes científicos rigorosos e sérios. É um facto triste que haja hoje mais charlatães do que psíquicos genuínos, e que tenham trivializado este mistério científico ainda não resolvido. Tornaram a sociedade excessivamente cética quando o próprio assunto é mencionado.

«Existe mais razão para este ceticismo; alguns telepáticos eles mesmos são culpados de exagerar os seus poderes, e outros usaram as suas capacidades puramente por razões mercenárias.

«Alguma evidência existe de que o brilhante e famoso aventureiro internacional Conde Cagliostro, que viveu no conturbado século XVIII, possuía capacidades telepáticas significativas. Não sem sucesso, muitas vezes passou-se por médico de capacidades notáveis. Também aparecia perante os seus contemporâneos admiradores alegando ser um cientista natural, ou um brilhante alquimista na posse da Pedra Filosofal. Também enganou os seus cohorts confiantes convencendo-os da sua imortalidade, e alegava ter milhares de anos. Mas não foi bem-sucedido quando interpretava o papel de clarividente.

«Para desgosto dos seus descendentes, este brilhante vigarista não deixou atrás de si evidência material das suas capacidades excecionais. Nem as suas memórias foram preservadas em notas ou diários, embora algumas falsificações espertas tenham surgido. Esta figura enigmática despertou a imaginação de muitas pessoas, incluindo escritores como Alexander Dumas e Tolstoy, que moldaram as suas representações literárias dele a partir de lendas questionáveis.

«Eu também me interessei por Cagliostro e uma vez tentei analisar algum testemunho dos seus contemporâneos. Temos de dar ao diabo o que é do diabo: era um vigarista talentoso de primeira classe, e tenho pouca dúvida de que a telepatia estava no seu arsenal de efeitos. Cagliostro pertencia sem dúvida à categoria de psíquicos que exageram os seus poderes e usam os seus dons por razões mercenárias. Erik Jan Hanussen deve também ser colocado nesta classe.

A controvérsia sobre a telepatia ainda existe hoje, claro. Fiquei a saber de um encontro interessante e informal entre Karl Nikolaev, um jovem telepatista amador, e Alexander Kitaygorodsky, conhecido pelo seu cepticismo em relação à telepatia. O professor Kitaygorodsky acabara de publicar um artigo na Gazeta Literária sobre este tema intrigante. O artigo concluía que, uma vez que é impossível explicar a transmissão do pensamento, se a telepatia existe ou não é uma questão irrelevante. A afirmação foi um golpe para os crentes. Karl Nikolaev dirigiu-se à redação da revista Znanye-Sila (O Conhecimento é Força) e anunciou o seu desejo de se encontrar com Kitaygorodsky. Pediu que fossem realizados experiências com ele sob a supervisão de vários observadores imparciais. Esta foi a abordagem honesta e direta de um jovem psíquico à controvérsia.

Nikolaev tentou demonstrar tudo aquilo de que era capaz e, até certo ponto, conseguiu abalar o ceticismo do velho e eminente académico. Kitaygorodsky comentou que tentaria dar uma avaliação final objetiva da experiência e propôs escrever um segundo artigo recomendando que a telepatia deveria, pelo menos, ser estudada seriamente. No final, porém, Kitaygorodsky manteve a sua posição original. O artigo admitia que, em certos casos, as experiências com Nikolaev tinham sido bem-sucedidas e impressionantes, mas concluiu que Nikolaev não era mais do que um excelente adivinhador.

As avaliações e conclusões de Kitaygorodsky são antiquadas e conservadoras, e simplesmente não se sustentam. Há muito que se sabe que a atividade elétrica no cérebro reflete os nossos processos de pensamento. Novos instrumentos, como o eletroencefalógrafo, tornam agora possível registar esta atividade. Descobriu-se que, quanto mais intensamente uma pessoa se concentra, maior é a amplitude e a frequência dos impulsos elétricos. Porque não poderá esta atividade ser a base da telepatia? A objeção habitual a esta teoria é que a produção elétrica do cérebro é demasiado pequena para ser percetível mesmo a uma curta distância. Mas não acho que esta objeção deva ser levada a sério, e não aborda toda a questão." Messing tinha, claro, toda a razão; a tecnologia médica moderna forneceu à parapsicologia um novo e altamente eficiente conjunto de ferramentas.

De facto, Karl Nikolaev e o seu parceiro telepático, o biofísico Yuri Kamensky, foram repetidamente e cuidadosamente examinados pelo Laboratório de Bio-Informação, então em funcionamento em Moscovo sob a direção do professor Ippolite Kogan, conhecido pela sua investigação em engenharia de rádio. Numa série de experiências de transmissão de pensamentos entre Moscovo e Novosibirsk, e entre outras cidades distantes, os dois homens foram submetidos a uma variedade de testes que iam desde a transmissão de códigos através de sinais Morse até à adivinhação de uma variedade de objetos domésticos "enviados" a Nikolaev pelo seu parceiro.

Os seus cérebros e corações foram monitorizados durante estes testes, com protocolos elaborados a documentar a sua preparação e execução cuidadosas. Não se deve, no entanto, assumir que os resultados foram uniformemente positivos, ou que foram recebidos sem controvérsia. Contudo, a atenção cada vez mais séria dada aos fenómenos parapsicológicos pela comunidade científica soviética era em si bastante

surpreendente. Wolf Messing não usava parceiros, nem os vários laboratórios, até onde sei, testaram as suas habilidades especiais sob condições controladas tecnologicamente.

As habilidades psíquicas são tão variadas e elusivas como outros talentos, e os psíquicos que se saem extremamente bem em situações espontâneas, ou com o estímulo da participação do público, muitas vezes não funcionam bem em ambientes laboratoriais frios e impessoais. Wolf recordava que Kitaygorodsky falava do fenómeno que ficou conhecido como "perceção subliminar" e procurava usá-lo para documentar a subtileza elusiva das nossas perceções sensoriais.

Kitaygorodsky mencionou especificamente experiências que, como ele disse, "demonstraram que o olho humano era capaz de responder a mensagens subliminares projetadas diante dele. Explicou: "Por exemplo, um anúncio comercial com duração não superior a 1/25 de segundo pode ser inserido no meio de um filme. Não será notado pelo espetador, mas a sua mensagem infiltrar-se-á na consciência do espetador. Porque não há de o respeitado cientista admitir a noção de que o cérebro pode ser igualmente sensível a correntes eletroquímicas geradas por outro cérebro?

Não poderia uma pequena emissão de um campo eletromagnético criar algum tipo de ressonância no cérebro de outra pessoa? "A segunda objeção à teoria das ondas eletromagnéticas da telepatia é que estas radiações representam um subproduto sem importância do pensamento — algo como o fumo de uma chaminé de fábrica. Concordo prontamente com este ponto, mas parece-me que o fumo pode revelar algo importante sobre o que está a ser produzido!

O fumo de uma fábrica que queima mercúrio difere do de uma caldeira de uma central elétrica. "Perdoem-me por ser metafórico, mas não será possível que algumas pessoas possuam supersentidos altamente refinados que consigam interpretar com precisão estes vários tipos de 'fumo', determinando precisamente o processo pelo qual é produzido, e portanto o que a fábrica está a produzir? Devem ser realizados experiências sérias para determinar se o campo eletromagnético transporta transmissões telepáticas.

"Quanto à minha habilidade telepática, só posso dizer que pouco me importa se tenho ou não contacto físico com o meu indutor. É de pouca importância se seguro o pulso dele ou se ele segura o meu. É muito mais fácil para a maioria dos telepatas penetrar nos pensamentos de outra pessoa enquanto lhe segura a mão. Talvez este facto ajude os cientistas na sua

busca para compreender a telepatia.” Notas de rodapé * Sigmund Freud explica o significado por detrás destes lapsos em A Psicopatologia da Vida Quotidiana, publicado em 1904, e em inglês em 1914. * Jan Guzik (1875–1928) foi exaustivamente testado por vários cientistas. Deu uma série de quinze sessões em Varsóvia em setembro de 1921 para o professor Gustave Geley, que as relatou em Clairvoyance and Materialization. Embora Geley tenha ficado impressionado com Guzik, outros investigadores consideraram-no um completo fraude.

Um relatório inteiramente negativo sobre os seus poderes foi emitido pela Sorbonne em 1923. Foi subsequentemente apanhado em fraude por fotografia com flash em Cracóvia no ano seguinte. — nota do editor. 10 O Enigma dos Dons de Messing Durante o seu primeiro século, o Instituto de Relações Diplomáticas produziu uma série de porta-vozes notáveis. Enquanto participavam em negociações, frequentemente deixavam os seus rivais ou aliados atónitos com o seu extraordinário conhecimento e perícia política. Sem dúvida, a informação que traziam para as mesas de negociação era fornecida pela rede de serviços secretos soviéticos, mas alguns diplomatas também possuíam o dom de ler os pensamentos dos seus rivais.

Claro, os diplomatas eram ajudados pelo seu conhecimento especializado da psicologia humana, mas por vezes eram auxiliados pelo sexto sentido. Este é apenas um exemplo simples de como algumas pessoas usam a telepatia nas suas vidas quotidianas, por vezes sem sequer se aperceberem disso. Da mesma forma, recordo uma história que Wolf gostava de contar sobre um guarda de fronteira que trabalhava na alfândega. Era jovem e bonito, com cabelo escuro e olhos castanhos, e o seu uniforme assentava-lhe tão perfeitamente que parecia ter sido feito à medida. Parecia usar inconscientemente os seus sentidos psíquicos durante o trabalho.

O seu dever era garantir que a bagagem que cruzava a fronteira estava “limpa”, isto é, sem documentos falsos, ouro, drogas, pedras preciosas ilícitas ou outro contrabando. Apenas lançando um olhar superficial à bagagem de um viajante, conseguia facilmente detetar os locais de esconderijo. Se o contrabando estava escondido no corpo do contrabandista, o guarda olhava-o nos olhos e dizia algo como: “Retire a bota esquerda e desaperte o salto” ou “O fundo duplo da sua mala de viagem abre-se por dentro ou por fora?” Quando lhe perguntavam como sabia sempre onde encontrar estes itens escondidos, nunca conseguia dar

uma resposta concreta. “Não sei; sinto-o intuitivamente”, dizia ele. O guarda era indubitavelmente psíquico, mas obviamente não se apercebia disso, e se assistisse a uma das atuações de Messing, provavelmente ficaria tão espantado como todos os outros. A busca de objetos escondidos era uma parte significativa da maioria das atuações de Wolf Messing.

Para dar uma ideia melhor das atuações de Wolf, gostaria de citar algumas críticas de jornais e revistas que guardei nos meus arquivos. O seguinte é retirado de um artigo intitulado “No Mundo do Pensamento Humano”. A fonte russa original da crítica e o seu autor são irrelevantes: Um homem com os olhos vendados inclina-se sobre um tabuleiro de xadrez com intensa concentração. Confiantemente, pega numa peça e coloca-a na casa apropriada. Com outro movimento, dá xeque-mate ao seu adversário imaginário.

Deve acrescentar-se que o vencedor nunca jogara xadrez antes, o que é todo o ponto da demonstração. Mas não se apresse, caro leitor, a tirar uma conclusão precipitada. Só depois de se familiarizar com as experiências psicológicas de Wolf Messing — um homem com sentidos altamente treinados — é que poderá ver como é feito. Sem ajuda externa, Wolf Messing nunca teria conseguido dar xeque-mate ao seu adversário imaginário. Precisa de um indutor — isto é, uma pessoa capaz de lhe dar comandos mentais e com quem esteja em contacto imediato. Essa pessoa segura firmemente o pulso de Messing na sua própria mão e é ela quem deve jogar xadrez.

Durante a sessão, permanece calada como uma amêijoa e pode até virar as costas ao psicólogo depois de examinar o tabuleiro. Mas deve sugerir mentalmente a Messing qual deverá ser o seu próximo movimento. Como adivinha Messing o pensamento do seu emissor? Como se transforma o contacto físico entre eles nos pensamentos imateriais do emissor? I.M. Sechenov e Ivan Petrovich Pavlov estabeleceram que certos reflexos estão na base da atividade do cérebro. Estes reflexos interagem continuamente com o ambiente externo.

Por exemplo, suponha que está a pensar numa corrida de pés que começará dentro de um minuto. O seu coração já começará a bater mais rápido, bombeando assim sangue extra para as suas pernas. Ou suponha que está a manobrar numa barra fixa de ginástica e a concentrar-se no seu equilíbrio. Se começar a oscilar e a cair, o seu cérebro corrigirá o seu equilíbrio. Estes movimentos quase impercetíveis, produzidos pelo poder do pensamento, representam o que se designa por atividade “ideomotora”.

Estes mesmos movimentos quase impercetíveis são invariavelmente produzidos pelo emissor ou indutor, e servem como fonte primária de informação de Messing.

Algumas pessoas que assistiram às experiências psicológicas de Messing acreditam que ele consegue realmente receber os comandos mentais do emissor mesmo à distância, mas isso não é verdade. Se Messing parece conseguir adivinhar os comandos do seu emissor à distância, é apenas porque possui uma capacidade única de transportar o estado de outra pessoa para si próprio. Agora, como isso difere da telepatia é um mistério para mim! As atuações de Messing incluíam alguns efeitos não facilmente explicados pela teoria dos "sinais sensoriais", uma vez que se centravam na transmissão de pensamentos geralmente abstratos.

Para ilustrar este ponto, gostaria em seguida de citar um excerto de um artigo que apareceu na revista russa Health em 1963. O repórter é o professor G.I. Kositsky. Há muitos anos assisti a uma das atuações de Wolf Messing. O mestre de cerimónias anunciou que Messing realizaria qualquer tarefa sugerida pelo público. Deviam ser escritas e entregues no palco e ao painel, que fora selecionado aleatoriamente entre os presentes na atuação. O júri estava lá para garantir o segredo do que estava escrito e para verificar se as tarefas eram corretamente executadas.

Messing não precisava de ver as notas, pois conseguia captar mentalmente o seu conteúdo. O silêncio, que acompanha qualquer ato misterioso, instalou-se no auditório. Eu próprio enviei uma nota ao painel com o seguinte texto: "Retire a cadeira extra do corredor treze e coloque-a no palco. Extraia dois certificados do bolso da rapariga sentada no décimo sexto lugar do décimo corredor, e some o número do primeiro com o número de validação do segundo. Do outro bolso, retire dinheiro igual em montante à soma obtida, e coloque-o debaixo da perna frontal esquerda da cadeira que foi trazida para o palco."

Fui convidado para o palco, e Messing pediu-me que o tomasse pelo pulso e me concentrasse na tarefa. As luzes da ribalta eram ofuscantes. Segurei a sua mão enquanto ele estava ao meu lado. De repente, ele saiu disparado do palco para o auditório, arrastando-me consigo. Dirigiu-se ao corredor treze, agarrou febrilmente na cadeira e regressou comigo ao palco. O auditório encheu-se de aplausos. Sentindo-me mais à vontade agora, decidi começar a minha própria experiência. Percebi que a minha mão, que apertara o pulso de Messing, estava fora do meu controlo, por isso relaxei deliberadamente os músculos e concentrei-me na tarefa que tentava

transmitir mentalmente. Do ponto de vista do público, deve ter sido uma cena divertida.

Uma pessoa permanecia imóvel com o rosto petrificado, a outra tremia nervosamente. Messing tremia com um ligeiro tremor, como se um tique nervoso se movesse de uma parte do corpo para outra. Depois, de repente, imobilizou-se por um instante. Em seguida, os seus músculos começaram novamente a sua dança nervosa. Deixei deliberadamente a minha mão inerte. “Não pense em si próprio! Não pense em si próprio!” disse Messing baixinho enquanto permanecia imóvel. Ele estava errado; eu não estava a pensar em mim próprio de todo.

Estava a concentrar-me tanto na minha tarefa que deixara de notar o que quer que fosse à minha volta. Percebi então que os meus pensamentos não podiam ser transmitidos diretamente a ele; ele captava-os apenas através das vibrações da minha mão. Fazia dezenas de movimentos aparentemente aleatórios para avaliar as minhas reações a eles. Se por acaso se movesse na direção certa, eu respondia de uma forma particular. Este fenómeno não implica transmissão de pensamento, mas uma espécie de adivinhação. Messing estava a interpretar os pequenos movimentos que a minha mão fazia.

Comecei a apertar ligeiramente o seu pulso sempre que ele se movia na direção certa. Messing ganhou vida, por isso repeti este aperto ligeiro cada vez que ele se movia na direção certa. Encontrou a rapariga na décima fila e trouxe-a para o palco, embora eu não o tivesse pedido. Fez inúmeras passagens sobre ela, e quando as suas mãos estavam perto dos bolsos dela, apertei novamente a sua mão ligeiramente. Naquele instante, ele tirou o conteúdo dos bolsos dela e colocou-o na mesa. Num piscar de olhos, tocou em cada objeto consecutivamente e mais uma vez a minha mão apertou quando chegou aos certificados.

Após uma hesitação de um segundo, os certificados foram postos de parte. Com base nesta atuação, Kositsky concluiu que os poderes de Messing não tinham qualquer relação com algo paranormal. O seu artigo continuou: Não assisti às atuações de outros telepatistas, por isso não me aventurarei a pronunciar julgamento sobre eles, mas, no que diz respeito a Messing, devo enfatizar que não há nada de misterioso e incompreensível nas suas experiências. O nosso pensamento é um produto do cérebro e não pode existir separado dele ou da natureza.

Citei extensivamente o artigo de Kositsky para ser justo em relação a Wolf Messing e à controvérsia em torno das suas atuações. Alguns anos

mais tarde, o meu filho contou-me que Kositsky era o chefe do departamento de fisiologia do Instituto Médico N.º 2 em Moscovo, onde ele estudava. Aparentemente, o professor nunca se desviou do dogma e das teorias de Pavlov e Sechenov. Lembro-me bem de como encontrei pela primeira vez o artigo de Kositsky.

Como aluno tanto de medicina como de fotojornalismo, interessava-me pela revista Health e tentava sempre adquirir a última edição. Numa manhã de março de 1963, comprei um exemplar no Hotel Metropol e sentei-me imediatamente no pequeno jardim público junto ao Teatro Bolshoi para o folhear. Depois de passar os olhos pelo índice, virei-me instantaneamente para o texto de Kositsky. Meia hora depois, corria a caminho do apartamento de Messing. "Que é isto, Tanya, aparecer ao raiar do dia?" resmungou Wolf quando abriu a porta. Percebi que estava apenas a fingir estar aborrecido. Os seus olhos brilhavam com bondade e parecia uma criança grande. Acabara de sair do duche matinal e, com uma toalha enrolada à volta da cabeça como um turbante, parecia um sábio indiano.

A imagem estaria completa se estivesse apenas a segurar um narguilé a fumegar, mas em vez disso, o habitual e detestável cigarro Kazbek pendia-lhe da boca. Entreguei a Wolf a revista aberta no artigo de Kositsky e pedi-lhe que o lesse imediatamente e me dissesse o que pensava. Wolf não tinha pressa, porém, e começou a servir chá feito de bagas de rosa-brava. Só depois de termos bebido uma segunda chávena é que pegou na revista. "Bem, o que posso dizer, Tanya?" disse ele finalmente. "Sabes que nunca tento rodear as minhas experiências com uma aura de misticismo. O professor está a abordar o problema de outro ângulo.

Eu concordaria com ele se pudesse explicar exatamente como é que ele me 'sinalizou' para somar, e não subtrair, ou para subtrair o primeiro número do segundo. "Ele não me confundiu ao deixar a mão inerte, mas ao concentrar-se em si próprio, no seu próprio corpo, em vez de na tarefa. Trouxe deliberadamente a rapariga para o palco para que todos pudessem ver o que eu estava a fazer. "O professor Kositsky não é a primeira pessoa que tenta meter uma pedra no meu caminho. Por vezes, estas pessoas avisam-me com antecedência das suas intenções, mas, em todos os casos, os cientistas com quem contactei tentaram ignorar tudo o que não se enquadrava na sua teoria dos sinais sensoriais.

Posso assegurar ao professor que a sua tentativa de não me dar indicações não interferiu com as minhas capacidades. "Claro, o facto de este senhor não estar a pensar na tarefa criou alguma interferência, algo

como o ruído estático usado para interferir num sinal de rádio, por isso mudei para outra frequência. Disse-lhe para não pensar em si próprio, tentando devolver o seu foco à tarefa em mãos; tive de o pôr no lugar como a uma criança desobediente.

«Por vezes, um tipo de interferência completamente diferente pode atrapalhar-me durante as experiências. Não consigo 'ouvir' telepaticamente todos com a mesma clareza, mas claro que não estou realmente a ouvir: trata-se mais de sentir os pensamentos e desejos de outra pessoa como se fossem meus. Se o meu emissor imaginar que está dominado pela sede, por exemplo, também eu quero beber qualquer coisa. Se imaginar que está a acariciar um gatinho peludo, a palma da minha mão sente um pequeno ser macio.

«Mas, como acabei de dizer, não 'ouvira' realmente os pensamentos e sentimentos de todos os emissores com a mesma clareza. Alguns são altos e outros abafados, mal penetrando até mim. Lembrem-se de que não escolho os meus indutores durante as atuações. É o público que os escolhe por mim.

«Se me calhar um emissor com uma voz baixa, por assim dizer, e alguém próximo estiver a concentrar-se na mesma onda psíquica à qual estou sintonizado, isso pode interferir com o meu trabalho. A segunda pessoa afogará os pensamentos da primeira. Quem me viu em tal situação recordará que troco gracejos com esses emissores não intencionais que provavelmente não compreendem o que está a acontecer.»

Wolf levantou-se da mesa e dirigiu-se à estante, perto da gaiola do seu canário de estimação, Levuska. Procedeu a tirar uma enorme pasta azul.

«Aqui está um artigo interessante», disse ele, virando-se para mim. «Ainda não foi publicado, mas o autor teve a amabilidade de me enviar uma cópia antecipadamente.»

Aqui estão algumas das partes mais impressionantes do relatório, escrito por Vladimir Safonov:

Os seguintes eventos ocorreram no outono passado em Moscovo, na Casa dos Trabalhadores Médicos, onde Messing demonstrou as suas capacidades a um grupo de trabalhadores. Acabei por ser acidentalmente membro do painel, e esta situação permitiu-me examinar cuidadosamente o que estava a acontecer tanto no palco como entre os espetadores.

A penúltima experiência de Messing consistiu em realizar uma tarefa ditada mentalmente sem contacto com a mão do emissor.

Para tornar as condições mais rigorosas, Messing foi retirado do salão por dois membros do painel. Durante a sua ausência, foi selecionado um objeto e escondido na sala para Messing encontrar ao regressar. Após algumas discussões acaloradas, o objeto — uma caneta — foi escondido atrás do painel da parede.

Messing foi conduzido de volta ao palco. O público quedou-se em silêncio, mas Messing dirigiu-se imediatamente à rapariga que escondera a caneta e trouxe-a para o palco. Olhou-a intensamente nos olhos e exigiu:

«Pense! Dê uma imagem mental!»

De repente, ocorreu-me um pensamento malicioso: E se tentasse confundir Messing? Comecei imediatamente a sugerir-lhe o seguinte: «Não ouças a rapariga. A caneta não está onde ela pensa. Está no topo da coluna à esquerda da parede.»

Enquanto me concentrava, lancei apenas um olhar fugaz a Messing, que estava a cerca de três metros de mim. «A caneta está no topo da coluna», persisti em pensar.

Para dizer a verdade, não esperava o que aconteceu em seguida. Messing lançou-me um olhar zangado e ardente e disse com irritação:

«Não preciso dos teus comandos supérfluos. Seria difícil subir lá acima, pois não há escada.»

Fiquei, claro, extremamente embaraçado e comecei a murmurar algo para me justificar. Parei imediatamente de gerar sinais falsos.

Messing começou a concentrar-se novamente, e podia sentir-se que estava a interiorizar-se. Permaneceu suspenso dessa maneira durante vários minutos.

Quando terminei de ler a cópia, Messing disse: «Então, Taibele, encontrei a caneta sem dificuldade, claro. Mas dei-te isto para leres para que possas apreciar as dificuldades que tenho de superar por vezes.

«Por vezes, o público atrapalha-me inconscientemente; os seus pensamentos errantes ecoam como um coro discordante. Para penetrar nos pensamentos do indutor, tenho de filtrar este zumbido contínuo. É como estar num mercado, onde todos os comerciantes competem uns com os outros gritando as suas mercadorias. Viramos a cabeça para a esquerda e para a direita, mas não conseguimos distinguir de onde vem qualquer voz individual.

«O contacto com a mão do emissor facilita a tarefa e ajuda-me a distinguir o pensamento essencial a que devo responder dos outros. E é tudo.

«Mas consigo facilmente dispensar tal farol. A propósito, quando os meus olhos estão vendados, a tarefa torna-se mais fácil, e posso mudar completamente para a visão do indutor. Há menos interferência quando me baseio em perceções visuais do que em influências mentais. Muitos pensam que consigo andar facilmente e livremente pelo salão com os olhos vendados porque memorizei instantaneamente a configuração da sala, mas, na realidade, cria-se uma ponte entre o meu nervo ótico e o do meu emissor, e consigo ver tudo o que o indutor percebe.»

Wolf devolveu-me a revista, significando que a nossa discussão sobre o artigo de Kositsky estava terminada.

«Que tal mais um pouco de chá?», perguntou. «Quero oferecer-te um doce de marmelo que recebi anteontem de uns amigos em Baku.»

Concordei de bom grado em ficar, porque uma pergunta delicada me preocupava.

O doce de marmelo de Baku era uma iguaria rara. Há muito que é costume na Rússia beber vodca ou chá sem fim, e o doce e os doces parecem combinar com a conversa.

Num momento oportuno, fiz a minha pergunta maliciosa: «Diz-me, Wolf, o teu público alguma vez te envia interferências moralmente questionáveis? Estou a pensar em sugestões imodestas ou mesmo francamente indecentes. Alguns espetadores vêm ao teatro um pouco embriagados por vezes, ou podem simplesmente querer dar-te uma tarefa que não ousarias realizar, só para te acusarem de fraude quando recusares executá-la. Alguma vez lidaste com incidentes desse tipo?»

«Tanya, tens razão ao chamar a isso interferência», respondeu Wolf. «O painel não aceita tarefas obscenas, mas na parte final da minha atuação esse tipo de coisa pode e acontece por vezes. Lembro-me de um incidente em particular.»

Um painel recebeu as seguintes instruções: Wolf devia aproximar-se da quinta fila, pedir à mulher no lugar número treze que lhe desse um livro de encadernação azul, abri-lo na página vinte e oito, ler a sétima linha a partir do fundo e apertar-lhe a mão.

«A tarefa não era particularmente complicada», continuou Wolf. «Era como milhares de outras que realizei. Nesta ocasião, o lugar número treze era ocupado por uma jovem extraordinariamente atraente que usava um vestido colorido com decote profundo. Ora, o gracejador que enviou o bilhete para o palco tinha em mente outras coisas, definitivamente mais amorosas, do que o que escrevera.

«A teoria psicanalítica sustenta que não há lapsos acidentais da pena ou da língua. Ensina também que todas as palavras têm significados associados, além dos literais. Neste aspeto, as palavras pedir e abrir têm conotações sexuais ocultas. Nem os números escritos no bilhete foram selecionados ao acaso. A pessoa a quem me devia aproximar tinha vinte e oito anos, e o autor do bilhete tinha trinta e cinco. Esta soma obtém-se facilmente adicionando vinte e oito (o número da página) e sete (o número do verso). A palavra fundo denuncia especialmente o autor.

«Nem todos se convencem com este tipo de psicanálise, e há céticos mesmo entre os seguidores de Freud. Não estava familiarizado com as nuances subtis da teoria freudiana na altura; simplesmente 'ouvi' as verdadeiras intenções do jovem quando executei a sua tarefa.

«Evidentemente, ele conhecera esta jovem encantadora anteriormente, mas não conquistara o seu favor e sentira-se rejeitado. É possível que a tivesse visto pouco antes do início do programa, ou no átrio durante o intervalo.

«Avancei para além das luzes da ribalta e entrei no auditório meio escuro. Embora não interferissem com a minha telepatia, percebi claramente os seus desejos frívolos. Estes desejos eram claramente mais importantes para ele do que a tarefa declarada. Os seus sinais diziam inequivocamente: tira-lhe a blusa… beija-a nos lábios… põe a mão no peito dela… baixa-te e levanta a borda da saia dela por baixo…

«Ouvi estas instruções três ou quatro vezes. Li o verso do livro — um pequeno volume de poemas de Tiutchev. Finalmente, disse ao público: 'Não executarei os outros desejos deste jovem impertinente. Este não é o lugar para um encontro amoroso, e ele deveria expressar os seus sentimentos por esta bela jovem de maneira adequada. Estou a oferecer uma sessão de experiências psicológicas, não a organizar um espetáculo de striptease.' O salão ressoou com risos e aplausos.

«No geral, Tanya, é mais fácil para mim atuar perante um público simpático, da mesma forma que o é para um mágico, ator ou outro artista.

O início do programa é sempre difícil para mim porque tenho de testar o meu estado mental e tentar conquistar o público. Por isso, começo com tarefas relativamente simples, e só empreendo as mais complicadas quando desenvolvi o rapport apropriado com o público.»

Ao longo dos anos, guardei conjuntos de instruções enviadas a Messing durante as suas atuações. Quando lhe disse que estava a recolher material sobre a sua vida e trabalho, Wolf reuniu graciosamente algumas das solicitações mais características e frequentemente encontradas submetidas a ele.

O próprio Messing escolheu os seguintes conjuntos de instruções para inclusão neste livro:

1

1. Do bolso direito do meu fato, retire um calendário do ano de 1964.

2. Abra-o no mês de dezembro.

3. Sublinhe a data de hoje — 19 de novembro.

4. Do bolso esquerdo do meu fato, retire um pacote preto com fotografias.

5. Entre as fotografias, encontre uma imagem de um jovem e uma mulher a segurar uma escova de sapatos, e outra imagem de uma jovem com um vestido cor de lavanda.

6. Coloque o resto das fotografias de volta no bolso esquerdo do meu fato.

7. Encontre o jovem e a mulher na quinta fila e traga-os para o palco.

8. Do bolso esquerdo das calças, retire um pacote de cartas de jogar e disponha-as da seguinte maneira:

a. todos os ases numa pilha com a face para baixo.

b. na fila superior, a dama de ouros, a dama de copas, deixe um espaço para a dama de espadas, e depois a dama de paus.

c. na fila inferior, os reis: o rei de ouros, o rei de copas, deixe um espaço para o rei de espadas, e depois o rei de paus.

9. Do bolso esquerdo do lado do fato do jovem no palco, retire o rei de espadas, e de debaixo da manga direita da jovem, a dama de espadas.

10. Coloque o rei de espadas no espaço vazio na fila das damas.

11. Coloque a dama de espadas no espaço vazio na fila dos reis.

12. Tome o jovem pela mão e execute o seu comando mental da seguinte forma:

a. Do bolso interior direito do peito do meu fato, retire um envelope e entregue-o ao painel.

b. Deixe que W. Messing peça aos membros do painel que abram o envelope e, em conclusão, leiam todos os pontos das tarefas acima indicadas.

2

Gosto de aves. Neste momento, tenho uma gaiola com pombas. Gostaria que Messing se aproximasse de mim no auditório, retirasse a chave da gaiola do meu bolso direito do fato, abrisse-a, retirasse uma pomba branca e a trouxesse para o palco.

3

Peço que descubram o nome da rapariga que amo e lhe deem um cartão de felicitações. Façam-no da seguinte maneira:

1. Há uma rapariga sentada no sexto lugar do corredor vinte e dois. Tome a mala dela, abra-a e, entre vários livros, encontre um atlas mundial.

2. Da mesma mala, retire um lápis vermelho-azul, afiado nas duas pontas, e marque as seguintes cidades russas na página quatro a azul:

a. Novosibirsk

b. Irkutsk

c. Nikolaev

d. Alma-Ata

As primeiras letras destas cidades comporão o nome da rapariga.

3. Entre a última página e a contracapa do atlas estão cartões de felicitações de Ano Novo.

4. Entre os cartões, selecione o que tem fundo verde e escreva o nome da rapariga no lado onde está escrito o texto.

5. Entregue este cartão à rapariga e deseje-lhe um feliz Ano Novo da minha parte.

4

Peço que Messing execute as seguintes instruções com os olhos vendados. No hidrante à esquerda do palco está um boné militar; dentro está um relógio de pulso. Entregue o boné ao meu amigo, que está de pé junto à terceira janela à esquerda. Leve o relógio consigo e entregue-o ao soldado sentado na nona fila, lugar 114. Retire as chaves do bolso direito da camisa dele e entregue-as à rapariga que está sentada ao lado do sargento no painel. Peça-lhe que se levante.

5

1. Traga para o palco os seguintes membros do público:

a. fila catorze, lugar dezasseis;

b. fila quinze, lugar dois.

2. Do bolso exterior direito da primeira pessoa, extraia um jornal e, do bolso interior direito, um par de tesouras.

3. Dobre o jornal em quartos e depois corte-o em oito pedaços.

4. Tome uma cadeira da mesa do painel e coloque-a na borda do palco com as costas viradas para o público.

5. Coloque um pedaço do jornal cortado no assento da cadeira.

6. Tome a pasta da segunda pessoa e abra o fecho de correr. Retire um rádio da pasta e coloque-o na mesa do painel.

7. Puxe a antena e ajuste o volume no máximo. Rode o botão para a direita e espere que a música comece.

Nas sessões a que assisti, Wolf executou tarefas ainda mais complicadas.

Examinei exaustivamente a literatura científica, a favor e contra, sobre a existência da telepatia. Enquanto mergulhava nesta literatura, ocorreu-me que a natureza revelou frequentemente os seus segredos através dos animais, e que examinar o mundo da PES animal poderia lançar luz sobre a natureza do grande dom de Messing.

Os animais parecem capazes de comunicar entre si de muitas maneiras inexplicáveis. Uma certa conectividade caracteriza o reino animal. Parece-me que esta forma de comunicação pode ser o resultado de interações telepáticas. Alguns cientistas e parapsicólogos apontam que, quanto mais primitivo for um organismo biológico, mais depende de faculdades intuitivas e outras formas subtis de comunicação.

Por exemplo, descobriu-se que certos tipos de borboletas se reconhecem e localizam a até uma milha de distância. Propôs-se a telepatia para explicar este fenómeno, embora a explicação real resida no apurado sentido de olfato da borboleta, que capta sinais químicos (feromonas) libertados por outras borboletas.

Mais difícil de explicar, no entanto, é a forma como duas borboletas conseguem voar em perfeita sincronização.

O voo harmonioso de um bando de cisnes, o movimento silencioso de um cardume de peixes e a queda simultânea no solo de um enxame de gafanhotos — a telepatia poderia explicar estes e muitos outros fenómenos do reino animal.

Da mesma forma, animais mais evoluídos dependem menos de comunicação não sensorial. Por exemplo, o leão comunica pelo seu rugido, o lobo pelo cheiro. A tigresa alerta os seus filhotes da sua aproximação com um ronronar suave. Os macacos desenvolveram um sistema complexo de sinais auditivos que podem transmitir uma gama de mensagens, desde emoções a avisos. Muitos outros mamíferos e aves comunicam por som, e os humanos, que desenvolveram um arsenal complicado de dispositivos de comunicação, têm ainda menos necessidade de recorrer à telepatia. Talvez tenhamos gradualmente perdido a telepatia que outrora comandávamos por falta de uso, e o que resta connosco hoje é apenas um poder rudimentar.

Se esta linha de especulação estiver correta, ainda temos de nos perguntar porque não era necessária. Pois se a humanidade possuiu outrora um genuíno sentido psíquico, tal poder não nos ajudou a sobreviver no mundo? Ou era demais para nós lidarmos?

Esta questão representa um problema importante para a ciência. Nem toda a gente seria capaz, por exemplo, de suportar os tormentos mentais da clarividência. Suponham que alguém pudesse prever a morte de um amigo ou alguma outra catástrofe. Poderia mesmo estar ciente da sua própria hora da morte. Como lidaria essa pessoa com tal informação? A psique recusa-se a reconhecer a nossa mortalidade inerente. Embora todos saibamos que só podemos viver um período limitado de tempo, as incertezas em torno dos limites deste tempo criam a ilusão de imortalidade física. Caso contrário, a nossa existência terrena seria uma tortura, transformando-nos em prisioneiros condenados à espera da execução.

Algumas pessoas podem, no entanto, ver o futuro com o sexto sentido.

Outros indivíduos captam impressões telepáticas simples. Alguma vez viraram subitamente a cabeça na rua ou numa escada rolante, sentindo que alguém os estava a olhar? E alguém estava realmente?

Claramente, a natureza distribuiu judiciosamente este poderoso dom a apenas um pequeno número de pessoas, para manter a ordem no mundo. Não é segredo que o homem, muitas vezes a coroa espinhosa dos esforços da natureza, pode usar os seus poderes misteriosos para o mal tanto quanto para o bem. Felizmente, a natureza concede os seus dons a pessoas como Wolf Messing, que os usa apenas para ajudar o seu semelhante.

Lembro-me de uma certa noite no aconchegante apartamento de Wolf na rua Novopeschanaya. Ele estava particularmente bem-humorado e, quando perguntei o motivo, relatou a seguinte história. Recebera uma chamada do gerente da Mostorg, uma das maiores lojas de departamentos de Moscovo. Wolf nunca o conhecera, mas o gerente apresentou-se como um admirador ardente que tentava nunca perder nenhuma das atuações de Wolf na cidade, e agradeceu-lhe efusivamente pela ajuda em prevenir um grande roubo na sua loja. O gerente queria que ele fosse à loja para uma recompensa. Com o seu característico humor, Messing respondeu que o Dia das Mentiras ainda estava longe, e que não fizera nada que justificasse o apreço do homem. O gerente procedeu a dar a Wolf um relato detalhado do “papel” que ele desempenhara na escapada.

Alguns minutos antes de recolher os recibos do dia, cada departamento entregava o seu dinheiro ao contabilista-chefe, cujo escritório ficava junto à entrada dos empregados. Depois de encher vários sacos com dinheiro, o contabilista virou-se por um momento para desligar uma chaleira a ferver. Num piscar de olhos, alguém roubou um saco. Claramente, o ladrão era um empregado, pois só o pessoal usava aquele

corredor específico. Mas a enorme loja de quatro andares empregava várias centenas de trabalhadores, e dezenas deles apressavam-se pelo corredor de serviço à hora do fecho. A suspeita poderia recair sobre qualquer um — desde os serventes até aos quarenta chefes de departamento.

O contabilista petrificado informou o gerente do roubo. Com os instintos de um Sherlock Holmes, este avaliou imediatamente a situação. Tinham passado apenas alguns minutos desde o roubo, e o escritório do contabilista ficava no quarto andar. Num espaço de tempo tão curto, não havia forma de o dinheiro ter sido levado para fora do edifício. O ladrão não poderia ter escapado pelas escadas ou pela escada rolante, que estava atafulhada de clientes. Isso significava que ou o ladrão ainda tinha o dinheiro consigo, ou que estava escondido algures entre a mercadoria da loja.

Nesse momento, o altifalante ressoou. «Camaradas!», disse o gerente. «Acaba de ocorrer um roubo ousado de um saco de dinheiro na nossa loja. Por feliz coincidência, Wolf Messing — de quem todos conhecem — encontra-se presente entre os nossos clientes. Ordenei que todas as saídas fossem fechadas, incluindo as dos empregados. Não temos o direito de revistar mil pessoas quando só uma é culpada, mas, ao saírem, Wolf Messing apertar-vos-á as mãos, uma a uma, e despedir-se-á de vós. Não acho que seja necessário esclarecer o que acontecerá ao ladrão. Por isso, sugiro que a pessoa que, talvez inadvertidamente, levou o dinheiro o entregue sem demora.»

Em cinco minutos, o saco foi encontrado, com o conteúdo intacto, numa arrecadação do terceiro andar.

«Sabes o que acabei de pensar, Tanya», disse Wolf ao terminar a história, «talvez devesse oferecer a este gerente da loja o papel de mestre de cerimónias nas minhas atuações. O que achas? Nem a Sociedade Teatral de Toda a Rússia me proporciona tal publicidade.» Riu-se como uma criança.

«E a recompensa?», perguntei. «Vais aceitá-la?»

«Tu e eu iremos juntos, Tanya», respondeu ele. «Mas não pelo presente. Estou curioso por conhecer esta pessoa de espírito rápido, e compraremos algo invulgar para ti. Ele não nos negará nada! Conheço estes comerciantes; têm sempre alguns artigos difíceis de encontrar escondidos debaixo do balcão.»

«É a primeira vez que trabalhas a tal distância, ou a justiça já foi servida assim antes?», perguntei, mantendo a conversa, embora admita que, na minha fraqueza feminina, já me preparava mentalmente para uma farra de compras.

«Bem, não conheço nenhum caso», respondeu Wolf, «por isso fiquei tão surpreendido. Mas possivelmente algures, alguém usou um truque semelhante.»

Lembrei-me de repente de um incidente em que Wolf Grigoryevich ajudou a acalmar algumas pessoas enquanto permanecia fora do palco.

Na primavera de 1964, voámos juntos para Alma-Ata. Messing estava em tournée pelo Cazaquistão, e eu tinha uma reportagem para terminar. Aproximadamente quatro meses antes, um acidente com o mesmo voo matara 107 pessoas. Quando este tipo de coisa acontece, o número de passageiros nos voos subsequentes da mesma rota diminui abruptamente. Isto é especialmente verdade, considerando a propensão humana para a superstição, se os voos mantiverem o mesmo número. Mas as pessoas têm de apanhar os voos «azarados» para cumprir os seus horários, e alguns estão nervosos e irrequietos, criando uma atmosfera desagradável para os outros passageiros.

Tal era a situação no nosso voo. Depois de distribuir rebuçados a todos, a hospedeira desapareceu atrás da porta da cabine do piloto e anunciou pelo intercomunicador: «Atenção, passageiros! Peço a todos que mantenham a calma absoluta. Tenho a certeza de que o nosso voo decorrerá sem incidentes. O famoso Wolf Messing é hoje um passageiro. Ele nunca teria embarcado num avião condenado, porque não só prevê complicações no solo, como também nas nuvens! A tripulação deseja-vos um feliz voo e uma aterragem confortável.»

Messing ficou terrivelmente lisonjeado com o discurso bem-humorado da hospedeira. Franzindo os olhos, estatelou-se no assento e ronronou alegremente.

Os passageiros animaram-se. Todos começaram a falar ao mesmo tempo, gracejando sobre o discurso e obviamente aliviados!

11

Nos Braços de Morfeu

Quando mergulhado num sono artificialmente induzido, uma pessoa torna-se um brinquedo nas mãos de um hipnotizador. Pode ser forçada a recordar eventos de anos atrás, esquecidos quer de propósito quer por lapso de memória. O hipnotizador pode forçar o seu sujeito a recuar do álcool ou do tabaco. Acontecimentos incríveis ocorrem quando uma pessoa entra num estado hipnótico. Apesar do poder da sugestão, no entanto, a maioria das pessoas só pode ser colocada neste estado com a sua permissão implícita, e quando estão genuinamente interessadas no resultado da sessão.

Felizmente, a maioria dos hipnotizadores dotados usa o seu dom para ajudar os que estão em aflição, não para controlar pessoas para as suas próprias necessidades.

Em 1841, o cirurgião britânico James Braid empreendeu um estudo científico da hipnose, que pensava ser uma forma especial de sono normal. Inicialmente chamou-lhe sono artificial, mas mais tarde introduziu o termo atual, hipnose, baseado na palavra grega para sono. Os médicos e as agências de aplicação da lei dos dias de hoje recorrem frequentemente à hipnose. O poder da sugestão pode ajudar a curar os doentes ou a restaurar a memória de testemunhas em estado de choque.

Como muitos indivíduos nascem hipnotizadores ou aprendem a capacidade, não é surpreendente que Wolf Messing também a praticasse. Falámos sobre hipnose.

«Até agora falei-te de telepatia pura», disse Messing. «Agora quero falar de outro dos meus talentos, ligado à hipnose.

«A minha habilidade em hipnotismo excede um pouco os limites das suas leis conhecidas, e não posso deixar de partilhar alguns dos meus segredos. Enquanto a telepatia ainda está envolta em mistério, a hipnose, embora não completamente compreendida, é um poder potencialmente disponível para todos. Os seus mecanismos foram examinados em grande profundidade.

«Não entrarei em detalhes sobre a história do assunto, ou como gradualmente conquistou aceitação científica; basta dizer que as suas raízes estão nos primórdios da civilização humana.

«Os sacerdotes do antigo Egito e da Grécia recorriam ao hipnotismo, e naqueles tempos distantes, não podia deixar de inspirar medo místico nas

pessoas. As danças dos xamãs esquimós representam uma forma peculiar de hipnose; curam doenças nas suas tribos usando todos os tipos de feitiços implementados por sugestão hipnótica.

«As famosas sessões de cura de Franz Anton Mesmer, que operou curas milagrosas no final do século XVIII, não usavam nada mais do que hipnose.* O seu poder hipnótico era tão grande que algumas pessoas pensavam que podiam ser totalmente curadas apenas segurando um objeto tocado por ele.

«A propósito, Leonid Vasiliev realizou várias experiências com três mulheres hipnotizadas à distância. Elas nunca viram nem ouviram o hipnotizador, que permanecia noutra sala. Adormeceram e acordaram pelos seus comandos silenciosos; instrumentos especiais** confirmaram isto.

«Alguns especialistas distinguem três estágios do transe hipnótico. O primeiro é a sonolência. Uma pessoa neste estágio de hipnose experiencia uma lassidão geral, um peso invulgar no corpo, e os seus olhos começam a fechar-se involuntariamente. O segundo estágio constitui o primeiro nível verdadeiro de hipnose propriamente dita, a hipotaxia, em que o corpo se torna ceroso e flexível. O corpo pode ser colocado em qualquer configuração, o que não é problema para uma pessoa neste estado, mas de outra forma extremamente difícil de manter.

«Embora a hipotaxia seja geralmente considerada o segundo nível de hipnose, eu pessoalmente considero-a parte apenas do primeiro nível, facilmente alcançado por pessoas prontamente hipnotizáveis.

«O terceiro estágio da hipnose é o sonambulismo, em que o sujeito hipnotizado fica totalmente desligado do mundo externo. A sua única ligação é a sua subordinação aos comandos do hipnotizador.

«Durante a hipnose, a palavra do hipnotizador exerce um poder enorme sobre a mente e o corpo do sujeito. Este poder de sugestão sobrepõe-se completamente à vontade do sujeito.

«Força-te, por exemplo, a não sentir a queimadura causada pela ponta de um cigarro aceso quando é colocada contra o teu braço! Assisti a esta demonstração cruel mais do que uma vez na Polónia. Ou, pelo contrário, um lápis comum pode ser feito sentir como uma barra de aço incandescente quando colocada em contacto com a tua pele. E as marcas de uma queimadura real permanecerão depois!

«Podes dizer a um sujeito para colocar a mão num jarro de água e sentir o frio. Mesmo se a água estiver bem acima do ponto de congelação, digamos, cem graus Fahrenheit, a mão do sujeito ficará coberta de arrepios à medida que os vasos sanguíneos se contraem. Isto não é apenas aparente aos olhos, mas pode ser registado por instrumentos científicos.

«Como disse, os mecanismos subjacentes da hipnose foram suficientemente estudados pela ciência. O estado hipnótico é induzido por um bloqueio no córtex dos hemisférios cerebrais. Digamos que uma pessoa perde o poder da fala devido a um grande susto ou algum choque nervoso, e a sua língua e laringe já não estão sob o seu controlo consciente. Ocorreu uma disfunção instantânea nessa porção do córtex cerebral que controla a fala. Mas sob a influência de um novo e mais poderoso estímulo, esta porção do cérebro pode ser desbloqueada.

«Recentemente, a imprensa mundial circulou uma história sensacional de um homem surdo e mudo que recuperou a capacidade de falar e ouvir após ser atingido por um raio. Outro caso registado conta de um cego que recuperou a visão após um acidente vascular cerebral.

«Por vezes, um hipnotizador talentoso pode produzir artificialmente choques curativos semelhantes através da sugestão.

«Como emprego eu a hipnose, e que formas de sugestão domino? Partilharei um segredo profissional contigo. Aquele incidente no comboio, quando o revisor confundiu um pedaço de papel com um bilhete, foi uma forma de sugestão hipnótica telepática.

«Deixa-me citar um caso de um período posterior da minha carreira. Uma vez fui convocado ao Kremlin por Estaline, que ouvira falar das minhas façanhas e estava particularmente interessado em como consegui subjugar aqueles guardas da Gestapo. Estaline tinha uma opinião tão elevada de si próprio que não conseguia acreditar que alguém pudesse fazer dele tolo.

«‘Você, camarada Messing, não poderá sair deste edifício sem este passe, assinado pelo meu secretário!’, disse-me ele. A sua afirmação ousada despertou o meu espírito de travessura.

«‘Sem este papel?’, respondi desafiadoramente. ‘Fique com ele para si, camarada Estaline, e ameace-os com o castigo mais severo se ousarem deixar-me passar.’

«Finalmente consegui despertar a curiosidade de Estaline. Ele discou o número do comandante da guarda e ordenou-lhe que não me deixasse passar sem um passe de saída, que tinha de ser marcado com a hora e o minuto exatos e assinado pessoalmente por ele. Em seguida, instruiu o seu secretário a seguir-me a dez passos de distância, mas sem dar qualquer indicação de que o estava a seguir deliberadamente. Preparei-me para entrar no meu estado de transe mais profundo.

«Vários minutos depois, saí diretamente para a rua passando pelos guardas, que permaneceram em sentido e a olhar para a janela do gabinete de Estaline. 'Talvez devesse mandar-lhe um beijo', pensei ironicamente, quando vislumbrei a sua figura à janela.

«A fronteira entre o que é e não é moralmente aceitável complica experiências como esta, no entanto. Cada pessoa possui o seu próprio código moral, que serve como o seu melhor recurso espiritual. É um código que nunca deve ser violado, mesmo sob hipnose, ou o sujeito ficará traumatizado.

«Alguns especialistas acreditam que, enquanto hipnotizado, um indivíduo altamente moral não executará qualquer ato que contradiga as suas crenças. Não sei. Talvez este poder de resistir à sugestão hipnótica exista em algumas pessoas raras, mas provavelmente são as exceções à regra. «Li uma vez sobre um caso em que uma pistola, carregada com balas de festim, foi colocada nas mãos de um sujeito hipnotizado, que recebeu ordem de disparar contra um alvo vivo. O sujeito não obedeceu. Mas o hipnotizador poderia ter contornado o problema sugerindo ao sujeito que estava realmente apenas a disparar contra um alvo num campo de tiro. Este é o perigo da hipnose usada por psicopatas ou criminosos.

«Voltemos ao episódio da minha primeira sugestão telepática ao revisor. Isso embotou a sua capacidade de raciocínio e induziu-o realmente a transgredir as regras. A hipnose também desempenhou um papel importante num roubo bancário num certo país ocidental. O crime foi obra de um caráter verdadeiramente demoníaco.

«O dinheiro e os valores do banco eram guardados num cofre subterrâneo, e o acesso a ele passava por um posto de controlo guardado vinte e quatro horas por dia. Os guardas fora de serviço relaxavam numa pequena sala próxima, bebendo café, jogando cartas, gabando-se e fofocando.

«Uma noite, após o fecho do banco, os cofres foram selados como de costume, e os caixas partiram para casa. A única pessoa que restava com acesso ao depósito àquela hora era o idoso polidor de chão. Após completar o seu trabalho na sala dos guardas, desceu aos cofres de aço subterrâneos do banco. Terminando o seu trabalho lá, regressou ao corredor, trocou algumas palavras com os guardas, terminou o cigarro e saiu.

«Na manhã seguinte, um dos cofres estava limpo. O idoso servente, um trabalhador de muitos anos que parecia honesto, estivera envolvido noutro incidente questionável e por isso a suspeita recaiu sobre ele.

«Dois dias antes do roubo, o homem idoso evadiu as leis alfandegárias e saiu do país por um curto período com um suborno do verdadeiro ladrão, que lhe pediu para se ausentar do trabalho durante alguns dias. O servente recebia apenas um pequeno salário, e o suborno era tentador. Claro que sabia que os motivos do seu benfeitor estavam longe de ser puros, mas não sentia que estava a fazer algo ilegal. Durante a ausência de dois dias do servente, o verdadeiro ladrão substituiu-o, sugerindo hipnoticamente aos guardas que ele era o empregado permanente do banco. Naturalmente, não limpou o chão, mas limpou o cofre.»

Todos ouviram a expressão «não me enganes com palavras doces». O equivalente russo é «não me ponhas um feitiço nos dentes». Esta expressão vem do campo onde, nos velhos tempos, não havia dentistas. Pessoas com dores de dentes eram curadas por feitiços especiais. Curandeiros populares locais visitavam os seus pacientes, murmuravam algumas palavras sobre eles, e os dentes paravam de doer. Ou melhor, a pessoa parava de sentir a dor.

Todos leram ou ouviram histórias sobre curandeiros populares que conseguem estancar o sangue, ou que ajudaram indivíduos a recuperar milagrosamente de todo o tipo de doenças graves. Agora, estou perfeitamente ciente de que o poder da medicina popular tem uma origem terrena no poder da sugestão. Sempre me interessou como Wolf avaliava estes curandeiros. Durante uma das nossas conversas subsequentes, Wolf comparou as suas façanhas à hipnose.

«Estes feitiços, sem dúvida baseados numa forma de hipnose, levam apenas alguns segundos a proferir. Sei isto em primeira mão, porque consigo ‘doçar’ dores de cabeça com o toque da minha mão. Fiz isto milhares de vezes, mas não uso encantamentos.

«As minhas capacidades de cura popular não são, no entanto, panaceias puras. Os curandeiros populares tiram dores de dentes, mas as nossas habilidades não erradicam a causa primária da dor. Depois de fazermos o nosso trabalho, o paciente deve procurar tratamento médico. Ainda assim, sinto que a ciência médica deveria ser mais aberta à medicina popular e à cura. Algumas destas práticas são antigas, e ignorá-las é tolice. Quantos segredos há nas tradições populares das culturas do mundo!

Quem sabe, por exemplo, o verdadeiro método pelo qual o famoso aço de Damasco era preparado? Estas lâminas de punhal com padrões escuros brilham nas suas vitrines de museu, mas o segredo do aço nunca foi completamente descoberto. Também há uma antiga coluna de ferro não oxidado em Deli. Onde se pode encontrar ferro não ligado e não oxidável no mundo hoje? Permanecemos cativados pela frescura eterna das pinturas a cera usadas por artistas do antigo Egito, mas longe de tudo ser conhecido sobre elas. Estes são apenas uma lista parcial de todas as maravilhas que nos foram irrevogavelmente perdidas. Muita superstição permeia a medicina popular, mas não devemos rejeitá-la toda.

«Os escritores de ficção científica anteciparam frequentemente as grandes descobertas científicas do futuro, por exemplo, o submarino 'Nautilus' de Jules Verne, e a sua 'invenção' literária, o balão de ar quente.*

«Mais espantosa é a sabedoria dos antigos, que por vezes previram eventos globais que ocorreram milhares de anos depois.

«Uma epopeia indiana escrita há quase dois mil anos descreve voo cósmico, comunicação telepática e misteriosos viajantes do céu voando no que hoje chamaríamos discos voadores. Há também um conto japonês de três mil anos que sugere a teoria da relatividade. Conta de um jovem pescador que, como recompensa por salvar a vida da filha-tartaruga do rei do mar, foi autorizado a passar três dias no seu reino subaquático. Ao regressar à superfície, o pescador descobriu que estivera afastado da terra, numa dimensão diferente, durante setecentos anos. Pergunto-me se Albert Einstein alguma vez leu este conto?

«É realmente verdade que não há nada de novo debaixo do sol! Por vezes, parecemos demasiado dispostos a rir das revelações em contos e lendas populares comuns.»

Notas de rodapé

**Franz Anton Mesmer (1733–1815) foi um médico suíço que, na década de 1770, "descobriu" uma forma de cura relacionada com a hipnose baseada em fazer passes "magnéticos" sobre os corpos dos pacientes. — nota do editor.*

*** Para mais informações, ver Experiments in Distant Influence de Leonid Vasiliev. Publicado pela primeira vez em 1962. New York: Dutton, 1976.*

**Isto não é tecnicamente verdade, pois os balões de ar quente datam da França pré-Revolucionária. — nota do editor.*

12

Messing Serve como Psicólogo

Numa ocasião, Wolf Messing não só relatou, mas ditou lentamente, as suas recordações para mim. Editei-as apenas ligeiramente. As seguintes recordações discutem um lado diferente dos poderes de Messing: o seu talento em lidar com emergências psicológicas.

«Consigo controlar a vontade de uma pessoa apenas olhando para a nuca dela, e sem fazer contacto visual com ela. Recordo-me de atuar num pequeno salão acolhedor numa das residências ministeriais de Moscovo, algures em meados dos anos 1950. O meu público era composto por 250 ou 300 trabalhadores de uma instituição militar, a maioria dos quais ostentava insígnias de oficiais de alta patente, até generais.

«Tudo no palco decorria de acordo com o protocolo. Os espetadores esforçavam-se conscientemente e com bom humor para chegar ao cerne do que eu lhes projetava por telepatia. Eu tentava evitar quaisquer tons ocultistas e ajudá-los a compreender as experiências.

«De repente, ao fundo do salão, surgiu a figura de um homem, um homem gordo e careca com uma grande barriga proeminente que ostentava a patente de tenente-general. Todos se levantaram e saudaram-no servilmente. Dirigiu-se à primeira fila e, com ceticismo não disfarçado e ironia, disse numa voz grave e baixa: 'Muito bem, vamos ver os teus truques.'

«Fiquei zangado com este burocrata arrogante e o seu desprezo preconcebido.

«‘Truques? Muito bem, então serás o meu indutor!’, disse eu. Comecei a dar-lhe comandos mentais. Caminhei atrás dele e forcei-o a agir de uma maneira totalmente incompatível com a sua patente. Dirigiu-se ao palco dançando numa perna só — três saltos para a frente e um para trás. O público ficou petrificado de choque ao observar os movimentos histéricos do seu grande comandante e ao perceber que eu, Wolf Messing, estava por detrás de tudo. Tudo acabou bem, porque o general não sabia o que lhe tinha acontecido, e nenhum dos seus subordinados alguma vez teve a coragem de lhe contar.

«Foi hipnose? Sim, sem dúvida. Mas foi uma forma mais complexa do que aquela que ocorre com um paciente cooperante no consultório de um médico.

«Usei frequentemente a hipnose para curar perturbações psicológicas. Um certo conde polaco, que tinha uma aparência algo fraca e doentio, desenvolveu uma estranha delusão paranoide: pensava que pombos estavam a construir um ninho dentro da sua cabeça. Os consultores médicos não sabiam como tratar esta obsessão fantástica. O próprio conde recusava obstinadamente o tratamento, com medo de que, se fosse operado, lhe removessem a cabeça juntamente com o ninho do pombo. Tendo esgotado todas as possibilidades, os médicos recorreram a mim.

«Empreguei um método completamente diferente para lidar com o paciente. Vi claramente que seria inútil usar o bom senso neste caso. A capacidade de raciocínio do conde estava severamente toldada. Fazendo-me de parvo, por assim dizer, entrei numa conspiração com o homem doente.

«Para o nosso primeiro encontro, trouxe comigo um longo tubo brilhante num tripé, algo como um telescópio portátil, completo com todos os tipos de parafusos e rodinhas. Coloquei o meu instrumento contra a cabeça do conde e ‘escrutinei’ minuciosamente o conteúdo da sua cabeça.

«‘Sim, conde’, disse eu, ‘está indisputavelmente certo. Há um ninho de pombo na sua cabeça, e receio que outras famílias se instalem.’

«‘Vê?!’, respondeu o conde. ‘Os outros duvidaram. Dia e noite sinto-os a bater as asas, e agora um gato começou a aproximar-se deles sorrateiramente. Então haverá realmente um alvoroço! A minha cabeça voará em pedaços.’

«Respondi confiantemente: ‘Posso expulsar os vossos residentes indesejados de tal forma que nunca mais regressarão para o importunar.’

«O conde disse que me ficaria muito grato. Assim, colocando mais uma vez o ‘telescópio’ contra a sua cabeça, contei em voz alta os seus residentes emplumados invisíveis e disse-lhe que agora tinham uma ninhada de ovos. Assegurei-lhe, no entanto, que as aves em breve deixariam o ninho, pois os animais não gostam que as suas vidas íntimas estejam expostas ao escrutínio do homem. Disse que em breve voariam para longe em busca de um lugar melhor e mais confortável.

«Despedi-me do conde e regressei de carro ao meu hotel. Na manhã seguinte, bem cedo, o conde enviou a sua carruagem para me buscar.

«‘Obrigado, obrigado imenso’, disse ele ao cumprimentar-me. ‘Os malditos pássaros voaram! Mas as crias novas chocaram. As velhas voaram, mas agora há estas novas… e as jovens fazem ainda mais barulho!’

«Com o meu telescópio milagroso, examinei mais uma vez a testa do conde, confirmei a presença da ninhada jovem e marquei uma sessão final para o dia seguinte.

«Era necessária uma limpeza decisiva da pobre cabeça do conde. Levei três assistentes, equipados com pombos vivos escondidos num cesto, para o jardim dele, onde se sentaram discretamente atrás dos arbustos de groselha. Após vendar os olhos do conde com um lenço de seda, levei-o pela mão até aos arbustos.

«‘Este é um momento importante, conde’, disse solenemente. ‘Ouça com atenção.’ Disparei um tiro de pistola, o sinal para os meus assistentes soltarem os pombos. Ao mesmo tempo, tirei um pombo morto do bolso e enfiei-o nas mãos do conde.

«‘Aqui, conde, consegui matar um. Os outros não regressarão mais. Tudo acabou para eles.’ O conde viu os pombos a voar com os seus próprios olhos, e tinha um pombo morto na mão. Enterrou imediatamente o pássaro na terra solta do canteiro de flores.

«A mente do conde permaneceu clara durante alguns anos, mas um conhecido bem-intencionado dele, assumindo erradamente que a cura era permanente, revelou a essência do meu truque. Ao saber da verdade, o conde ficou por um momento em horror silencioso e depois, com um grito lancinante, pressionou as palmas das mãos contra a cabeça. Os pássaros tinham regressado mais uma vez.

«Duvido que algum meio o pudesse curar uma segunda vez.

«Como é perfeitamente conhecido, Sigmund Freud considerava os sonhos enormemente significativos. As suas principais contribuições para a psicologia incluíram não só o tratamento bem-sucedido de pacientes, mas o método e a precisão dos seus diagnósticos. Por vezes, pedia aos pacientes que relatassem vários sonhos que mais teimosamente se fixavam na sua memória. Analisando estes sonhos, onde o subconsciente se manifesta mais vividamente, mergulhava profundamente nas vidas psíquicas dos seus pacientes. Os sonhos são como uma viagem para trás no tempo psicológico; o paciente dá a sua própria representação visual do que aconteceu na sua vida precoce.

«Admito honestamente que sei pouco sobre esta área ainda inexplorada da alma humana e nunca a toquei nas minhas experiências. Posso, no entanto, captar imagens de eventos passados ou futuros através de outro aparelho psicológico, e não importa se lhe chamam telepatia, ou clarividência, ou o que quer que seja.

«Após a minha morte, Tanya, confio-te o direito de fazeres com o meu cérebro o que achares conveniente, e tu própria poderás classificar as minhas capacidades!

«O seguinte é um caso impressionante, que achei difícil resolver. O incidente foi incrível, como algo saído de um pesadelo.

«Após uma das minhas atuações nos Urais, um homem de vinte e dois anos, de constituição média, com traços faciais refinados, veio ao meu quarto de hotel. Estava extremamente cansado após uma sessão de duas horas no palco, mas não podia recusar vê-lo. Apenas olhando para ele, podia perceber que sofria uma grande desgraça. Desespero e angústia terrível estavam escritos nos seus olhos. Compreendi instantaneamente que tinha vivido alguma tragédia no amor.

«Fora criado num orfanato quase desde a infância, e era apenas um rapazinho quando os funcionários lhe disseram que os seus pais eram ‘inimigos do povo’. O pai fora julgado e fuzilado, e todos os vestígios da mãe perderam-se nos campos. Não conhecia a sua verdadeira família. Inscreveu-se numa escola técnica aos dezasseis anos e veio trabalhar como mecânico numa fábrica dois anos depois. Vivia no hotel local enquanto esperava por um quarto disponível no dormitório da fábrica.

«Uma jovem mulher, de passagem pela cidade, ficou no mesmo hotel, e conheceram-se. Ela era vinte anos mais velha do que ele, mas não parecia

ter mais de sete ou oito anos a mais. Acabara de ser libertada de um campo de reabilitação.*

«Uma paixão ardente inflamou-se entre eles, durando o tempo da estadia da mulher, e depois terminou subitamente. Ela teve de partir rapidamente para a capital para restaurar os seus documentos e bom nome. Ele não pôde acompanhá-la à partida, nem ela o quis. A sabedoria feminina interveio, trazendo-a de volta à realidade. Sabia que nada poderia resultar do seu caso devido à grande diferença de idades. O jovem disse que ela se sentia aliviada por o comboio para Moscovo passar pela cidade enquanto ele trabalhava no turno da noite. Não deixou endereço para correspondência, nem qualquer outra informação sobre si. O jovem impressionável ficou justificadamente perturbado.

«Os poucos dias que partilharam foram preenchidos com a embriaguez do amor: passavam todo o tempo livre juntos, e uma vez tiraram uma fotografia num parque da cidade. A fotografia era uma recordação agridoce, a única que ele tinha para se lembrar do seu amor.

«O jovem estendeu uma mão trémula para o bolso interior do casaco e entregou-me uma fotografia a preto e branco. Fiquei atónito. Vi o rosto de uma mulher muito bela, surpreendentemente jovem para alguém de trinta e oito anos.

«Fiquei tão chocado com a terrível descoberta que fiz instantaneamente que me assustei com o meu próprio silêncio prolongado. Parecia que o jovem possuía a capacidade telepática de discernir a minha descoberta. Também eu comecei a tremer.

«Nas minhas mãos estava a prova de que a tragédia de Édipo Rei fora reencenada. Ele não se parecia com a mulher da fotografia, e não havia evidência da sua relação temporal, mas nem por um segundo duvidei de que segurava uma fotografia de mãe e filho!

«Tendo ouvido falar das minhas capacidades e das minhas previsões muito divulgadas, queria saber se eu podia perceber por via clarividente a sua localização atual. Mais importante, queria saber se ela era mãe do filho dele.

«Imagens pesadelo encheram a minha cabeça: via uma mulher, cansada de saudades do carinho de um homem após quinze anos em prisões e campos de trabalho, consolada nos abraços do próprio filho. Revelar este segredo seria condená-lo a um colapso mental, e percebi que tinha de lhe contar uma mentira nobre, salvadora da vida!

«Alguns versos famosos do poema ‘O Véu Branco’ de Shandora Petefi vieram-me imediatamente à mente. Inspirando-me no poema, decidi, pela primeira vez na vida, num curso de engano.

«No poema, uma mãe, na véspera da execução do filho, despede-se dele e promete que tentará persuadir o rei despótico a revogar a sentença. Está preparada para pagar qualquer preço, incluindo a perda da sua virtude. Na manhã fatídica, enquanto o levam para a execução, ele deve olhar para a varanda da casa deles, onde ela estará de pé. Se ela usar um vestido de luto preto, então nada mudou. ‘Sabe que a tua morte é inescapável’, lê-se no poema. Mas se ela aparecer na varanda com um véu branco, então o tirano mostrou misericórdia, comutando a sentença no último minuto.

«Na manhã seguinte, levam-no para a execução. Uma multidão saúda fervorosamente o mártir, que olha fixamente para a varanda onde a mãe deverá aparecer.

«E quando a procissão se aproxima da casa da mãe, ele vê-a; ela está calma e cheia de grandeza e orgulho, usando um véu branco. O seu coração rejubila, mesmo enquanto o levam para o cadafalso. O poema termina então com estes versos:

Sorriu, mesmo depois de lhe colocarem a corda ao pescoço

Ó mentira sagrada! Cheia de medo

De que o filho fraquejasse antes da execução

Só uma mãe poderia ter dito tal mentira!

«Assim, reunindo a minha vontade, tentei não me trair enquanto dizia ao meu visitante: ‘Acredite em mim e siga as minhas palavras e conselhos. A sua querida conhecida casou com um estrangeiro e agora vive fora da Rússia. Tem um filho, mas não é seu. Esqueça-a. Tem o negativo desta fotografia? Não? Perfeito. Ficarei com esta, se me permitir. Servirá como recordação do nosso encontro.’

«Após um longo período de indecisão, o jovem finalmente concordou em dar-me a foto. Pedi-lhe que me visitasse mais uma vez antes de a minha tournée deixar a cidade. Veio cerca de cinco dias depois, parecendo muito mais calmo. Fiquei satisfeito por ver o brilho febril e perturbado desaparecido dos seus olhos.

«Sabes, Tanya, que uso sempre o meu talismã, o meu anel de diamante de três quilates, mas também costumava carregar uma pequena

estatueta esquimó divertida esculpida em osso, que me foi dada em Magadan durante uma das minhas viagens à Sibéria. Gravara as minhas iniciais nela com um canivete e entreguei-a ao meu hóspede. Agradeceu-me calorosamente e partiu, completamente, ao que parecia, livre do seu tormento recente.»

Notas de rodapé

**Estes campos eram centros de doutrinação criados pelo estado para "tratar" pessoas com "problemas mentais", como albergar opiniões sociais ou políticas contrárias às do governo. — nota do editor.*

13

Controlo Mental!

Wolf beneficiou grandemente das suas viagens ao Oriente durante a juventude. Embora a Europa lhe tivesse dado a base em psicologia, o Oriente poliu o lado puramente prático do seu trabalho.

Durante as suas viagens pela Índia, dedicou muito tempo ao estudo, conhecendo pessoalmente os iogues. Eles inspiraram-no a continuar as suas experiências com o estado cataléptico, que descobrira pela primeira vez na sua juventude precoce. Demonstrou este poder em várias capitais europeias após o regresso. Depois, fez uma pausa de vinte e seis anos, não porque estas demonstrações fossem entretenimento ineficaz, mas porque o esgotavam corpo e alma, e porque demonstrações abertas no palco deste tipo eram proibidas na União Soviética.

Em dezembro de 1963, um grupo seleto na Casa Central dos Escritores em Moscovo convidou Wolf a realizar novamente tais demonstrações. A catalepsia era de maior interesse como experiência científica do que puramente como entretenimento.

Pouco mais de cem pessoas assistiram à experiência. Pessoal médico, incluindo o professor Sergeev, diretor do Instituto de Investigação do Cérebro, estava presente. Foi em nome do professor Sergeev que Messing concordara com a demonstração. Vários jornalistas também assistiram. Wolf recebeu o respeito de um médico a demonstrar uma operação extremamente complexa aos seus alunos.

Os procedimentos continham um elemento de perigo e incerteza, por isso foi acordado previamente que um médico, um jovem psiquiatra, estaria

presente para reanimar Messing se os outros falhassem. Após a longa cessação, e aos sessenta e quatro anos, Messing não confiava completamente nos seus poderes.

A doutora Lydia Pakhomova tinha à mão o equipamento médico padrão — cafeína, estrofantina, oxigénio, e assim por diante. Era também capaz de realizar massagem cardíaca de emergência.

Wolf saiu para o palco, cruzou as mãos no peito ao estilo oriental e fez uma vénia profunda. Anunciou que não podia garantir o sucesso, pois tinham passado tantos anos desde a última vez que entrara em catalepsia, e pediu desculpa antecipadamente por qualquer possível falha.

Após ficar em silêncio durante vários minutos, imobilizou-se como se mergulhado em profundo pensamento. Permaneceu assim durante sete a dez minutos, mas o seu coração e funções vitais operavam normalmente. Após trinta ou quarenta minutos mais, no entanto, tornou-se claro que Messing estava num transe profundo.

Parecia tornar-se uma imagem esculpida de si próprio.

A psiquiatra anunciou que não conseguia sentir o pulso dele. O seu assistente colocou duas cadeiras no palco viradas uma para a outra, e alguns homens colocaram o corpo cataléptico de Messing em cima das cadeiras: os calcanhares repousavam numa, a nuca na outra. Não era uma visão agradável, tenho de dizer, mas a ciência, tal como a arte, requer sacrifícios. O corpo estava perfeitamente rígido; poderia ser uma figura de madeira.

O homem mais pesado subiu a uma cadeira e sentou-se na barriga de Messing. Mesmo sob esta pressão, o seu corpo não cedeu. A psiquiatra injetou os músculos do pescoço de Messing com uma grande seringa hipodérmica cheia de solução antisséptica. O sujeito não reagiu, e nem uma gota de sangue resultou da picada. O professor Sergeev convidou então um membro do público a subir ao palco e a fazer uma pergunta a Messing.

Na altura, as paixões políticas fervilhavam devido a uma disputa fronteiriça soviético-chinesa, e alguém perguntou a Messing se as tensões escalariam para um confronto militar, talvez de escala global. Repetiu a mesma pergunta várias vezes, mas Messing permaneceu em silêncio. Alguém sugeriu que poderia ser possível receber uma resposta escrita dele se colocassem um bloco na sua barriga e uma caneta na sua mão. A pergunta foi feita novamente.

Num movimento brusco e robótico, Messing ergueu a mão e escreveu:

«Haverá paz!»

Com este floreio, a sessão terminou. Após algumas intervenções médicas, Messing regressou ao mundo real. Claramente, a sessão esgotara-o.

Alguns dias depois, Wolf celebrou o Ano Novo com a nossa família. Era óbvio quão penosa fora aquela noite para ele. Nunca vimos Messing tão abatido e taciturno, especialmente numa tal ocasião.

Durante este período, os meus filhos estavam a crescer e a tornar-se independentes — uma fonte simultânea de alegria e apreensão para mim.

O meu filho mais velho, Vladimir, após graduar-se com distinção no liceu, completou com sucesso o seu estudo de física teórica na Universidade de Bakhu. Aos vinte e seis anos, defendeu a sua dissertação de candidato, e mais tarde, a sua dissertação doutoral.

Em 1965, Sasha completara simultaneamente a escola pré-médica e o colégio noturno, o que é aproximadamente equivalente a um liceu norte-americano.

Embora fisicamente bastante exigente, havia uma razão definitiva para o seu plano. Entrar na faculdade de medicina na União Soviética sempre fora difícil, mas em 1965 a situação era pior do que nunca. A maioria dos candidatos nascera em 1947, o ano de pico do baby boom pós-guerra da Rússia, e a concorrência era feroz. Se Sasha falhasse a admissão no instituto, poderia ser chamado para o serviço militar. Um diploma da escola pré-médica e um certificado de graduação do colégio permitiam-lhe candidatar-se a ambas as faculdades de medicina de Moscovo, o Instituto Sechenov e o Instituto Pirogov.

Na manhã de 8 de agosto, duas horas após chumbar no primeiro exame de química e tirar uma sesta num banco de jardim público fora do Instituto Pirogov, Sasha passou no exame de física com uma nota excelente. Passou com sucesso nos exames das outras disciplinas também.

Sasha entrou em breve no Instituto Médico Pirogov, enquanto trabalhava a tempo parcial no serviço de ambulâncias.

Não havia limites para a minha felicidade. Sasha também estava feliz, mas uma nuvem de tempestade ensombrava o seu horizonte brilhante. Um certo professor de anatomia, o professor Leopold Gavrilov, passou a

detestar Sasha por algum motivo que Sasha nunca conseguiu descobrir. Gavrilov destacava-o sempre, chumbava-o em dois pequenos testes e fazia comentários mordazes e depreciativos a toda a oportunidade. Uma vez, encontrou o meu filho sozinho e continuou a sua perseguição.

«Lungin, seria melhor saíres do instituto», disse ele. «Nunca passarás na minha disciplina. Isso prometo-te.»

Sasha perdeu a cabeça ao ouvir isto. Matriculara-se no seu segundo ano de estudos, e o seu exame final de anatomia, a sua disciplina mais difícil, aproximava-se.

Parecia-me que Sasha estava a exagerar as suas más relações com o professor, mas contei a Messing o problema e aquele incidente em particular. Wolf deu-me toda a atenção e, de repente, começou a falar de um tema completamente diferente. Sabia que, se Wolf desviava de um assunto, nada o trazia de volta a ele. Parecia que não estava com disposição para discutir o problema; o assunto nunca mais foi mencionado, e pensei que Wolf o tinha esquecido.

Chegou o dia do exame, um dia calmo e solarengo. Sasha saiu num estado de espírito agitado. Ocupei-me das tarefas domésticas e acabara de decidir preparar-lhe algo especial para o jantar quando o telefone tocou.

«Taibele! É uma vergonha, entende! Não consigo trabalhar assim.»

Era Wolf, obviamente preocupado com algo. «O Sasha vai ligar. Diz-lhe para parar de se preocupar; está a perturbar-me. Diz-lhe que estou com ele.»

«Wolf Grigoryevich, não há forma de ele conseguir ligar», disse eu, espantada. «Está num exame.»

«Não é o Wolf Grigoryevich que fala, mas Messing! Ele vai ligar!»

Sabia, por longa experiência, que se ele fizesse esta declaração ritual, era inútil discutir com ele. Disse «Está bem» e desliguei.

O telefone tocou quase imediatamente. Pensei que Wolf estava a ligar de volta para explicar algo, mas enganei-me. Era Sasha.

«Mãe, não vale a pena fazer o exame», disse-me ele. «O Gavrilov acabou de sair e, à frente de toda a gente, disse: ‘Não se esqueça, Lungin, fará o exame oral comigo!’ Devia ter visto a cara dele, sedenta de sangue. Não sei o que fazer.»

Pelo tom de voz, percebi que estava à beira de um colapso. Tentei acalmá-lo.

«O Wolf acabou de ligar e disse para te dizer que não te preocupes», disse eu. «Está em contacto mental contigo e vai apoiar-te.»

Sasha suspirou, grato, claro, mas achava difícil acreditar que Wolf o pudesse ajudar. Decidiu, no entanto, fazer o exame.

Perturbada, vesti-me rapidamente e saí para o instituto. Graças a Deus, não ficava longe de casa; cheguei lá em menos de uma hora. Ao subir a escadaria principal, vi o meu Sasha a descer. O rosto dele tinha a cor do seu bata branca. Contou-me nervosamente que tirara um «bom». Não queria acreditar.

Sasha, transportado de alegria, disse: «Mãe, eu sei o que o Wolf consegue fazer, mas isto!» começou ele. «O Gavrilov olhou diretamente para mim durante uma hora e nunca me viu. Era como se eu não estivesse lá. É um milagre! Esperei que outro professor ficasse livre, um docente sénior na mesa ao lado, e fiz o exame debaixo do nariz do Gavrilov. Imagino como ele ficará furioso. Sobe e espera por mim, que volto num instante com vinho.»

Curiosa, espiei a sala de exames. Havia dezenas de cadáveres preservados em formaldeído, usados pelos estudantes nos exames. Havia também um semicírculo formado por cinco mesas com professores sentados nelas. Cada estudante, por sua vez, aproximava-se de uma mesa, onde um examinador administrava o teste. Um homem enérgico, de cabelo ruivo, sentava-se no centro. Era obviamente Gavrilov, que correspondia exatamente à descrição de Sasha. Saiu para o patamar e perguntou aos estudantes se todos tinham concluído o exame. Um coro de vozes jovens respondeu «sim».

«Nem todos», rosnou o cientista, carrancudo. «O Lungin ainda não fez.»

Todos afirmaram excitadamente que ele o fizera de facto, e que tinham visto a nota de «bom». O professor ergueu as sobrancelhas flamejantes de espanto.

«Como passou ele?», exigiu. «Não pode ser. Quem lhe deu o exame?» Os estudantes deram-lhe o nome do outro docente, e Gavrilov apressou-se a entrar no laboratório para verificar. Regressou a rosnar.

Percebi que Sasha não exagerara a ira deste professor, e que este poderia ter sido o seu último exame em medicina. Vi também a «mão» psíquica de Wolf neste incidente, e fiquei emocionada. O meu filho regressou em breve, vitorioso, trazendo duas garrafas de vinho tinto. Apresentou-me aos colegas de turma e passou o vinho, entre felicitações alegres e brincadeiras. O meu filho e eu fomos para casa naquele dia cheios de felicidade.

Mil novecentos e sessenta e cinco foi um ano memorável não só pelo sucesso do meu filho no instituto, mas também por várias desgraças pessoais.

O principal problema foi a minha doença causada por exposição à radiação. O meu estado piorou bruscamente, e agora enfrentava hospitalização.

Os especialistas concordaram que a minha melhor hipótese de recuperação era numa clínica para trabalhadores ferroviários em Moscovo, onde o departamento de hematologia era dirigido por Josef Kassirsky, o especialista mais experiente e talentoso em doenças do sangue. Ser tratado por Kassirsky não era uma questão de prestígio, uma mercadoria inútil na doença. Kassirsky era um médico verdadeiramente dotado, e tornar-me sua paciente era para mim uma questão de necessidade, não de honra.

Infelizmente, só os trabalhadores ferroviários profissionais e os funcionários do Partido Comunista tinham acesso à clínica. Não conseguia trazer-me a usar as minhas relações com Wolf Messing ou com o próprio Kassirsky para puxar os fios necessários.

O meu filho mais velho tomou o assunto nas suas mãos. Ligou para a clínica, fazendo-se passar por algum magnate do Ministério das Comunicações! Fui aceite sem demora, embora as enfermarias estivessem atafulhadas de doentes.

O doutor Kassirsky disse-me firmemente, alguns dias após os testes necessários, que a cirurgia ao baço era inevitável. Pouco podia fazer senão concordar submissamente com os seus planos. Secretamente, porém, tremia de medo. Sabia que a remoção do baço não era uma operação segura.

Um lembrete constante para nós, adultos fracos, que trememos e nos preocupamos com doenças reais e imaginárias, era uma criança de nove anos que sofria de uma condição incurável. Os médicos diziam que a sua morte era inevitável, mas ela suportava estoicamente os seus sofrimentos. Na noite antes da minha operação, sentámo-nos a conversar, e esqueci as

minhas apreensões. Discutimos as minhas viagens pelo país, e eu estava justamente a descrever a beleza da tundra e das auroras boreais quando uma enfermeira entrou na enfermaria. Era muito alta e de aparência masculina. Muitos homens invejariam o seu físico!

«Lungin, tem uma chamada», latiu ela numa voz cheia de irritação. «Mas que seja a última vez. Chamadas telefónicas distraem o pessoal do trabalho. E são sempre por ninharias.»

Respondi timidamente que não dera o número da clínica a ninguém; nem eu própria o sabia. Desci o corredor até ao telefone.

«Taibele?», perguntou a voz do outro lado. Só Wolf me chamava assim.

«Tem uma operação marcada para amanhã?»

«Sim.»

«Não se preocupe, não haverá operação nenhuma. Boa noite.» Sem mais explicações, Wolf desligou. Fiquei radiante, mas depois lembrei-me de que Wolf não dissera aquelas palavras mágicas: «Não é o Wolf Grigoryevich que fala; este é Messing!»

O melhor que tinha a fazer, pensei, era esquecer tudo e ir dormir. Na manhã seguinte, bem cedo, a mesma enfermeira severa entrou na enfermaria e disse-me para não comer nada antes da operação. Como podia ser, pensei? E a previsão de Wolf?

Toda a enfermaria ficou em silêncio por solidariedade. As mulheres olharam-me com tristeza enquanto me despedia e seguia a enfermeira pelo corredor, passando pela sala de operações, até ao primeiro andar. Atrás de portas com a inscrição «sala de conferências», o professor Michael Abramov, do pessoal do hospital, esperava por nós.

Com uma sensação esmagadora de apreensão, entrei. Dentro havia cerca de duzentos médicos e estudantes, todos vestidos de branco. Ao caminhar para a frente, senti os seus olhares a seguir-me, e senti-me como se estivesse em exposição. O doutor Kassirsky também lá estava, vestido com elegância num fato preto. Tomou as minhas mãos e disse que, com base numa análise da medula óssea, a minha operação fora adiada. Explicou aos estudantes que, se o atual curso de tratamento não melhorasse o meu estado, a operação seria realizada sem demora.

Libertando-me do abraço amigável do médico, olhei para ele e perguntei: «Tomou a decisão por causa de algo que Messing disse?»

Ele ficou surpreendido. «Messing? O que tem ele a ver com isto?» Depois sorriu e disse: «Não, minha querida, os meus amigos não interferem nos assuntos dos meus doentes. Nem mesmo Wolf Grigoryevich. E, além disso, não o vejo há bastante tempo.»

Regressei à enfermaria eufórica. Embora temesse a repreensão rotineira da enfermeira, esperei impacientemente por notícias de Messing. Ele e Iraida visitaram-me no dia seguinte com uma grande caixa de chocolates e algumas bananas.

Wolf Grigoryevich evadiu diplomaticamente todas as minhas perguntas sobre se a sua intervenção psíquica adiara a minha operação. Sugerira telepathicamente a Kassirsky que era desnecessária? Tratara-me ele próprio? Mas Wolf desviou a conversa dos temas médicos, agindo como se estivéssemos num lar de convalescença e não numa clínica. Tive alta do hospital três dias depois, com ordens para repouso absoluto na cama.

Este incidente ilustra aspetos da vida em Moscovo que devem parecer estranhos e até contraditórios a alguns leitores ocidentais. Particularmente agora, à medida que as palavras russas «glasnost» e «perestroika» se tornam parte de um vocabulário internacional, a nossa existência durante os anos de Estaline e pós-Estaline parece cada vez mais um pesadelo.

Os privilégios de que Wolf Messing gozava como parte de uma elite soviética de artistas performativos são privilégios em que a maioria nasce. O padrão de privilégios, troca de favores, privações rotineiras e negligência burocrática faziam simplesmente parte da nossa realidade quotidiana. Foram escritos livros sobre a hierarquia social que compõe a sociedade soviética. A tolerância de Mikhail Gorbachev a um certo grau de crítica pública em relação aos privilégios de alto nível permitiu que as realidades da nossa «sociedade sem classes» se tornassem mais amplamente conhecidas.

Desde os tempos de Estaline, o nível mais alto da sociedade soviética incluía apenas líderes do Partido Comunista: o Politburo, o Comité Central do partido e várias agências governamentais paralelas. Enquanto artistas e escritores dissidentes eram ostracizados, enviados para campos de trabalho, exilados e até executados, outros eram agraciados com honrarias sob a forma de privilégios e condecorações como a Ordem de Lenine.

Em termos de rendimento, alojamento e privilégios de viagem, Wolf Messing enquadrava-se no que poderia ser grosseiramente chamado de terceiro ou quarto nível de proeminência social. Artistas proeminentes são essenciais para a sociedade soviética porque as suas habilidades divertem o público dos rigores da vida quotidiana ou, de facto, de horrores como as purgas de Estaline e os anos devastadores da guerra.

Éramos peixes, nadando no mar em que nascêramos, muitas vezes bastante inconscientes do significado dos compromissos diários, silêncios educados e frases diplomáticas que proferíamos automaticamente. Era demasiado jovem nos anos 1930 para estar verdadeiramente ciente das purgas. Hoje, pioneiros da Revolução Bolchevique como Nikolai Bukharin estão finalmente a ser vindicados.

É difícil recordar, e certamente muito difícil transmitir a um público não soviético, a quase automática autocensura que todos nós impúnhamos a nós próprios. O facto de Messing ter podido falar com Estaline com a sua franqueza habitual deve ter sido devido à personalidade multifacetada do ditador. Estaline podia projetar uma simplicidade camponesa descomplicada, ou qualidades benignas de «pai do país». Estas eram as características que parece ter exibido com Messing.

Messing conseguiu sobreviver às muitas mudanças na sociedade soviética, embora permanecesse sempre sensível ao sofrimento ao seu redor. A sua vida simples e o alto rendimento permitiam-lhe ajudar os outros sem chamar a atenção para si ou para aqueles que ajudava. Muitas coisas ficaram por dizer, porque não valia a pena dizê-las.

A comunidade judaica soviética estava duplamente consciente do período irracional que precedeu a morte de Estaline. O mundo já esqueceu que, a partir de 1949, Estaline viveu no seu próprio mundo paranoide estreito. Sempre conspirador ele próprio, temia quase todos ao seu redor, incluindo os seus colegas membros do Politburo. Mas foi o seu medo paranoide dos médicos, levando à noção de um «complô de médicos» judeu contra ele, que semeou o medo na comunidade judaica durante as últimas semanas e meses da sua vida. Os seus sucessores abandonaram rapidamente a noção, mas aqueles meses terríveis eram difíceis de esquecer.

A questão em tudo isto é: poderia um homem como Wolf Messing ter lido com precisão a mente de Estaline? Ainda mais intrigante: poderia ele, hipnoticamente, telepaticamente, ter mudado a sua mentalidade devastadora? As respostas escapam-nos. As respostas, na verdade, apenas

levantariam uma questão ainda mais profunda: a manipulação das mentes humanas por governos demasiado intrusivos, demasiado temíveis para imaginar.

14

Águas Brancas no Volga

Havia um mar agitado de pessoas na Casa Central dos Trabalhadores Médicos em Moscovo a 19 de janeiro de 1966. As unidades policiais foram reforçadas para controlar a multidão indisciplinada, que consistia principalmente em pessoas que não conseguiram obter bilhetes para a atuação de aniversário de Wolf Messing. Ele completara na verdade sessenta e sete anos, mas, por algum motivo, o governo decidiu que este seria o jubileu de sessenta e cinco anos do famoso telepatista e clarividente.

Passara a tarde anterior em casa dos Messing e sabia que Wolf não se sentia muito bem. Iraida disse-me que ele tinha a certeza de que a sua apendicite crónica estava a inflamar-se. Obviamente não estava satisfeito com estas celebrações de aniversário, mas era impossível cancelá-las. O interesse do público neste evento era demasiado grande, e cientistas, jornalistas e muitos outros admiradores importantes iriam assistir. Sugeri que consultasse o professor Victor Agranenko, um cirurgião habilidoso do Instituto de Hematologia e Transfusão de Sangue; talvez precisasse de ir para o hospital. Mas Wolf recusou obstinadamente, dizendo que não tinha o direito de desiludir tantas pessoas.

O auditório da Casa Central dos Trabalhadores Médicos estava cheio até à capacidade máxima. Para acomodar aqueles que não tiveram a sorte de obter bilhetes, foram instalados altifalantes no vestíbulo e em alguns locais adjacentes. Físicos famosos, biólogos, outros académicos e jornalistas sentavam-se num estrado. Eu sentava-me com os meus filhos na sexta fila, nervosa pelo discurso de boas-vindas que iria proferir.

Não é fácil falar apreciativamente de um amigo na sua presença e sob o olhar de tantos olhos. O meu discurso não saiu como planeado; relatei simplesmente a história dos nossos encontros, embelezando-a liberalmente com epítetos lisonjeiros. As minhas últimas palavras foram obscurecidas por aplausos, mas fiquei insatisfeita. Envergonhada, saí do palco e regressei ao meu lugar. Embora fossem mais eloquentes, os outros oradores não se saíram muito melhor, limitando-se a dirigir-se a Wolf Messing em termos entusiásticos desenfreados.

Wolf gesticulou educadamente para que todos os oradores permanecessem no palco, onde cestos de flores haviam sido arranjados num semicírculo junto à mesa. O maior era um arranjo de tulipas, um presente da heroína de guerra e ás da aviação Valentina Grizadubova. Messing, lisonjeado pelas palavras calorosas e pela atenção, sentou-se no centro da mesa como uma criança na sua festa de aniversário.

Só conseguiu dizer: «Amigos, muito obrigado!»

Com estas poucas palavras, começou a sua atuação — desta vez com uma nova variação.

Logo no início, uma mulher gorda de cerca de sessenta anos, vestindo um vestido de tecido pesado e um lenço de lã aos ombros, subiu ao palco e anunciou que sofria de uma dor de cabeça insuportável há mais de seis meses. Messing pediu um copo de água potável comum, que alguém serviu de um decantador de cristal no estrado. Wolf sussurrou algo ao ouvido da mulher, segurou-a pelo pulso durante vários segundos e ordenou-lhe que tomasse vários goles de água. Quase imediatamente, ela anunciou alegremente que a dor desaparecera!

No dia seguinte, a celebração continuou, mas num ambiente menos oficial.

Messing ofereceu um banquete sumptuoso na magnífica Sala Vermelha do Restaurante Praga na rua Arbat. Os convidados distintos incluíam académicos, escritores, políticos e muitos outros; o editor-chefe de Ciência e Religião também estava presente. Poucos dos debates públicos ou encontros de Wolf alguma vez ocorreram sem a presença dos representantes aborrecidos desta revista.

Pareciam vigiá-lo para garantir que nada de ocultista ou místico se infiltrasse nas atuações.

Todos passaram a noite num ambiente descontraído, com piadas, risos e brindes. Os funcionários do restaurante também estavam satisfeitos. Embora pouco impressionados pelos estrangeiros e altos funcionários do partido (o Restaurante Praga era há muito o local favorito da elite de Moscovo), estavam, no entanto, fascinados por Messing. Pessoas entravam de uma sala de banquetes vizinha onde decorria um casamento importante. Perto do fim da noite, os noivos em pessoa entraram para pedir o autógrafo de Messing! Tenho a certeza de que os recém-casados e os convidados do casamento estavam convencidos de que a união seria longa e bem-

sucedida, mas quando regressaram ao seu banquete, Wolf disse baixinho: «Viverão juntos exatamente cinco meses.»

Infelizmente, não posso verificar esta previsão; nunca mais encontrei o casal. Não tenho dúvidas, no entanto, de que a previsão de Wolf se cumpriu.

Quando alguém vos oferece o segredo de um esquema para enriquecer rapidamente por dois dólares, é obviamente uma burla. Perguntamo-nos por que razão o promotor não está já rico. Um psiquiatra psicótico ou um médico que não consegue diagnosticar a sua própria gripe também parecem absurdos. Mas pode um telepatista e curandeiro dotado encontrar-se numa situação semelhante?

No dia após as celebrações, Iraida ligou para dizer que Wolf acabara de ser levado de ambulância para a Clínica Botkin. Estava em estado crítico e marcado para cirurgia de emergência. O meu filho Sasha, então estudante do segundo ano no Instituto Médico, trabalhava no serviço de ambulâncias da mesma clínica. Estava à minha espera nos degraus da entrada principal quando o meu táxi chegou. O meu coração gelou, pois Sasha erguia os dedos indicadores em forma de cruz, significando-me que a situação era grave.

Explicou que o apêndice de Messing rebentara, resultando em peritonite.

Parecia que a morte estava à sua porta.

Moscovo estava então sob o domínio de uma epidemia de gripe e as visitas hospitalares estavam proibidas ao público; mas o meu filho contou a Wolf da minha chegada, e fui admitida a seu pedido especial. Cumprimentou-me com um sorriso fraco. Inclinei-me e beijei-lhe a testa, e percebi o esforço que o sorriso lhe devia ter custado; a febre não era inferior a quarenta graus. Manteve o ânimo e não se queixou, mas a respiração era pesada e laboriosa.

Também na enfermaria estava um jovem de estatura hercúlea com uma barba ao estilo de Ernest Hemingway, que lá dera entrada por algum mal-entendido. Messing intercetou o meu olhar dirigido ao jovem, fez-me sinal com o dedo e sussurrou-me baixinho ao ouvido.

«Taibele, estes malditos médicos obviamente pensam que estou acabado», disse ele, «mas enganam-se. Tenho pena daquele rapaz, no entanto. Está nos seus últimos dias, embora pareça estar em boa forma.»

Na minha segunda visita, Wolf pediu caviar preto. Perdera o apetite por tudo o resto. Depois de percorrer toda Moscovo, consegui obter cerca de quarenta e cinco gramas num pequeno restaurante afastado e apressei-me imediatamente para a clínica com o presente precioso.

Wolf ficou radiante ao ver tanto a mim como o caviar. Agora sorria sem esforço, e via-se que as coisas tinham tomado um rumo melhor.

Mas o jovem robusto já não estava na enfermaria; morrera, tal como o meu amigo previra.

Messing também recebia visitas regulares da sua assistente de palco, Valentina Ivanovskaya. Era paciente não só com Wolf, mas também com Iraida, cujo temperamento e caprichos muitas vezes tornavam a vida difícil. Rodeado de cuidados e atenção contínuos, Messing recuperou rapidamente e teve alta da clínica em poucas semanas, com ordens para permanecer na cama em casa durante algum tempo. A ameaça passara, e Messing celebrou o seu aniversário com plena saúde.

Desde o jubileu, todos os arranjos para futuras celebrações foram confiados a mim, e fiquei satisfeita por assumir as responsabilidades. Numa ocasião, três anos mais tarde, realizámos a celebração do seu aniversário no restaurante do Hotel Sovetskaya. Wolf Grigoryevich sempre adorara atuar no auditório daquele hotel. Mais uma vez, muitos luminares locais assistiram. Messing era amado por todos.

A ocasião era grandiosa: o septuagésimo aniversário de Messing. Eu encomendara secretamente um enorme bolo de aniversário e mal consegui colocar setenta velas nele. Os convidados sentaram-se solenemente nas suas mesas, o champanhe foi destapado, e as luzes apagaram-se de repente. Wolf mal teve tempo de resmungar as suas previsíveis palavras modestas de agradecimento quando saí da escuridão com o bolo e o coloquei diante dele. As velas cintilantes iluminaram a sala.

Messing abriu um largo sorriso. Percebi que estava comovido quando me beijou. Era forte de espírito; infelizmente, estava preso num corpo que enfraquecia rapidamente.

Pandemonio eclodiu em Moscovo durante o verão de 1967. O governo soviético celebrava o seu quinquagésimo aniversário. A enxurrada de propaganda que acompanhava os preparativos irritava frequentemente Wolf; todas as atuações teatrais e de palco tinham de se conformar com temas revolucionários ou patrióticos. Como as experiências psicológicas de Wolf não se enquadravam, aproveitou a diminuição da procura pelas suas

atuações para relaxar longe da cidade. Alguns investigadores médicos convidaram Messing para o Alto Volga. Wolf dera muitas atuações naquele distrito e até dera consultas aos psiquiatras locais. Esta viagem, no entanto, estava planeada como férias.

Wolf, por sua vez, convidou-me a mim e aos meus filhos para o acompanharmos na viagem, e aceitámos sem um momento de hesitação. O meu filho mais velho, envolvido nas desagradáveis vicissitudes de um processo de divórcio, juntar-se-ia a nós mais tarde.

Messing soubera do casamento do meu filho apenas depois de este ter ocorrido.

Vladimir namorara a sua noiva enquanto Wolf estava no Extremo Oriente. Repreendeu-me na receção por não o ter consultado. Como amigo da família, disse-me que o casamento estava condenado. «Exatamente meio ano — lembra-te disto, Taibele», disse ele, «durará apenas meio ano!» A previsão cumpriu-se e sofremos as consequências.

A partir dessa altura, Vladimir interessou-se fortemente pelos assuntos do coração do irmão Sasha. Evidentemente, temia que Sasha cometesse o mesmo erro que ele e tentava influenciar suavemente o irmão. Sasha apaixonara-se por uma jovem em particular, e Wolf suspeitava de futuras desgraças. Acho que foi por isso que nos convidou para o acompanhar na viagem.

Messing apareceu na estação ferroviária de Kazan com alguém que eu não reconhecia, provavelmente um burocrata local que o ajudava secretamente. No dia seguinte, no final da nossa viagem, os velhos amigos de Messing receberam-nos ruidosamente na plataforma. Levaram-nos para uma pensão num camião velho e batido. A casa situava-se pitorescamente numa margem íngreme do rio Volga, e um riacho prateado fazia dois semicírculos em torno da propriedade antes de desaguar no grande Volga a apenas noventa metros de distância.

O rio acentuava as tábuas de madeira amarela recém-cortadas das acolhedoras casas de campo finlandesas que brilhavam no crepúsculo e no esplendor da lua.

Wolf trouxera os seus cães de colo, Pushinka e Mashenka. Libertados da vida apertada e abafada da cidade, os cães corriam loucamente pela propriedade desde cedo de manhã até tarde da noite. Nos primeiros minutos da nossa chegada, sentimos o quanto as nossas vidas citadinas nos privavam do contacto com a natureza.

A maioria dos abundantes cogumelos de outono ainda não romperam o solo, mas todas as manhãs, acompanhados por Mashenka e Pushinka, íamos aos bosques de pinheiros próximos colher os poucos que podiam ser encontrados.

Três pequenas aldeias negligenciadas, visíveis da margem do Volga, formavam um impressionante conjunto arquitetónico com as suas antigas igrejas ortodoxas russas. Tristemente, definharam num estado de degradação devido à idade e à indiferença humana. Os seus danos, no entanto, eram meramente físicos; ainda irradiavam a sua grandeza espiritual original. Ganhavam vida nas horas antes do pôr do sol, quando os raios carmesins do sol iluminavam os restos das suas cúpulas cobertas de ouro. Wolf admirava o espetáculo melancólico mas majestoso durante horas a fio.

Tomávamos as refeições num ambiente romântico. Descíamos até à margem por tábuas de madeira equipadas com um corrimão e, num remanso tranquilo, jantávamos num velho vapor transformado em restaurante.

Baloiçava levemente nas suas amarras, e ouvíamos o grito rouco das gaivotas enquanto voavam sobre a superfície lisa da água. As mesas estavam postas com encantadoras taças de cerâmica cheias de carne assada e canecas cheias de uma antiga bebida russa feita de mel. Os talheres eram todos de madeira, e as colheres, pratos e travessas de pão eram decorados por artesãos de Khokhloma.

Os trabalhadores do restaurante reconheceram imediatamente Wolf Messing, e aproveitámos plenamente isso por vezes. Pedíamos-lhes que preparassem os cogumelos que colhíamos, por vezes com molho de natas azedas, por vezes em conserva. Sasha, um pescador ardente, raramente participava nas nossas expedições de colheita de cogumelos, preferindo sentar-se horas a fio no rio a pescar abramotes ou, se tivesse sorte, o famoso esturjão do Volga. Por vezes, trazia de volta meio balde de boa captura; Wolf ficava ainda mais entusiasmado do que Sasha com as suas capturas e dirigia-se diretamente à cozinha todas as vezes para pedir a sua sopa de esturjão favorita.

Durante este mês inebriante de descanso, Sasha aproximou-se especialmente de Wolf. Wolf encontrou de alguma forma a abordagem certa para colmatar a tremenda diferença de idades que os separava.

Particularmente encantadoras eram as noites que passávamos junto a uma fogueira ao ar livre, inspirando-nos a contar histórias românticas e contos fantásticos de mistério e intriga. Cada um de nós contava uma história e, quando todos tínhamos a nossa vez, começávamos de novo. Muitas vezes, no entanto, alterava a sequência para que Wolf Grigoryevich pudesse ser o contador de histórias mais frequentemente. Estas soirées à volta da fogueira junto ao Volga deram-nos a oportunidade de ouvir algumas histórias da fascinante vida de Wolf, e eu registava-as nas manhãs seguintes. Wolf também adorava histórias sentimentais sobre cães. Exibia uma pureza, curiosidade e confiança infantis ao contá-las.

Os dias das nossas férias passaram rapidamente, e começámos a contar os dias restantes com uma certa tristeza. Mas Messing ainda estava a fazer novos amigos. Nos dias quentes, dirigia-se à aldeia mais próxima onde, junto a um moinho abandonado no bosque frondoso de um cemitério, uma nascente natural borbulhava. Colhia a água nas mãos para matar a sede e trazia-nos um pouco num jarro de plástico para o nosso chá da noite. Ficou amigo de todos os camponeses locais durante estas incursões, comprando leite fresco deles e questionando os idosos sobre quaisquer adivinhos ou curandeiros outrora famosos da sua região. Como a maioria das suas aparições eram em cidades, Messing não tinha tantas oportunidades de conhecer camponeses como desejaria.

Os aldeões, por sua vez, afeiçoaram-se a este estranho senhor, e vários dias antes da nossa partida ofereceram-lhe uma recordação: uma escultura esculpida em madeira representando um homem sentado num barril a beber cerveja caseira de uma grande caneca. Os povoados em torno de Nizhny Novgorod são famosos desde tempos imemoriais pelos seus mestres artesãos. Wolf valorizou grandemente este presente como recordação dos dias maravilhosos que tanto curaram a sua alma, e como a primeira lembrança que alguma vez recebeu de camponeses.

Regressámos a Moscovo sentindo-nos jovens e revigorados. «Quem poderia ter previsto que eu experimentaria tal felicidade», disse-me Wolf.

15

Testemunhas Falam da América

Após um excerto da versão russa original deste livro ter aparecido no jornal emigrado de Nova Iorque The New Russian Word, recebi chamadas e cartas entusiásticas de muitos leitores que consideraram seu dever partilhar as suas impressões dos encontros com Messing na União Soviética. Alguns contaram-me como Messing os curara ou curara os seus amigos de doenças graves. Interrompendo a minha história pessoal por um momento, relatarei as histórias de pessoas, atualmente a viver nos Estados Unidos, que testemunharam as previsões de Messing cumprirem-se com uma precisão espantosa.

A primeira foi-me enviada pelo conhecido jornalista nova-iorquino Mikhail Germonov:

No início de 1946, em Leninegrado, foi anunciado o próximo espetáculo de Wolf Messing com as suas sessões de experiências psicológicas. Nessa altura, rumores das espantosas capacidades telepáticas de Messing já tinham chegado a Leninegrado. Espalharam-se rumores de como este refugiado da Polónia, com a ajuda de sugestão telepática, simplesmente saíra da cela de uma prisão de Varsóvia onde fora confinado por ordem das forças de ocupação de Hitler, e de «milagres» semelhantes. Na altura, eu era chefe da secção teatral do jornal Evening Leningrad, e um belo dia Wolf Grigoryevich Messing apareceu na redação acompanhado pela sua esposa e assistente, Aida Mikhailovna.

Dando grande importância ao seu primeiro espetáculo programado, Wolf Grigoryevich pediu-me que o ajudasse a dissipar a impressão de que as suas atuações eram apenas os truques comuns de mágicos e ilusionistas. Ofereceu-se para dar uma prévia perante a equipa da redação, mesmo nas instalações da redação.

No dia seguinte, após o trabalho, Wolf Messing apareceu na sala de conferências. Vimos um homem de estatura média, com uma cabeleira azul-preta, olhos brilhantes e penetrantes, nervoso, emocionalmente excitável.

Após um curto discurso introdutório da sua esposa sobre as suas capacidades telepáticas, Messing começou uma série de experiências. Localizou objetos escondidos com facilidade, segurando o examinador pelo pulso. Leu os textos de notas escritas pelos funcionários do jornal. Leu em voz alta páginas de livros que apenas vislumbrara por um instante.

Realizou instantaneamente uma operação com grandes números matemáticos, resolveu problemas complexos extraindo raízes quadradas e cúbicas de numerais de sete algarismos, e além disso memorizou todas as figuras envolvidas nas operações. Numa palavra, tudo o que demonstrara perante ele fora já exibido pelo espantoso fenómeno russo Arrgo (L. C. Levitin) e mais tarde pelo seu discípulo de Leninegrado Mikhail (Hans) Kuni. Messing não realizou experiências com sugestão telepática, explicando que isso era categoricamente proibido pelas autoridades.

Após a atuação, ao despedir-se de mim e da minha esposa, virou-se para ela com a seguinte oferta: «Sei o que a oprime», disse ele. «Quer desesperadamente saber o destino de uma pessoa querida. Venha ver-me amanhã de manhã ao Hotel Europe e partilharei o que sei das suas dúvidas.»

Foi com alguma agitação compreensível que a minha esposa foi nessa manhã ver Wolf Grigoryevich. Tomando-a pela mão, disse: «Está perturbada com o destino do seu irmão, que lutou na Segunda Guerra Mundial.» De facto, ele estava desaparecido em combate no final da guerra, e nenhum de nós sabia do seu destino.

«Infelizmente, o seu irmão Anatol morreu de uma bala inimiga poucos dias antes do fim da guerra.» Messing até o chamou pelo nome próprio.

Assim, Wolf Grigoryevich dissipou definitivamente todas as nossas dúvidas sobre o destino de um familiar, o que foi mais tarde documentado num comunicado que recebemos do escritório municipal de registo e alistamento militar.

Este homem espantoso tinha indubitavelmente capacidades notáveis.

Da sua casa em Boston, a escritora Nadeshda Filipovna Kramova contou-me um encontro mais interessante com Wolf Messing.

Quero contar-vos vários episódios que caracterizaram o seu dom verdadeiramente mágico não só de «ver» eventos que ocorriam longe, mas de prever eventos do futuro.

Conheci Wolf Messing durante a guerra. Baseado em Perm (então chamada Molotov) estava um grupo de escritores evacuados de Leninegrado. Vivíamos no único edifício de sete andares da cidade, um hotel apelidado de «Os Sete Andares». Uma vez, no átrio, vi um homem baixo com uma cabeça grande e madeixas de cabelo a apontar em todas as direções. Aproximando-se de mim, parou, lançou-me um olhar aguçado

como uma agulha, sorriu para algo e dirigiu-se com passos rápidos e miúdos para a saída.

«Quem é aquele?», perguntei ao administrador do hotel.

«O quê, não sabe? É Wolf Messing. Chegou ontem», foi a resposta.

«Ah!», disse eu, envergonhada por expor a minha ignorância. Na altura, o nome nada me dizia.

Em breve, Messing realizou o seu primeiro espetáculo. Não me demorarei na sua capacidade fenomenal de ler pensamentos, ou no seu poder de sugestão. Relatarei algo que, por enquanto, é impossível explicar.

Deram a Messing uma tarefa bastante simples: aproximar-se de uma certa senhora na terceira fila, tirar o passaporte da mala dela, trazê-lo para o palco e abri-lo. Após ler em voz alta o nome da proprietária, devia devolver o passaporte. Quando Messing subiu ao palco e abriu o passaporte, uma fotografia caiu.

«Que oficial bonito», disse ele com um sorriso. «Apenas um rapazinho.»

De repente, o seu rosto contorceu-se, os olhos arregalaram-se e agarrou o coração.

«Cortina! Baixem a cortina!», gritou. O salão ficou gelado.

A sua assistente saiu para o proscénio e anunciou que Messing se sentia mal, mas em cerca de dez ou quinze minutos a sessão continuou. A última parte da atuação arrastou-se, e Messing parava frequentemente para enxugar o rosto com um pano. No dia seguinte, conseguimos descobrir da sua assistente o que acontecera. Messing «vira» o jovem a ser morto no exato minuto em que admirava a fotografia.

A mãe do jovem não ficava no hotel, mas víamo-la todos os dias na cantina onde os nossos cartões de racionamento de comida eram registados. Olhávamos com horror para o seu rosto, mas estava tão calmo como sempre; o filho escrevia-lhe frequentemente e ela mostrava-nos as suas cartas curtas e afetuosas. Com o tempo, acalmámo-nos, pensando que Messing se enganara. Afinal, as pessoas enganam-se.

Passaram três semanas, e esquecemos este episódio. Mas vinte e quatro dias depois, a mulher não veio à sala de jantar. No dia seguinte, soubemos que recebera uma notificação da morte do filho, e o dia e a hora da morte indicados eram o mesmo dia e hora que Messing «vira».

Tentei nunca perder nenhuma das atuações de Wolf Messing. Uma vez, demorei-me após a sessão. O salão já estava vazio, e eu era a última pessoa a sair para a rua gelada. Uma tempestade de neve fazia-se sentir, e nada era visível a mais de dois passos à minha frente.

À entrada, indeciso, estava Messing.

«Tempo miserável», resmungou em alemão. «Como no inferno.»

«Pior», respondi eu, «pelo menos lá é quente.»

«Fala alemão?» Virou-se e olhou-me inquisitivamente. «Isso é bom. Fica no hotel. Vi-a no átrio.»

Assenti, surpreendida com a sua memória.

«Tome o meu braço e vamos», continuou em alemão. «Agora, pelo menos, há alguém com quem posso conversar em alemão. O russo é mais difícil para mim.»

«Mas onde está a sua assistente?», perguntei.

«Por vezes, ela sai após o intervalo.»

Após aquela noite, encontrava-o frequentemente à entrada, e juntos regressávamos ao Hotel Sete Andares.

«Fale baixo», avisou-me ele. «Desde a guerra, é perigoso falar alemão na rua. Uma vez, quase fui preso como espião.» Riu-se.

Eram dias pesados e ansiosos para mim. Deixara de receber notícias do meu marido desde o cerco de Leninegrado. Circulavam rumores de que fora morto num ataque de bombardeamento. Aguentei durante muito tempo, mas finalmente decidi recorrer a Messing. Não queria falar-lhe das minhas ansiedades apenas de passagem, mas não tinha coragem de pedir uma audiência especial: sabia que ele estava proibido de praticar as suas habilidades em privado. Finalmente, pedi à sua assistente que intercedesse por mim.

«Ele concordou, como exceção», disse a assistente. «Venha ao quarto dele às três horas.»

Tentarei reconstruir palavra por palavra a conversa que tive com Wolf Messing.

«Está aqui? Sente-se. Mas tenha em mente que não me é permitido receber visitantes. Portanto, quinze minutos e nem um segundo mais», disse ele.

Sentei-me obedientemente, não sabendo por onde começar. «Para começar», captou o meu pensamento, «escreva qualquer número num pedaço de papel.» Entregou-me um lápis e papel. «Escreva. Escreva.»

Escrevi o número dezoito.

«Agora dobre o papel e coloque-o dentro do sapato. Assim. Dê-me a sua mão.»

Obedientemente, executei o procedimento. Num segundo, Wolf Messing escreveu «18» num pedaço de jornal e olhou-me triunfantemente. Encolhi os ombros. Era apenas tempo perdido.

«Ha!», disse Messing de repente. «Não vim para ele me mostrar os seus truques; é apenas tempo perdido.» Acrescentou: «Adivinhei certo?»

Sorri involuntariamente.

«Mas quer perguntar pelo destino do seu marido.»

«O que mais querem as mulheres saber durante uma guerra?», pensei irritada. «Não é preciso ser Messing para saber isso», disse eu.

«Mas para responder à sua pergunta é necessário ser Messing», retorquiu ele astuciosamente, e depois desatou a rir. Comportava-se como uma criança travessa, e começou a irritar-me.

De repente, o seu rosto ficou sério.

«Digo-lhe o que vamos fazer», disse ele. «Para começar, quero familiarizar-me com o seu apartamento — lá em Leninegrado.» Apertou-me a mão com força pelo pulso. «Entre no hall de entrada. Isso mesmo. Vá devagar, à esquerda, a porta do quarto de outra pessoa, o corredor, à direita — o seu quarto, entre. Não, o piano não está junto à parede ao lado da porta, mas mesmo junto à janela; o vidro está partido, a tampa está aberta, há neve nas cordas. Bem, porque parou? Vá mais longe. O segundo quarto está quase vazio: nem cadeiras nem mesa, nem prateleiras — os livros estão empilhados no chão no meio do quarto. Bem, basta.»

Soltou-me a mão. «E agora ouça com atenção! Escreva isto!» Enquanto falava, o seu rosto ficou pálido e tenso. «O seu marido está vivo.

Está doente, muito doente. Irá vê-lo. Ele virá, virá aqui — cinco de julho às dez da manhã. Lembre-se: cinco de julho às dez horas!»

Messing calou-se e fechou os olhos, enquanto eu fiquei sentada, com medo de me mexer.

«E agora vá, neste minuto!», disse ele baixinho. «Tenho uma sessão esta noite. Tenho de descansar e aqui estou eu a brincar consigo!» Olhou-me zangado. «Estou cansado. Vá!», gritou, enxugando gotas de suor da testa.

O cinco de julho acabou por aproximar-se. Já sabia [de um familiar em Leninegrado] que o meu marido passava fome, sofrendo gravemente num hospital. Não podia haver questão da sua chegada aos Urais num futuro próximo. Mas a previsão de Messing nunca me saiu da mente, e eu e todos os meus amigos aguardávamos ansiosamente este dia. Até fiz preparativos para o nosso reencontro; consegui vodca com cupões de manteiga, troquei parte dos meus cartões de ração de pão por rebuçados de menta e troquei três metros de tecido de algodão dado aos escritores pelo Fundo Literário por batatas e cebolas.

No cinco de julho, estava sozinha no meu quarto (a vizinha que ficara comigo fora para outro quarto na noite anterior). Tinha medo de descer à sala de jantar para almoçar ou mesmo de ir buscar água a ferver para o chá.

As horas passavam: dez, onze, doze… quatro, cinco, seis. A cada poucos minutos, cabeças espreitavam pela porta. «Já veio?», perguntavam as pessoas.

«Ainda não», tinha de responder.

Sentada ali, com fome, mal-humorada, a soluçar, sentindo-me parva e indignada com a minha credulidade.

Às sete da tarde, ouviu-se uma pancada fraca na porta. O meu marido estava à entrada. Nas costas trazia uma mochila bem cheia, e apertava dois pães contra o peito.

«Meu Deus! Esperei por ti o dia todo!», gritei ao correr para ele.

«Como sabias que eu viria hoje?», disse o meu marido, surpreendido.

«Aconteceu totalmente de forma inesperada. Acabara de sair do hospital, e de repente recebi uma chamada.»

«Conta-me tudo depois», respondi eu. «Vejo que mal te aguentas de pé.»

Tirei-lhe os pães das mãos e ajudei-o a tirar a mochila. Se não estivesse à espera do meu marido, não o teria reconhecido neste velho com cabelo ralo e grisalho, têmporas fundas, rosto macilento coberto de barba grisalha. Tinha apenas quarenta e dois anos.

Quando nos separáramos há não muito tempo, era bonito, elegante e em boa forma física. O meu coração sank.

«Esperava-te esta manhã», disse eu, «mas o principal é que vieste hoje.»

Ele respondeu: «Cheguei de facto esta manhã, às dez horas.»

«O quê?», disse eu horrorizada. «Onde estiveste o dia todo?»

«Vês, na estação deram dois pães a toda a gente no comboio, e eu estive na fila durante oito horas. Afinal, não podia recusar pão.»

«Meu Deus! Tenho pão suficiente!»

Queria chorar, mas contive-me. Diante de mim estava um homem que sobrevivera ao cerco de Leninegrado, e eu compreendia.

Quando regressei ao meu quarto em Leninegrado, vi o piano com a tampa aberta junto à janela partida. A neve derretera e as cordas estavam encharcadas de água. O chão estava coberto de livros no segundo quarto. As prateleiras, cadeiras e mesa tinham desaparecido — os vizinhos queimaram-nas no inverno gelado de 1942. Fiquei contente por isso os ter ajudado a sobreviver.

Retomarei a minha história contando ainda outro caso em que as previsões de Messing mudaram a vida de várias pessoas e ajudaram a criar uma nova família. O meu filho Sasha foi o protagonista principal neste pequeno drama.

No início de 1968, Sasha conheceu uma rapariga simpática da Checoslováquia cujos pais trabalhavam na Embaixada Checoslovaca em Moscovo. Em breve, ficaram muito apegados um ao outro e encontravam-se praticamente todos os dias. Observei com prazer como a sua relação inocente e amigável se transformava em amor. Era assustador, no entanto, pensar seriamente no futuro; casar com um estrangeiro é extraordinariamente difícil e muitas vezes acaba infelizmente. Os eventos na Checoslováquia estavam a ganhar ímpeto, e as tropas soviéticas tinham

entrado recentemente no pequeno país. Consequentemente, os pais de Iva — como muitos outros checos — mudaram bruscamente a sua atitude em relação a tudo e todos na União Soviética. Era um momento importante na vida de Sasha, e eu não queria vê-lo repetir o erro do irmão. Aconselhei-o a consultar Messing.

Esta foi a primeira vez que pedimos diretamente ajuda a Wolf. Ele convidou Sasha e Iva a sua casa num sábado para tomarem chá. Wolf pediu-lhes que trouxessem uma fotografia dos pais de Iva.

Tudo correu maravilhosamente. Wolf estava bem-humorado naquele dia e gracejou durante toda a visita. Quando o casal se preparava para partir, disse-lhes que teria uma resposta sobre o futuro deles dentro de dois dias. Passámos esses dois dias num estado de tensão ininterrupta, temendo uma análise negativa. Não pensávamos que Sasha tivesse forças para romper com Iva em tal eventualidade.

Três dias depois, Messing chamou Sasha ao seu apartamento. Quando regressou a casa, estava muito excitado e feliz e escreveu tudo o que Wolf Grigoryevich dissera sobre o seu futuro com Iva.

«Deves casar com Iva», disse Wolf. «Ninguém te amará com tanta devoção como ela. É uma pessoa muito boa. Encontra-se poucas pessoas como ela. Será excecionalmente difícil para ti no início. Os pais dela renunciá-la-ão, mas dois anos após o nascimento do vosso primeiro filho mudarão de atitude. Terão dois filhos e uma filha, e serás um médico muito bem-sucedido.»

Será necessário descrever a felicidade de Sasha?

Contar o que Sasha e Iva sofreram exigiria um livro separado. Aqui está o que aconteceu em resumo:

Seis meses após esta conversa, Sasha e Iva casaram-se. O seu primeiro filho, Garrett, nasceu em dezembro de 1969. Quem sabe se teria nascido se não fosse aquele encontro com Wolf Grigoryevich? No verão de 1971, foram à Checoslováquia, e a partir dessa altura as suas relações com os pais de Iva começaram a melhorar. O segundo filho, Tomash, nasceu em 1972. Em 1973, Sasha formou-se no Instituto Médico.

Em 1978, após pedirmos autorização para emigrar para Israel, Iva e as crianças foram deportadas como estrangeiras para a Checoslováquia. Só após meio ano de muitas provações e aventuras é que se reencontraram em Viena.

Após a sua chegada à América e três anos de sérias perdas físicas e materiais, Sasha concluiu a escola de podiatria e, tal como Wolf previra vinte e cinco anos antes, tornou-se médico.

Não importa que provações tenham acometido os meus filhos, a previsão de Messing de um final bem-sucedido e feliz foi sempre a sua estrela guia e bálsamo calmante.

Iva e Sasha vivem felizes desde então. Quando escrevi a edição russa deste livro em 1981, Sasha tinha trinta e quatro anos e Iva trinta e dois. Estavam casados há doze anos e até então tinham apenas dois filhos. Mas, como esperado, Iva e Sasha tornaram-se pais pela terceira vez. A filha deles, nascida em maio de 1982, cumpriu assim a previsão de Messing.

16

O Início do Fim

O «roubo bancário» em que Wolf Messing participou por ordens de Estaline traz à mente a seguinte história.

No início dos anos 1970, o governo soviético começou uma lotaria pública regular chamada «Sportlotto». Inicialmente, era realizada a cada dez dias, mas mais tarde passou a ser diária. Os primeiros sorteios, que eram até transmitidos na televisão, eram realizados de forma bastante amadora com quarenta e nove bolas numeradas colocadas dentro de um tambor e misturadas. Uma figura célebre do desporto ou um ator fechava os olhos e tirava as seis números vencedores. Este método provocava naturalmente a censura de jogadores inveterados, e até muitos observadores mais desligados resmungavam com os procedimentos.

Todos suspeitavam que a lotaria era pura enganação. Se, vários dias antes do sorteio, a comissão da lotaria passasse todas as combinações concebíveis de números por um computador, poderiam determinar antecipadamente qual traria os máximos ganhos, e esta combinação seria supostamente «sorteada». Como este número apareceria apenas uma vez em um milhão de bilhetes comprados, haveria pouco risco de múltiplos primeiros prémios.

Havia várias formas possíveis de manipular os resultados; duas delas pareciam bastante fáceis. Um método seria aquecer as seis bolas necessárias para que pudessem ser facilmente detetadas ao toque. Ou as

bolas poderiam ser arrefecidas. A falha, claro, é a probabilidade de tirar as bolas na sequência incorreta.

A forma como a lotaria era realizada era, de qualquer modo, obviamente imperfeita, por isso este método foi em breve rejeitado e o sorteio passou a ser realizado da mesma forma que noutros países: as bolas eram atiradas violentamente num cilindro aberto, como partículas em suspensão, e depois catapultadas para cima, uma a uma, através da força centrífuga. Os sorteios eram sempre realizados em locais públicos anunciados previamente, e qualquer pessoa que o desejasse podia assistir.

Veio-me à mente uma ideia travessa, uma ideia que partilhei prontamente com Messing. Perguntei-lhe se poderia influenciar o resultado do sorteio enquanto estivesse sentado no salão. Se isso fosse possível, talvez pudesse fazer com que as bolas saíssem de acordo com o bilhete dele ou o meu! Disse a Wolf que não considerava tal uso dos seus poderes fraudulento ou pérfido.

«Não», disse Wolf quando lhe apresentei esta sugestão. «Não tenho poder para influenciar a forma como as bolas serão escolhidas, porque são objetos inanimados. É como fazer uma mesa girar. Só posso dar sugestões telepáticas a um igual biológico, por outras palavras, a outro ser humano. É outra coisa, no entanto, se as bolas forem escolhidas por alguém que seja convidado a fazê-lo. Ele precisa de uma fração de segundo para ler o número na bola, enquanto eu preciso de olhar para ele apenas metade desse tempo, e à distância, para distinguir quais hieróglifos numéricos se acenderam dentro do seu cérebro.

«Ou vejamos esta variação caprichosa. Num cilindro de vidro, misturam quarenta e nove pessoas em vez de bolas numeradas, e exigem que seis delas saiam do cilindro numa ordem prescrita. Isso é outra coisa. Como cada uma delas sabe o seu número, não seria problema nenhum para mim ordenar que essas seis pessoas saltassem na ordem correta. Nem a tampa nem qualquer força que as empurrasse seria um obstáculo, pois o primeiro a correr para a saída seria aquele a quem eu desse o comando. Nesse caso, tu e eu poderíamos enriquecer.»

Wolf terminou o seu discurso com uma gargalhada diabólica. «Mas com bolas de marfim ou plástico não consigo fazer nada», continuou. «Lembras-te da parábola evangélica de que a fé pode mover montanhas? Tenho o maior respeito por todas as crenças, incluindo o cristianismo. Nele vejo a elevada aspiração do homem para conhecer o desconhecido. No entanto, o poder de mover montanhas não está ao alcance do crente

comum, mesmo o mais sincero. É prerrogativa de Cristo, ou talvez dos santos. Da mesma forma, eu, que não me considero o profeta da telepatia, não consigo mover uma montanha, nem atrair a bola necessária. Espero não te ter desiludido, Tanya? Ainda assim, o potencial do espírito humano tende a crescer, tal como os recordes desportivos, que são constantemente batidos.

«Mas por mais centímetros que o recorde de salto em altura suba de uns Jogos Olímpicos para os outros, não acho que mesmo o atleta mais excecional alguma vez passe a barra colocada acima de cinco metros. Na minha opinião, há um limite, uma barreira, que o corpo humano não é capaz de exceder.

«O potencial da alma é ilimitado, mas enquanto o espírito estiver encerrado na sua casca terrena, permanecerá sempre algo desconhecido.

«Durante a minha viagem ao Japão, fui cativado não tanto pelo exotismo, mas pela sabedoria que as pessoas viam nas coisas mais comuns. Por exemplo, que tipo de alimento intelectual para o pensamento pode proporcionar um parque público? Bem, há beleza no design: canteiros de flores caprichosos, esculturas bem cuidadas, fontes em cascata. Mas tudo isto é superficial para a nossa busca de significado e mistério na vida. Passeando por tal jardim, pode-se emocionar com a sua beleza, mas não se mergulha num estado de meditação profunda.

Os japoneses conseguiram fazer de um parque um lugar para o pensamento, e é justamente chamado de parque filosófico. Tudo é brilhantemente simples. Este parque filosófico é construído inteiramente de pedra, incluindo os caminhos e as vedações, até as ‘árvores’. Elas são o ingrediente chave do parque. Estas ‘árvores’ são na verdade dezasseis grandes pedras espalhadas de forma aparentemente caótica pelo parque. Embora sejam dezasseis, não importa onde se olhe, vê-se apenas quinze, incluindo aquela sobre a qual se está de pé.

«A décima sexta ‘árvore’, invisível de qualquer posição, representa o destino do homem na sua aspiração para conhecer a Verdade. Parece tê-la nas mãos, mas é incapaz de abraçar a sua essência. E isso, acho eu, é uma boa forma de descrever os mistérios ocultos.»

Quando a doença atinge um familiar ou amigo próximo, protestamos em indignação impotente. Protestamos contra este destino cruel com toda a nossa razão e força de vontade. Esperamos sempre que a desgraça passe ao lado daqueles que nos são queridos, especialmente quando vemos os

indignos viver e prosperar. Esperemos que a filosofia de vida de Wolf o tenha preparado para os seus próprios problemas.

Wolf Grigoryevich sofrera dores nas pernas há muito tempo, especialmente ao caminhar, mas suportara-as enquanto foi possível. Acabou por perder a capacidade de funcionar normalmente e foi forçado a procurar ajuda médica. Recorreu ao seu amigo, Alexander Alexandrovich Vishnevsky, tenente-general dos Serviços Médicos e diretor do Instituto de Cirurgia em Moscovo. Assim, em maio de 1969, Messing passou duas semanas na clínica para tratamento. Vishnevsky diagnosticou corretamente o problema sem realizar testes complicados. Wolf sofria de endoarterite obliterante de ambos os membros inferiores, e o cirurgião ordenou a sua hospitalização no instituto.

Na minha primeira visita ao hospital, encontrei Messing abatido pelo diagnóstico. O seu médico prescreveu analgésicos e proibiu-o de fumar para sempre. Ele recusou-se a levar a sério esta última proposta, embora o tabaco fosse o seu pior inimigo nas circunstâncias. Como não me era permitido vê-lo no início, Alexander Alexandrovich convidou-me a esperar no seu gabinete até o tratamento de Messing terminar. Sentei-me numa cadeira confortável virada para a janela. A secretária no pequeno gabinete estava atafulhada de histórias clínicas, um esfigmomanómetro, um estetoscópio e um pequeno-almoço inacabado. Olhava distraidamente à volta quando atrás de mim alguém disse bastante alto e distintamente: «Idiota!»

Fiquei atónita; tinha a certeza de que estava sozinha na sala. Olhei à volta, mas além de algumas batas brancas penduradas num cabide, não via nada no canto escuro do gabinete. Voltei a examinar as fotografias autografadas na parede e as prateleiras cheias de livros e presentes de doentes e várias organizações.

Passaram vários minutos quando ouvi novamente aquela mesma voz. «Idiota!», gritou. Determinada a encontrar a fonte da voz, dirigi-me ao canto escuro da sala; demorou um pouco até os meus olhos se ajustarem à escuridão. Lá estava uma gaiola redonda alta, com um pássaro preto e cinzento do tamanho de um papagaio grande dentro. Mas era um mainá indiano — parte da família dos estorninhos — que é notado pela sua extraordinária capacidade de imitar belamente a linguagem humana (neste caso o russo).

Aliviada por não estar a sofrer alucinações auditivas, disse: «E quem és tu, esperto?»

O pássaro respondeu de forma factual: «Sou o Serezha, sou bom! Sou o Serezha, sou um bom rapaz!» Disse ao pequeno fanfarrão tagarela que estava muito contente, mas Serezha não ouviu e continuou o seu próprio discurso.

«Doentes, regressem às vossas enfermarias, às vossas enfermarias, às vossas enfermarias…»

Ou não conseguia parar, ou simplesmente não queria. Finalmente, o dono do pássaro e do instituto entrou.

«O quê, Serezha, já te elogiaste?», perguntou ao ver-me junto à gaiola. «Disseste à Tatyana que és muito esperto?»

Serezha ficou confuso e não respondeu. Saltitou de um pé para o outro e finalmente acomodou-se confortavelmente no seu poleiro.

Alexander Alexandrovich ofereceu-me um lugar junto à sua secretária e disse-me que as coisas iam mal com Wolf. Havia má circulação nos membros inferiores; os seus vasos sanguíneos estavam cobertos de placas escleróticas. O cirurgião estava a empregar um tratamento conservador para aliviar e parar o processo, mas temia que o forte tabagismo de Wolf fizesse a doença progredir para gangrena, possivelmente em ambas as pernas. Nesse caso, as pernas teriam de ser amputadas.

«Wolf Grigoryevich prometeu deixar de fumar», disse o professor Vishnevsky, «mas ainda não o cumpriu. Eu, velho idiota que sou, acredito nele todas as vezes e…»

O médico bateu na testa de frustração, e Serezha interrompeu a sua frase. «Idiota, velho idiota!» O pássaro audacioso desatou então numa série de obscenidades.

Nem mesmo um bêbado se comportaria de forma tão grosseira na presença de uma senhora! Depois percebi que o pássaro estava a imitar o seu dono, e era o professor o verdadeiramente culpado. Praguejava violentamente mesmo enquanto realizava cirurgias. Seguro na sua gaiola no gabinete do professor, Serezha aprendera esta linguagem especial muito rapidamente e empregava-a de boa vontade. O doutor Vishnevsky ficou embaraçado, mas, infelizmente, já era tarde demais. O aluno superara o mestre.

Vishnevsky contou-me que esta maravilha falante fora um presente trazido da Índia por Yuri Gagarin, o primeiro cosmonauta. Enquanto conversávamos, Serezha anunciou categoricamente: «Doentes, regressem

às vossas enfermarias. Hora de dormir!» Não parava, por isso decidimos sair do gabinete. Era simplesmente impossível continuar na presença do pássaro.

Dirigi-me então a ver Wolf na enfermaria, ansiosa por lhe contar sobre o pássaro e os seus hábitos. Wolf limitou-se a sorrir e disse: «Também eu fui classificado entre os idiotas. Quem sabe, talvez o Serezha tenha razão? Veja quantos anos vivi entre os russos e ainda não dominei a língua deles. O Serezha é mais capaz. E, apesar do seu comportamento indecente, as pessoas toleram-no e até o amam. Devia ser invejado!»

Wolf estava longe de ser um idiota, e não perdeu as pernas. Mas esta hospitalização foi apenas o início dos problemas médicos que acabariam por pôr fim à sua vida.

17

Aplicações Práticas do Sexto Sentido

Tal como um músico que enferruja se não tocar o seu instrumento durante muito tempo, também um estudante de medicina não pode permitir-se uma longa pausa no seu trabalho. A situação é ainda mais complicada na medicina. O equipamento técnico de que dependemos está constantemente a evoluir, novos procedimentos são desenvolvidos perpetuamente e novos medicamentos chegam ao mercado. É quase impossível acompanhar tudo. A minha doença grave afastou-me do trabalho durante sete anos inteiros! Não podia trabalhar com doentes numa clínica, e já não estava à altura da enorme quantidade de trabalho exigida a um fotojornalista itinerante. Os meus filhos também ocupavam muito do meu tempo. Regressei à medicina, afinal, mas o meu trabalho era puramente administrativo.

Comecei a trabalhar no Instituto Bakulev de Cirurgia Cardíaca e Vascular da Academia de Ciências. De vez em quando, o «espírito» de Wolf Messing pairava dentro das paredes do instituto, pois estava invisivelmente envolvido no diagnóstico correto e no desfecho de vários casos tratados lá.

Quando cheguei ao trabalho um dia, soube que um doente gravemente enfermo fora admitido durante a noite. Era, além disso, um doente importante, e um grupo de luminares médicos reuniu-se em conferência nessa manhã. Uma cavalgada de limusinas pretas que acompanhara a

ambulância do doente alinhava-se à frente do hospital. O nosso paciente revelou-se o tenente-general Zhukovsky, comandante da força aérea do distrito militar da Bielorrússia. Era um velho amigo de Messing e sofrera um grave ataque cardíaco que causara uma abertura no septo. Ninguém duvidava do desfecho fatal do coronário. Nunca antes fora realizada uma operação para esta condição, nem no nosso instituto nem em qualquer outra clínica do mundo.

Apenas o diretor do instituto, o professor Vladimir Burakovsky, tinha o direito de realizar uma operação num doente tão gravemente enfermo, mas estava apreensivo por tal operação apenas acelerar a morte do doente. No entanto, não tomar medidas para ajudar Zhukovsky seria igualmente mau. Era uma situação obviamente delicada. Apenas após uma ordem vinda de uma fonte das mais improváveis é que o diretor tomou a sua decisão final.

Durante aqueles minutos ansiosos, a minha secretária disse-me que Messing telefonara, querendo que eu lhe ligasse de volta imediatamente.

«Taibele, diga ao teu chefe para começar a operação imediatamente», disse ele. «Zhukovsky é meu amigo e aconselho-vos a não perder um segundo!»

Contei-lhe da indecisão de Burakovsky, mas Messing interrompeu-me: «Tudo correrá bem; ele recuperar-se-á. E o teu chefe será recomendado para uma condecoração. Diga-lhe isso.»

Não vendo outra forma de resolver a situação, Burakovsky concordou finalmente em realizar a operação, esperando por um milagre para salvar a vida do doente. A longa operação foi concluída e os primeiros dias críticos passaram sem incidentes. Zhukovsky foi transferido para a clínica Burdenko para observação adicional. Foi uma recuperação espantosa para um homem para quem, pouco tempo antes, se poderiam ter encomendado coroas de flores fúnebres. Se Messing não tivesse ligado no momento certo, o atraso na cirurgia teria sido trágico. O professor Burakovsky foi agraciado com o título de Membro Correspondente da Academia de Ciências Médicas e condecorado pela operação bem-sucedida — a primeira do género alguma vez realizada na URSS.

Tenho a certeza de que Wolf Messing nunca analisou as suas premonições ou outras impressões psíquicas; vinham-lhe como informação completa. Quando mais tarde lhe perguntei se sentia que estava a correr um

risco ao instar o professor Burakovsky a operar Zhukovsky, Messing foi tipicamente despreocupado.

«Nem pensei nisso», explicou. «A cadeia de associações — operação… Zhukovsky… vida — surgiu simplesmente na minha consciência. E é tudo.»

Isso não me explicava grande coisa. A compreensão do poder de Messing permanecia fora do meu alcance.

Como éramos amigos próximos, não me sentia constrangida ao perguntar a Wolf Grigoryevich se havia situações malsucedidas em que falhara em evitar um destino trágico. Wolf compreendeu, claro, que não me referia aos erros inevitáveis que cometia durante as suas atuações no palco, mas a falhas mais pessoais. Messing sacudiu a cabeça nervosamente. Pegou num cigarro, embora um recém-aceso estivesse no cinzeiro. Após inalar profundamente várias vezes, respondeu.

«As pessoas influenciam-se realmente umas às outras», começou ele. «O que estás a fazer, a ler os meus pensamentos? Há muito que queria contar-te um incidente em particular, mas nunca encontrei pretexto…»

«E agora trouxeste-o à baila tu próprio. Não, nunca cometi erros graves», respondeu. «Incluo todas as tarefas individuais que me foram dadas ou aquelas em que tomei a iniciativa, especialmente casos de vida ou morte. Tenho a certeza de que te lembras do caso com Mstislav Keldysh, presidente da Academia de Ciências.

Foi trazido para o vosso instituto embora soubessem que nenhum dos vossos médicos célebres realizaria uma operação nele. Fora tomada uma decisão a alto nível governamental para convidar uma brigada de médicos americanos, liderada pelo famoso Michael DeBakey, para consultar o caso. Já sabes o resultado.* Quanto à corrida da vida até à meta, serei o primeiro a cruzar a fita… e algumas instruções acerca do meu funeral serão emitidas por Keldysh. Verás por ti própria.»

Ouvi horrorizada este diálogo enigmático, e pela primeira vez quis que Wolf Grigoryevich parasse a conversa. Ele continuou calmamente.

«Deixemos de lado estas recriminações fúnebres e voltemos ao assunto. Nunca me perdoarei pela minha indecisão em relação a uma tragédia de que estás bem familiarizada. A premonição trágica veio-me espontaneamente, embora não houvesse uma imagem clara de catástrofe.

«Acordei ao raiar do dia naquela manhã de abril de 1967 e decidi dar um passeio pelas ruas de Moscovo ainda adormecidas. Os jornais já estavam à venda nas bancas, e comprei várias edições matinais diferentes. As manchetes da primeira página diziam respeito ao lançamento bem-sucedido da nave espacial 'Soyuz 1', e havia fotografias do cosmonauta, Vladimir Komarov. O Komarov, de quarenta anos, era bastante baixo, com lábios finos e estreitos e sobrancelhas espessas. As páginas interiores incluíam artigos sobre o voo, biografias de Komarov e fotografias tiradas dele na Praça Vermelha e no Kremlin pouco antes do lançamento.

Olhei para estas fotografias, tentando ler psiquicamente os seus traços faciais. Com a velocidade de um relâmpago, a impressão 'ele não regressará' atravessou a minha mente. Senti um arrepio percorrer-me a espinha, e, por um instante, a impressão pareceu ridícula. Mas o pensamento persistente não me deixava em paz. Não via nenhuma visão concreta de catástrofe, e assumi que a frase persistente era simplesmente um resquício de alguma outra impressão.

«Tentei expulsar todos os pensamentos sobre o lançamento. Mas enquanto tomava o pequeno-almoço, a frase inflamou-se três vezes, como um sinal dentro da minha cabeça: ele não regressará… ele não regressará… ele não regressará.

«Não conseguia relaxar pois não compreendia claramente o significado do sinal. Deixando de lado o chá meio terminado, deitei-me no sofá para me concentrar. Mas, mesmo então, não surgiram imagens específicas.

«Em seguida, comecei a meditar numa tentativa de colocar tudo relativo à impressão no seu lugar apropriado. Esse foi o meu primeiro e maior erro! Pois, em tais casos, tentar raciocinar sobre uma impressão é mais um obstáculo do que qualquer outra coisa. Deveria simplesmente ter aceite o sinal incondicionalmente e tentado tomar algumas medidas para alterar o destino… embora mesmo hoje esteja longe de ter a certeza de que a catástrofe poderia ter sido evitada. De qualquer forma, as decisões relativas aos nossos programas espaciais pertencem aos nossos líderes políticos. Dificilmente teriam escutado as minhas prognosticações místicas.

«O meu raciocínio seguiu estas linhas: Porque não regressará ele? A nave espacial, lançada numa órbita circular em torno da terra, não voaria para o espaço insondável. Mesmo se o foguete ardesse na reentrada, a cápsula contendo o corpo do cosmonauta regressaria certamente à terra. Por

isso, ele regressaria. Certamente não acreditava que fosse intercetado por naves espaciais alienígenas!

«Esta linha de pensamento era tão confusa que me tornei indeciso.

«A clarividência é ilógica; tentar ordenar logicamente as impressões que dela surgem é insensato.

«Não tive de esperar muito por uma solução para o mistério. Em poucos dias, foi oficialmente anunciado que Vladimir Komarov morrera a 24 de abril de 1967, enquanto regressava da órbita. Apesar do meu conhecimento prévio do evento, fiquei entristecido com a notícia.»

Com certeza, a «lógica» desempenhava um pequeno papel na clarividência e nos poderes precognitivos de Messing. Os seus procedimentos eram a antítese da metodologia que Sherlock Holmes usaria. A dedução e a análise não desempenhavam qualquer papel quando ele resolvia crimes ou ajudava a polícia de outra forma.

Em 1928 ou 1929, enquanto atuava em Paris, Wolf foi convidado para uma pequena cidade provincial para resolver a morte por envenenamento de uma viúva rica. O prefeito não podia oferecer a Messing quaisquer pistas; ainda não haviam sido descobertas pistas. Acompanhado por dois detetives, Messing foi à vila da vítima. O filho dela, um jovem de dezoito ou vinte anos, de pequena estatura, mas muito bonito, serviu de guia. Passando de um quarto para o outro, lançando-lhes apenas um olhar superficial, Messing parou de repente diante de uma velha pintura num quarto adjacente ao quarto de dormir. Era um retrato da mulher assassinada — uma senhora aristocrática num vestido de noiva. Após ponderar a pintura durante algum tempo, virou-se para o jovem.

«Queira entregar a chave que está pendurada atrás do retrato à polícia», disse ele. «Abriu o cofre com ela depois de envenenar a sua mãe.»

Em menos de uma hora, o jovem deu o seu testemunho ao prefeito.

Um ano mais tarde, de volta à Polónia, uma família enlutada pediu a Messing que localizasse um jovem de Torun que estava desaparecido. Messing estava familiarizado com as circunstâncias e ofereceu-se imediatamente para ir a Torun.

Passou dois dias na casa da família angustiada. No terceiro dia, enquanto estava num transe quase cataléptico, disse aos pais: «O vosso Yuzef está morto. O corpo está no rio mesmo atrás da ponte, e a cabeça

está numa casa de banho pública.» Depois nomeou a rua. No entanto, não conseguia obter uma «imagem» clara do assassino.

Até onde sei, Wolf nunca usou os seus poderes para fins puramente políticos, embora os seus detratores espalhassem constantemente tais rumores. Mas falava frequentemente de um caso de que se orgulhava, envolvendo espionagem alemã durante a Segunda Guerra Mundial.

Um homem de aparência suspeita foi preso em 1944 perto de Novgorod. Alto, loiro, de ombros largos e usando óculos de armação de chifre, parecia estereotipicamente alemão e admitiu imediatamente que era de facto alemão. Os oficiais de segurança tinham a certeza de que era um membro importante do serviço de inteligência da Alemanha, mas não tinham provas.

Percebendo que estava condenado, o alemão insistia teimosamente na sua inocência. As forças de segurança torturaram-no e até arranjaram uma execução simulada para o assustar e levá-lo a confessar, mas nada funcionou. Era um daqueles raros indivíduos que conseguem suportar grande dor sem ceder.

As forças de segurança não queriam fuzilá-lo; estavam convencidas da sua ligação a toda uma rede de espionagem.

A versão do prisioneiro alemão para a sua presença na União Soviética era a seguinte: Encontrara-se num campo de batalha russo após sofrer uma contusão grave e chegara à aldeia mais próxima, que se revelou totalmente abandonada. Passara três meses escondido num celeiro, queimara o seu uniforme e vestira roupa de camponês que descobrira numa arrecadação. Sobrevivera com comida que fora deixada nas adegas da aldeia e, por vezes, caçava caça selvagem com a pistola que guardava para esse fim. Não sabia uma única palavra de russo.

Esta última afirmação despertou as suspeitas dos oficiais. Suspeitavam que ele realmente conhecia a língua e a falava fluentemente, mas não se traíra durante as quatro semanas de confinamento.

Nesse ponto da investigação, recorreram a Messing. Queriam saber se o prisioneiro compreendia as conversas realizadas na sua presença em russo. Pediram a Wolf que assistisse a um ou dois interrogatórios disfarçado de alto funcionário (embora se vestisse com roupa civil). Não tomou, no entanto, qualquer parte na própria conversa.

Em meia hora da primeira sessão, durante a qual lhe fizeram perguntas simples como o nome e a data e local de nascimento, Messing determinou telepaticamente que o prisioneiro traduzia mentalmente tudo do russo para o alemão quando lhe falavam pelo intérprete. Messing sabia que o prisioneiro era um espião experiente. Mas como poderia provar a sua impressão? Em vinte e cinco minutos, Wolf concebeu um plano brilhante, que executou nesse mesmo dia e do qual mais tarde se recordava com muito orgulho. O seu plano era tão coerente que o espião caiu rapidamente na armadilha.

Um interrogatório cruzado em russo foi iniciado pelo investigador-chefe na presença de uma secretária. Ao contrário do investigador-chefe, Messing — condizente com o papel que desempenhava como oficial soviético — permaneceu completamente silencioso. Era autocontrolado e calmo, o que é raro para alguém que executa ordens de alto nível. O suspeito olhava inquisitoriamente para Messing o tempo todo, como se implorasse por simpatia.

Quando o interrogatório rotineiro terminou, Messing bateu com o dedo na pasta que trazia consigo e disse em alemão perfeito: «Sim, agora estou totalmente convencido de que não é culpado de nada.»

Depois levantou-se da cadeira, dizendo na mesma respiração, mas em russo: «É tudo. Está livre de ir.»

O prisioneiro levantou-se instantaneamente, apenas para perceber o erro fatal que cometera. Tentou sentar-se de novo, mas já era tarde demais.

Quando Wolf me contou esta história pela primeira vez, perguntei: «Então, praticamente não há casos criminais — mesmo os mais complicados — que devam necessariamente permanecer por resolver? Não seria suficiente cada governo reter um ou dois telepatas para ajudar na segurança e investigações criminais? Assim não haveria sentenças injustas nem casos por resolver.»

«Não, não é assim!», disse Wolf resolutamente. «Capacidades como as minhas não podem servir de panaceia para o crime. Todo o julgamento justo e democrático deve ser guiado por factos.

«Aquele incidente com o oficial de inteligência fascista foi especial e não pode servir de exemplo para as agências de aplicação da lei em geral. Concordei em participar na investigação apenas porque as circunstâncias exigiam medidas especiais.

«É discutível se um parapsicólogo ou telepatista deve ajudar em investigações ou julgamentos criminais. O problema é semelhante a saber se realizar transplantes de órgãos se o dador estiver apenas próximo da morte. A questão fora amplamente discutida em círculos médicos anos antes de o doutor Christian Barnard realizar o primeiro transplante de coração na África do Sul. A questão não era sobre o lado prático da matéria, mas os problemas morais e éticos complicados envolvidos. Como garantir que o dador, talvez sofrendo os efeitos posteriores de um acidente, está num estado verdadeiramente sem esperança? Onde paramos de ajudar uma pessoa para salvar a vida de outra?

«Ninguém pode julgar com razão a menos que o dador esteja verdadeiramente morto.

«Nenhum telepatista que trabalhe num caso criminal pode substituir uma investigação e julgamento adequados. Pode ser empregado de forma limitada para encontrar provas, mas pouco mais. Esse foi o papel que desempenhei em alguns julgamentos sensacionais europeus.

«Uma opinião infelizmente partilhada por muitos juristas é que todo o criminoso deixa para trás alguma pista, por mais minúscula que seja, da sua presença. Na minha opinião, este ponto de vista está errado.

«Uma grande quantidade de crimes, especialmente aqueles cometidos por criminosos profissionais, são executados sem deixar rasto. Se alguma pista for deixada, o tempo e os elementos apagam-na. Tais crimes são extremamente difíceis de resolver, e é quase impossível determinar a culpa de quaisquer suspeitos detidos. Um trabalho investigativo persistente e meticuloso deve ser empreendido em tais casos; as impressões de um clarividente podem apenas ser usadas como guias para o investigador. Em caso algum podem servir para construir uma acusação. Deixe-me dar um exemplo.

«Em 1951, a antiga cidade de Kazan no Volga estava cheia de rumores acerca do misterioso assassínio de uma rapariga de dezanove anos. Era um caso clássico de crime sem pista. Fora atirada de uma ponte no meio da noite. A rapariga, de constituição franzina, não seria difícil de levantar. Talvez alguém, num momento de falsa ternura, a atirasse habilmente por cima do corrimão da ponte.

«O seu antigo namorado, tão magro e pálido como a rapariga afogada, foi preso muitos meses depois, embora não houvesse motivos para suspeita. Muitas testemunhas testemunharam no seu julgamento que não via a vítima

há dois anos. Mas quando namoravam, eram vistos juntos na ponte com bastante frequência, e as acusações contra o jovem baseavam-se todas neste facto. O rapaz estava destroçado, possivelmente enlutado pela morte do seu antigo amor e pelo stress do julgamento. Não disse nada inteligível em sua defesa, limitando-se a repetir vezes sem conta a mesma frase: 'Não fui eu.'»

Felizmente, Wolf Messing estava em Kazan durante o julgamento, que durara mais de uma semana — um período longo para um julgamento numa pequena cidade. Wolf soube do julgamento controverso através de uma empregada de hotel, habituée de audiências públicas picantes. Decidiu assistir ao julgamento quando teve algum tempo livre.

Até ao intervalo da manhã, Wolf sabia que o arguido era inocente. Ao mesmo tempo, Messing agarrou-se às ruminações nervosas de outra pessoa — talvez as últimas recordações do perpetrador antes de atirar a vítima ao rio. No início do julgamento, Wolf sentou-se tranquilamente. Mas mais tarde, começou a sentir ataques de nervosismo, porque sentia os próprios impulsos do assassino a brotarem dentro dele.

Wolf regressou ao hotel a pé e, enquanto caminhava, concentrou-se nas suas impressões. Sabia que muitos assassinos são atraídos vezes sem conta, como por um íman, ao local dos seus crimes; muitos casos assim estão registados nos anais da justiça criminal. Mas Wolf acreditava que, no caso presente, a ponte realmente não era importante, mas o rio abaixo. De qualquer forma, o movimento da água privava a cena de «concretude», e ele não pensava que o criminoso regressasse a ela. Acreditava também que a sua impressão inicial no tribunal viera diretamente do assassino.

A tarefa agora era Wolf visualizar o assassino durante a sessão do dia seguinte. Sentia intuitivamente que o homem apareceria em todas as sessões.

Wolf foi dos primeiros a entrar na sala de audiências antes dos procedimentos do dia seguinte, para poder examinar todos à medida que entravam. Dois rapazes jovens, aparentemente amigos do arguido, correram para dentro da sala primeiro. Um deles vestia roupa desportiva e o outro um fato cinzento bem usado. Atrás deles seguia uma mulher de meia-idade calma e um homem um pouco mais velho. Eram os pais do arguido. Gradualmente, o salão encheu-se até ao limite com espetadores.

Infelizmente, Wolf não conseguiu identificar o assassino. Mas quando o julgamento começou, impressões semelhantes às que recebera no dia anterior irromperam na sua mente. Agora, só tinha de «focar» na fonte.

Messing sentou-se na sala de audiências durante cerca de dez minutos com os olhos fechados, como se perdido num transe. Depois olhou para a esquerda, para o último lugar na quinta fila do corredor a partir do banco do arguido. Sentado ali estava um homem de cerca de vinte e cinco anos que segurava uma cópia enrolada da revista Ogonyok.

Esta era a pessoa que enviava os impulsos nervosos, percebeu Wolf. O psíquico enviou então ao homem uma instrução telepática: «Levante-se, diga-lhes que é o assassino!»

O jovem começou a mexer-se ainda mais visivelmente no seu lugar. Tirou um maço de cigarros, voltou a guardá-lo e, com interesse fingido, examinou as imagens no jornal. Depois enrolou novamente o jornal. O medo parecia apoderar-se dele de tal forma que não conseguia fazer mais nada.

Messing ficou satisfeito quanto à fonte das suas impressões. O extremo nervosismo da pessoa ajudaria o psíquico a destruí-lo. Mas como?

Wolf decidiu que era necessário algum tipo de choque gráfico.

Quando foi anunciado o primeiro intervalo, o jovem endireitou o jornal e colocou-o no seu lugar para sinalizar que estava ocupado.

Durante o intervalo, Wolf bateu à porta do gabinete do tribunal e, fazendo-se passar pelo novo administrador do edifício, pediu à secretária um pedaço de papel branco e um lápis vermelho. Explicou que queria colocar um aviso na sala de fumadores, porque algumas pessoas a confundiam com a saída. Escreveu em letras grandes: PROIBIDA A SAÍDA…

Ao contrário da maioria dos avisos desse tipo, este tinha aqueles três pontos sugestivos, cuidadosamente adicionados por Messing.

Quando a sessão recomeçou, Wolf ignorou o testemunho dos participantes e bombardeou o jovem com o comando mental: Levante-se! Diga-lhes que é o assassino!

Durante o segundo intervalo, Wolf esperou até estar sozinho na sala de audiências. Depois, deslizou o aviso debaixo do jornal que o jovem deixara no seu lugar.

Messing saiu para fumar o seu cigarro, mas não regressou à sala de audiências. Não queria ver a inevitável confissão dolorosa. Quando a sessão recomeçou, esperou junto a uma porta entreaberta. Não teve de esperar muito. Em breve, toda a sala tremeu com o grito lancinante: «Fui eu! Fui eu que a matei!»

Messing não se interessou pelo resto. Satisfeito com a sua boa ação, caminhou para casa.

Notas de rodapé

**Em 1972, Keldysh precisava de algum tipo de cirurgia vascular, e a União Soviética convidou o doutor Michael DeBakey para a realizar, um movimento sem precedentes. A natureza precisa da cirurgia não foi revelada na altura, mas foi bem-sucedida — nota do editor.*

18

A Crise Continua

As pessoas temem a chegada do outono com as suas chuvas persistentes, nevoeiro húmido e crepúsculo precoce. A primavera, por outro lado, traz alegria e esperança.

Mas, durante vários anos, eu passara a antecipar as flores de abril com ansiedade cada vez maior. Todos os anos, com o regresso do verde e do calor, Wolf entrava no hospital. No início da primavera de 1972, era mais uma vez tempo para o seu exame e tratamento anual na clínica de Vishnevsky. Um edifício alto, completamente moderno e confortável fora adicionado ao antigo. Wolf tinha um quarto privado.

Na minha primeira visita, gracejou que se sentia a descansar num sanatório, não num hospital. Mas eu sabia o preço que pagava por esta pose exteriormente alegre. As dores crónicas nas pernas estavam a piorar, forçando-o a curvar-se. Os seus braços ossudos e pendentes e a cabeça desgrenhada adicionavam à sua aparência vulnerável. Não mostrava sinais de fraqueza mental e mantinha o comportamento de uma criança, tirando alegria entusiástica de tudo ao seu redor. Parecia-me o mesmo Wolf Messing que conhecera vinte anos antes.

Não consegui passar muito tempo com ele durante a minha primeira visita; tinha pressa de chegar ao instituto. Precisava de ir buscar plasma a uma estação de transfusão de sangue. Regressei dois dias depois, e Wolf

estava no pátio vestindo um robe ao estilo oriental em vez de uma bata de hospital. Era um privilégio concedido a doentes mais distintos. Estava indescritivelmente feliz por me ver.

Era maio, e o sol estava quente no pátio. Sentámo-nos num banco junto a um velho ácer para conversar. Entreguei a Wolf algumas guloseimas não encontradas no menu do hospital: uma variedade precoce de legumes e bagas do Cáucaso, um saco de morangos grandes e alguns tomates frescos.

Messing terminou os morangos no local, guardando os tomates para o jantar.

Sugeriu uma excursão pelos cantos recônditos do pátio e pelo jardim frontal.

«Aqui perco-me em pensamentos sobre a transitoriedade das nossas vidas», disse Wolf enquanto me levava a um memorial erigido em honra de Alexander Vasilievich Vishnevsky, o pai de Alexander Alexandrovich. «Nunca se sabe o que nos virá à cabeça quando se está ao lado deste velho sábio… com um bisturi na mente», acrescentou Wolf. O memorial retratava Alexander Vishnevsky em traje hospitalar completo, mas era feito em granito cinzento escuro. Parecia mesmo um sábio, a sua pose reminiscentemente de «O Pensador» de Rodin.

Em seguida, dirigimo-nos ao antigo edifício do hospital, e eu podia facilmente adivinhar para onde Messing me arrastava.

Junto a uma janela aberta, o pássaro de estimação do doutor Vishnevsky, Serezha, perchava regalmente numa barra na sua gaiola. Messing gostava de ter longas conversas com ele, mas Serezha estava agora numa gaiola longe do pessoal e residentes da clínica. O pássaro estava a ser punido por abusar dos seus talentos linguísticos com profanidades enquanto uma delegação estrangeira de alto nível de estudantes de medicina fazia uma visita surpresa. Dois dos delegados comandavam um conhecimento razoável de russo e ficaram devidamente chocados.

Wolf Grigoryevich tentou uma conversa coração a coração, mas Serezha não estava com disposição para retribuir. Ser removido da sua própria gaiola acolhedora era claramente um insulto, e encheu Messing de saliva como despedida.

«Isso é novo no seu repertório», resmungou Messing, limpando o robe.

O doutor Vishnevsky em breve levantou a punição do pássaro, e o mainá foi devolvido à sua antiga gaiola no gabinete do seu dono.

Messing ofereceu ao médico três mil rublos pelo pássaro animado, mas Vishnevsky, muito apegado ao pássaro, recusou entregá-lo.

Messing estava sobrecarregado com problemas mundanos. Partilhava um apartamento de um quarto com uma governanta, contratada em 1972 quando Iraida Mikhailovna morreu. Não era do carácter de Messing pedir ao governo quartos mais toleráveis, mas, felizmente, uma mulher do Ministério da Cultura, bem-disposta para com Wolf, veio em seu auxílio. Arranjou para que ele usasse o seu próprio dinheiro para alugar um apartamento de dois quartos na rua Herzen num edifício construído para trabalhadores do ministério. O seu apartamento ficava no décimo terceiro andar.

«E o que achas da 'dúzia do diabo'?', perguntei a Wolf.

«Os diabos são o meu passatempo! Entendo-me ótimamente com eles», gracejou ele.

Havia cada vez menos momentos leves na vida de Messing. A primavera seguinte viu outro regresso ao hospital, onde agora passava grande parte do seu tempo. Os seus passeios tinham encurtado, por isso Wolf trouxera mais livros do que o habitual — livros que estivera demasiado ocupado para ler antes.

«Se ao menos as pessoas que mos deram soubessem que nunca os abri», disse Wolf enquanto erguia dois grandes volumes, ambos autografados pelos seus autores. O Diário de um Cirurgião do doutor A. A. Vishnevsky continha a seguinte inscrição: «A Wolf Grigoryevich Messing em memória afetuosa do autor — A. Vishnevsky. 27 de março de 1969.»

Como é bem conhecido na União Soviética, o doutor Vishnevsky contribuiu enormemente para a luta contra as epidemias que grassavam nas linhas da frente durante a Segunda Guerra Mundial. Realizou também cirurgias de emergência nos campos de batalha. O seu livro foi, portanto, publicado com uma introdução do excecional comandante militar, marechal G. Zhukov.

O segundo livro, Pensamentos e o Coração, foi escrito por Nikolai Amosov, um cirurgião e ensaísta bem conhecido. O seu livro estava

inscrito com palavras mais comoventes: «A Wolf Grigoryevich Messing como sinal de espanto e admiração por um milagre — Amosov, 25 de dezembro de 1965.»

Iraida lera a Messing excertos destes livros, mas ele nunca encontrara tempo para os pegar ele próprio. Decidiu agora preencher as lacunas. Eram exatamente o que precisava: bons, sábios livros sobre a força do espírito humano e a transitoriedade do corpo.

«Vês», disse ele enquanto apontava para os livros, «não me posso queixar da ausência de amigos. Visitam-me tanto em casa como aqui. Mas morrerei totalmente sozinho…»

No final do verão de 1974, no entanto, a crise parecia ter passado. Wolf estava claramente a caminho da recuperação, mas teve alta com instruções estritas para repouso completo em casa.

Exausta pela situação, parti para Gagry à beira-mar no início de outubro para férias. Bronzeada e sentindo-me mais forte, regressei a Moscovo no final de trinta de outubro. No dia seguinte, acordei com o toque frenético do telefone. «Senhor, mais um dia de trabalho!», pensei para mim própria. Mas não era o trabalho a ligar; era um médico do instituto que disse: «A tua amiga Wolf Grigoryevich está aqui. Está muito mal e terá de ser submetido a uma operação grave para substituir parte das artérias ilíacas e da aorta abdominal.»

Sabia o que significava a obstrução do sangue para os membros inferiores, especialmente para alguém na casa dos setenta como Wolf Messing. Não entrei em pânico, no entanto; ele estava no nosso instituto onde todos sabiam da minha amizade com ele, e isso garantia-lhe cuidados sensíveis e atentos. Como Wolf já estava em cirurgia, não achei necessário ir imediatamente ao instituto. Mantive contacto constante com o médico de serviço na secção de recuperação caso surgissem complicações.

Descobri que Wolf atuara nas Montanhas Transcarpáticas durante a minha visita a Gagry. Cada atuação nos últimos dois anos fora um esforço enorme para ele. Wolf encurtara a sua última aparição no palco devido a uma dor terrível que o dobrava ao meio, e ele e o seu gerente apanharam o primeiro voo de regresso a Moscovo. Valentina Iosifovna contou-me que, enquanto ajudava Wolf para a ambulância, o psíquico parara e olhara tristemente para a sua casa. «Nunca mais a verei», disse ele.

O professor Burakovsky, diretor do instituto, aconselhara Wolf a ir imediatamente para o hospital.

Ao contrário das muitas outras vezes em que fora hospitalizado, parecia nervoso e desprovido do seu estoicismo habitual. Seria o seu comentário algum tipo de premonição grave? Estaria triste por ninguém alguma vez ter pedido ao governo soviético que cumprisse o seu pedido de longa data — que o famoso Michael DeBakey fosse trazido para a URSS para o operar? Em 1972, o doutor DeBakey realizara com sucesso a mesma operação que Wolf requeria em M. Keldysh, o presidente da Academia de Ciências da União Soviética.

Wolf até se oferecera para pagar todas as despesas do doutor DeBakey ele próprio, independentemente do custo. Apesar deste revés, foi afortunado para Wolf que o meu amigo Anatoly Vladimirovich Pokrovsky fosse realizar a operação.

No dia seguinte à operação, corri para a secção de reanimação para saber como Wolf estava, mas estava a sofrer de uma constipação e não me deixaram entrar. Vesti uma bata branca, prendi uma máscara sobre o rosto e observei os procedimentos tristes através da janela de vidro. Messing respirava com a ajuda de um respirador, mas, espantosamente, sinalizava com as mãos que queria fumar! Mesmo numa condição tão crítica, Wolf não conseguia pensar em nada além dos seus cigarros. O médico de serviço reconheceu-me e acenou com a cabeça, erguendo o polegar para sinalizar que tudo estava bem.

As pernas de Wolf tinham uma cor normal, um bom sinal porque, em tais casos, a pele muitas vezes fica azul e depois gangrenosa. O perigo passara mais uma vez. Quanto a mim, ele só fumararia aquele tabaco venenoso por cima do meu cadáver!

Era importante que Wolf recuperasse sem complicações. O relaxamento da vigilância após uma cirurgia bem-sucedida muitas vezes estraga tudo. Mas que direito tinha eu de dar conselhos? O doutor Pokrovsky assumira responsabilidade pessoal e as cartas estavam nas suas mãos. Troquei algumas palavras com o gerente de Wolf, que viera ao instituto quando a crise começara; concordámos em partilhar quaisquer notícias que ouvíssemos.

Expressando pensamentos esperançosos, partimos para casa.

Não me sentia muito bem nessa noite, e acordei na manhã seguinte com uma tosse que piorava progressivamente. Após engolir algumas colheradas de leite morno com mel, corri para o telefone para saber como

Wolf estava. O médico de serviço relatou que Messing sofrera colapso pulmonar, mas os médicos esperavam salvá-lo.

À tarde, a situação agravada tornou-se crítica. Os rins de Messing tinham parado de funcionar, ameaçando envenenar todo o seu sistema.

O meu único consolo era que o pulso dele era regular e o sono razoavelmente tranquilo.

Rumores da grave doença de Wolf espalharam-se em breve por toda Moscovo, e o seu estado causava alarme crescente aos seus amigos. Aqueles que nos conheciam a ambos não estavam com cerimónias, e eu era chamada ao telefone várias vezes por dia e a todas as horas. Passei todo aquele período entre 31 de outubro e 8 de novembro junto a um telefone. Sentia-me como uma operadora internacional, mas nunca tinha mudança de turno! Durante os raros momentos em que o telefone estava silencioso, ligava para o instituto sempre com a mesma pergunta: Como está Wolf Messing?

Oito dias de tensão e ansiedade passaram. Na noite de 8 de novembro, multidões celebravam o último dia das festas de outubro; eu, no entanto, estava perturbada e deprimida. Às dez horas, liguei novamente ao médico de serviço, mas não havia consolo. Messing ainda estava crítico; os rins ainda não funcionavam.

A enorme tensão daqueles dias exacerbara a minha própria doença; agora tinha pneumonia. Caí num sono profundo e acordei às seis e meia da manhã seguinte sem recordação de me ter deitado. Olhei com alarme para o telefone tão silencioso na mesa. Às oito e meia, finalmente tocou.

Era Alexander Davydovich, chefe da secção onde Messing estava hospitalizado, com más notícias: Wolf morrera às onze horas da noite anterior. Sabendo que eu estava doente, decidira reter a informação até à manhã.

Cabia-me a mim relatar as notícias trágicas aos outros amigos de Wolf. Liguei imediatamente a Valentina Ivanovskaya e acabara de desligar o auscultador quando a minha mente foi trespassada como um relâmpago pelo pensamento: o cérebro dele! O cérebro de Wolf Messing! Deve ser preservado.

Ouvira há muito tempo como o cérebro de Wolf Messing fora avaliado em um milhão de dólares. Que blasfémia, pensei. Quem compraria tal propriedade, e quem seria o vendedor? Se o seu cérebro pudesse

contribuir com algo para a ciência, então pertencia a todos. Ninguém poderia reivindicar propriedade exclusiva com razão. O coração de Chopin está enterrado na Polónia, mas a sua música pertence a todos.

O tempo voava. A qualquer momento, um cirurgião poderia realizar uma trepanação do crânio de Wolf, um procedimento tão horrendo que faz os cabelos dos estudantes de medicina novatos eriçarem-se. (Cada secção do cérebro é colocada no estômago do falecido após exame.) Liguei imediatamente para o número de casa do professor Pokrovsky e expressei as minhas apreensões. Ele respondeu que estava de licença do trabalho, e o exame post-mortem fora confiado ao professor Leonid Krymsky. Assegurou-me que Krymsky era de confiança.

Tentei ligar para o professor Krymsky, mas o seu número fora recentemente alterado. Alguma mulher atendeu a minha chamada e questionou-me exaustivamente antes de finalmente explicar como poderia contactá-lo. Quem era eu? Porque ligava? Quando finalmente cheguei a casa dele, soube que já saíra para a clínica para realizar o post-mortem.

Era tarde demais! Os meus nervos estavam no limite. Se ao menos pudesse chegar ao instituto a tempo!

O meu filho, Sasha, era o único médico de serviço no hospital de dermatologia-venérea naquele dia, por isso havia pouca hipótese de o tirar dali mesmo por trinta minutos. Mas chamar um táxi num domingo era perda de tempo. Decidi convencer Sasha a violar os seus deveres para me levar ao hospital, mesmo enquanto o post-mortem estava a ser realizado, mas ele recusou devido ao meu próprio estado de saúde.

Disse-lhe severamente: «Alexander, isto não é uma conversa entre mãe e filho. Sabes o nosso lema: sem brincadeiras em assuntos sérios!» (Queria realmente dizer: «Não é apenas a amiga de Wolf que fala; esta é uma amiga de Messing!») «Isto é mais importante do que a minha saúde», continuei. «Entra no carro e segue-me!»

Em quinze minutos, voava para o gabinete do professor Krymsky. Comecei imediatamente a explicar.

«Compreendemos a situação», respondeu o professor, apontando com um gesto amigável para uma poltrona próxima. «Mesmo que uma investigação exaustiva se revele pouco impressionante para a ciência, devemos em qualquer caso preservar o seu cérebro, nem que seja como um gesto simbólico. Tenho amigos no Instituto de Investigação do Cérebro, e prometo que tratarão deste assunto.»

Suspirei de alívio e quase desabei na cadeira. Os meus nervos pareciam ceder, e, pela primeira vez desde a morte de Wolf, senti um nó na garganta.

O momento doloroso foi interrompido por uma batida na porta. Era o gerente de Wolf, ali a meu pedido. Apresentei-os, mas o professor deixou-nos em breve sozinhos no gabinete enquanto ele e Sasha tratavam do post-mortem.

Valentina chegara, e esperámos impacientemente pelo regresso deles. Sasha voltou sozinho, com pressa de regressar ao seu próprio hospital. Contou-me que a operação de Pokrovsky fora brilhantemente executada. A morte do psíquico fora muito provavelmente devida a erros cometidos durante o período pós-operatório, devido à falta de vigilância por parte do pessoal.

O diretor estivera, infelizmente, de férias quando a operação tivera lugar, e o pessoal restante não tivera o controlo necessário.

Infelizmente, isto é característico dos cuidados médicos na URSS, especialmente quando envolve cirurgia. Os brilhantes sucessos de grandes médicos são muitas vezes reduzidos a zero por cuidados de enfermagem insuficientes, subnutrição e escassez de medicamentos ou instrumentos.

Wolf evidentemente previra a situação, razão pela qual se oferecera para pagar para trazer o doutor DeBakey e a sua equipa de assistentes dos Estados Unidos para a operação. A alta taxa de sucesso das operações do doutor DeBakey era verdadeiramente impressionante. É uma tragédia que o pedido de Messing tenha ficado por cumprir.

Quanto ao seu cérebro? Estava em condição esclerosada, mas não havia deterioração patológica visível. O seu peso era padrão. Numa palavra, o cérebro do psíquico era perfeitamente normal.

Eu tivera um vago pressentimento do que encontraríamos.

O cérebro de Messing só teria interesse para a ciência se revelasse alguma evidência do seu poder como telepatista, mas havia pouca hipótese de isso acontecer. A investigação sobre fenómenos parapsicológicos ainda está na sua infância. Não temos os instrumentos necessários para detetar tal evidência, nem os cientistas são suficientemente sensíveis ou qualificados para saber o que procurar.

Mais tarde, Sasha e eu fomos ao apartamento de Wolf para começar os preparativos pré-fúnebres.

O único aviso anunciando a morte de Wolf Messing apareceu no Evening Moscow a 14 de novembro, seis dias após o seu falecimento. O anúncio fora provavelmente atrasado para não ensombrar as celebrações que comemoravam o aniversário da Revolução Russa. A data da morte foi corretamente indicada, mas o aviso não mencionava o funeral.

A maioria dos leitores provavelmente pensou que já tivera lugar. Poucas pessoas além dos seus amigos próximos sabiam quando ou onde o funeral teria lugar. Pelo menos o Ministério da Cultura deu instruções para que o caixão de Messing fosse colocado na Casa Central dos Trabalhadores nas Artes (TsDRI) para um serviço memorial.

Valentina Ivanovskaya, o meu filho Sasha, alguns amigos de Messing e eu fomos à morgue. O caixão de Messing estava montado numa modesta réplica de uma carreta de canhão do tipo que transporta os restos de comandantes militares ou estadistas proeminentes.

Aleksei, um dos amigos de Wolf, tirou do bolso um pequeno par de tesouras e cortou uma pequena madeixa de cabelo grisalho encaracolado da têmpora de Messing. Colocou-a cuidadosamente num envelope dentro de uma agenda de endereços.

Embora tivesse sido criado numa família russa intelectual, consideravam o psíquico, que fizera muitos bons atos por eles, como um santo.

Mantivemos a nossa vigília triste até que um oficial do Departamento de Cultura do Conselho Municipal de Moscovo chegasse. Decidimos fechar o caixão e assistir ao serviço memorial.

Quando chegámos à Praça de Outubro, o nosso carro foi parado por um inspetor de trânsito que anunciou que a rua Dmitrov seria fechada durante duas horas. Quando perguntámos porquê, o oficial respondeu: «Quer dizer que não sabem? Hoje Wolf Messing será enterrado, e o cortejo passará por esta autoestrada.»

«Estamos muito tocados com a preocupação da polícia», respondi com ironia triste, «mas o corpo de Messing está no nosso carro. Vamos para o TsDRI. Regressaremos por aqui esta tarde.»

Já se formara uma multidão à entrada. A polícia mantinha a ordem; havia um polícia para cada dois enlutados!

Ninguém chorava abertamente, embora algumas das mulheres de meia-idade carregassem lenços encharcados de lágrimas. Teriam

comparecido mais pessoas se as autoridades tivessem anunciado a data do funeral a tempo!

Possivelmente temiam uma peregrinação de estudantes, entre os quais Messing era enormemente popular, ou um cortejo de crentes religiosos que consideravam Messing santo. Este último grupo era considerado participantes indesejáveis, pois nada abalaria a sua convicção de que as capacidades de Messing eram dons do céu. De facto, quando o caixão foi transportado pelo salão, uma mulher de meia-idade disse: «Um homem santo partiu.»

Estava de guarda de honra quando Uri Nikulin, um palhaço famoso e um favorito pessoal de Wolf, entrou no salão. Silenciosamente e de alguma forma muito timidamente, aproximou-se na ponta dos pés do caixão como se cometesse alguma ofensa. Posicionou-se ao meu lado. Lançando-lhe um olhar rápido, notei que ainda havia vestígios de maquilhagem no seu rosto. Estava a filmar um filme e interrompera o trabalho para oferecer os seus últimos respeitos.

Tanto conhecidos como estranhos colocavam ramalhetes ou coroas junto ao caixão, permanecendo por um momento em silêncio.

Finalmente, chegou a hora do enterro. A multidão lá fora aumentara em cem pessoas, mas a polícia proibiu a entrada de任何人 no salão.

Na União Soviética, por lei, cada sepultura deve ser registada e atribuída a um parente próximo, tutor ou amigo autorizado a agir pelo falecido. Esta pessoa tem o direito de escolher o local e a forma de enterro, e de obter uma garantia da administração do cemitério para a manutenção adequada do local da sepultura. Como eu era a única pessoa próxima dele na altura da sua morte, foi-me concedida esta honra. Queria ver Wolf enterrado no cemitério de Vostryakov, ao lado da sua esposa, Aida Mikhailovna.

Às treze e trinta chegámos a este lugar melancólico. Não preciso de descrever o serviço emotivo que se seguiu. Regressámos depois ao TsDRI para uma refeição fúnebre tradicional. As mesas foram movidas para uma única fila, não para poupar espaço, mas de acordo com uma antiga tradição russa que faria as pessoas sentarem-se juntas, como membros de uma grande família. E, de facto, éramos uma família, todos os trinta.

Um sujeito sombrio do Ministério das Artes iniciou os elogios fúnebres seguindo aquela velha fórmula: falar apenas coisas boas dos mortos ou nada. Passou a maior parte do tempo a enumerar os serviços de

Messing à sociedade, incluindo a doação dos aviões de combate e o seu patrocínio de um orfanato. Mas, por algum motivo, esqueceu-se de mencionar como Wolf atraíra uma audiência de um milhão de pessoas, trazendo ao governo lucros incalculáveis. Nem propôs que fossem reservados fundos para investigação parapsicológica. Mesmo na morte, o trabalho da vida de Wolf foi relegado para as conquistas de um artista de teatro.

Mas Aleksei, que servira Messing fielmente toda a vida, falou do coração com calor e sentimento. Depois muitos outros, por gratidão ou admiração, avançaram para falar.

Fui a última. Fui dominada pela emoção e as minhas palavras foram irregulares, mas todos me compreenderam. Todos recordámos os dias e horas felizes que tivemos a sorte de passar com Messing. A etiqueta adequada impediu-me de tomar notas, mas escutei atentamente; ecos destas histórias foram incluídos em vários dos ensaios deste livro.

Valentina Iosifovna Ivanovskaya e eu fomos das últimas a sair do banquete. O antigo gerente de Messing acompanhou-me a uma paragem de táxis. Despedimo-nos afetuosamente, mas sem palavras.

Por vezes, a desgraça não nos permite enfraquecer. Esta mobilizou os meus recursos interiores. Há muito decidira que um livro seria o melhor memorial a Wolf.

19

Nada do Humano lhe Era Estranho

Enquanto recolhia material para este livro e trabalhava nele tanto em Moscovo como mais tarde nos Estados Unidos, baseei-me nas sugestões de vários amigos próximos. Algumas destas pessoas conheciam bem Wolf Messing, e outras eram apenas conhecidos, mas ambos os grupos deram-me conselhos amáveis e acrescentaram consideravelmente a este livro. O meu objetivo foi preservar a imagem total de Messing, evitando mexericos e a tentação de o apresentar como um fazedor de milagres. No entanto, as opiniões sobre a forma e conteúdo específicos destas memórias variavam consideravelmente entre aqueles que consultei.

Alguns aprovaram de todo o coração os meus rascunhos preliminares, enquanto outros não gostaram da forma como diluí o manuscrito com detalhes quotidianos e mundanos. Sentiam que enchia o livro de

trivialidades e sugeriam que o escrevesse mais como um romance policial best-seller.

Atormentada pela dúvida, li cerca de dez livros da série «As Vidas de Pessoas Notáveis», publicada na URSS. Permaneci plenamente convencida de que a abordagem de «romance cativante» à biografia de Messing seria desaconselhável.

Wolf Messing não era um Sherlock Holmes. Embora Messing ocasionalmente desempenhasse o papel de detetive, isso certamente não era o foco do trabalho da sua vida. Nem partilhava muito em comum com o herói refinado e intelectual de Arthur Conan Doyle. Wolf Messing permaneceu um mistério mesmo para mim, embora o conhecesse há tantos anos. Mas apesar do enigma que era Messing, queria apresentar um retrato multifacetado dele como psíquico, marido, amigo, amante de animais e ser humano. Queria reduzir o mistério que representava para a ciência — trazê-lo para a terra, por assim dizer.

Não acho que esteja a comprometer Messing com esta descrição. Sofria dos mesmos problemas que todos nós. Nem sempre era bem-humorado e complacente, nunca superou o seu vício do tabaco e não era nem puritano nem libertino. Por outras palavras, o antigo ditado «Sou um ser humano, e nada do humano me é estranho» certamente lhe assentava.

É ainda mais misterioso que, numa casca mortal tão comum, um poder tão desconhecido fosse tão refinado. Gostamos de maravilhar-nos com génios — pessoas fluentes em dezenas de línguas estrangeiras, ou prodígios de computadores ou xadrez, por exemplo. Mas pelo menos podemos compreender os seus poderes.

Podem ser cativantes e os seus poderes inacessíveis à maioria de nós, mas podemos compreender os básicos dos seus dons. No entanto, após testemunhar mesmo uma das sessões de Messing, duvido que alguém pudesse arriscar um palpite sobre os princípios ou poder subjacentes às suas capacidades.

Fiquei esmagada pela morte de Wolf Messing, mas tive de superar a minha perda; havia assuntos importantes a tratar. Primeiro, tínhamos de honrar devidamente a sua memória. O seu monumento no Cemitério de Vostryakov tinha de ser erigido, e, claro, tinha de começar este livro.

Entretanto, o estado da minha saúde deixava muito a desejar. A pneumonia não é brincadeira, especialmente se as complicações não forem eliminadas a tempo. Felizmente, estava rodeada pelos cuidados sensíveis

do meu filho Sasha e da sua noiva, que assumiram muitos dos meus fardos diários.

Mas algum tempo depois, vários eventos característicos de um romance policial de baixa qualidade começaram a desenrolar-se. Valentina Ivanovskaya ligou-me para dizer que recebera uma intimação para comparecer na esquadra de polícia local, para uma reunião que tinha a ver com Wolf Messing. Recebi uma nota semelhante no dia seguinte com mais informações. Íamos testemunhar um inventário dos bens de Wolf. Não podia ignorar o aviso apesar da minha saúde, e à hora marcada, um carro foi gentilmente enviado para me levar ao apartamento de Wolf. Dois representantes do Primeiro Cartório Notarial de Moscovo, Valentina e eu assistimos.

Os advogados redigiram os formulários oficiais e começaram a inspecionar metodicamente o apartamento. Abriram o antigo baú de ferro trancado. Outrora estivera cheio de coisas de Aida Mikhailovna, mas agora estava vazio exceto por alguns jornais amarelados e, debaixo deles, um cinto com dois pequenos bolsos que eu fizera para Wolf. Os bolsos eram para papéis importantes e para o anel de diamante de três quilates que Messing carregava como talismã. Se não o usasse na mão, então ou o usava junto ao peito ou o carregava no pequeno bolso do cinto.

Havia também algumas fotografias no baú.

O bolso para o anel revelou-se vazio, mas livretes bancários mostrando pouco mais de um milhão de rublos pré-desvalorização (sem contar dez a quinze anos de juros) estavam no outro. Encontraram também dinheiro totalizando oitocentos rublos.

Não foi descoberto testamento, por isso nós — os seus amigos próximos — expressámos o nosso desejo de usar o dinheiro para um memorial. A nossa petição, no entanto, foi de pouca utilidade. Os advogados explicaram que, como Messing não tinha herdeiro direto, o dinheiro tornar-se-ia propriedade do estado, como se o estado já não estivesse em dívida eterna para com ele pelas enormes somas de dinheiro que as atuações de Wolf lhes trouxeram!

Todo este procedimento sórdido foi finalmente concluído e assinámos a declaração, aliviados por nos livrarmos deste fardo. Mas não tivemos essa sorte! Nos dias seguintes, muitos dos amigos de Wolf foram convocados para o Gabinete do Procurador Público, e eu fui convocada para a prisão de

Lubyanka, tristemente notória, o que certamente não augurava nada de bom para mim.

A todos foi feita a mesma pergunta: O que acontecera às joias que Messing contrabandeara para o país ao fugir da Polónia? Para onde desaparecera o seu famoso anel? Curiosamente, este anel ganhava um quilate a cada dia que passava. Em poucos dias, fui chamada de volta.

Os procuradores públicos até realizaram uma busca à governanta de Messing, mas não encontraram nada pertencente a Wolf — o seu candelabro caro, porcelana antiga ou cristal Fabergé — na sua posse.

Nem encontraram os muitos presentes que recebera ao longo dos anos. Colecionara as coisas mais inesperadas; poderia ter sido criada uma exposição com os brinquedos de crianças e artesanato popular, quadros e metal repuxado, robes orientais bordados à mão, conchas e corais de marinheiros do Extremo Oriente que acumulara. Presentes de professores e escolares, trabalhadores, médicos, camponeses, artesãos e soldados estavam todos incluídos na sua coleção. Mas nada apareceu.

Durante a última doença de Messing e após a sua morte, apenas a governanta tinha chaves do apartamento. Ironicamente, os oficiais agora precisavam de um Wolf Messing para juntar as peças do puzzle. Nenhum dos Sherlock Holmeses de Lubyanka se revelou telepático.

O ano passou, e gradualmente recuperei e comecei a trabalhar neste livro. Mas os pensamentos sobre um memorial para Wolf nunca me deixaram. O seu terreno tinha apenas uma placa com o nome, como se um vagabundo sem nome lá jazesse. O seu amigo Aleksei prendera uma pequena fotografia. Envolveu-se ativamente na causa também, e Valentina escreveu uma longa carta ao Ministério da Cultura, recordando-lhes os serviços de Messing ao governo soviético.

Enfatizámos especialmente a sua enorme contribuição material para o esforço de guerra, que esperávamos que os influenciasse mais do que qualquer outra coisa. Embora Wolf tivesse indubitavelmente feito uma contribuição ainda maior para a ciência e a parapsicologia, este legado aguarda avaliação adequada. Sentíamos que Messing também merecia ser recordado pelas suas honrarias estatais: recebera um prémio governamental e fora-lhe concedido o título de Artista Honrado da RSFSR.

Mas recebemos as mesmas respostas vagas da burocracia soviética: sim, deveria ser erigido um memorial a Messing, diziam eles, mas não deram mais instruções para resolver a questão. O que precisávamos eram

dois mil rublos, mas nem isso era o cerne do problema. Parecia que alguém tentava persistentemente frustrar os nossos planos. Continuámos a assaltar o Ministério da Cultura com perguntas, usando pessoas famosas e honradas para peticionar em nosso nome. O último apelo foi assinado por vários Artistas Nacionais da URSS. Ainda assim, nenhum memorial foi erigido.

Como regra geral, pessoas altamente criativas deixam para trás vestígios materiais bem como memórias do seu trabalho. Os artistas deixam telas, e os compositores deixam as suas partituras. Mesmo o jardineiro deixa o trabalho inspirado das suas mãos, talvez uma macieira ou um arbusto de lilás que plantou.

Mas que tipo de vestígio tangível é deixado por feiticeiros, médiuns ou psíquicos? Que frutos são deixados por aqueles cujo dom criativo é ver o invisível e ouvir o inaudível? O que da sua essência pessoal permanece para nós?

Mesmo hoje, tantos anos após a morte de Wolf Messing, não consigo reconciliar-me com tal injustiça. Ele merece ser recordado. Só posso adivinhar que poder se interpôs no caminho da perpetuação justamente merecida da sua memória — e as razões porquê. É possível que apenas Wolf soubesse a verdadeira razão, um segredo que pode ter levado para a sepultura. As minhas suspeitas baseiam-se numa das nossas conversas que estava cheia de insinuações e subentendidos.

Antes da sua morte, Wolf leu e releu uma carta que recebera de Israel contando sobre a vida lá, e que discutiu connosco. No início dos anos 1970, os primeiros pequenos fluxos de judeus começaram a gotejar da União Soviética. Um conhecido mútuo que estava presente perguntou a Wolf porque não partia ele próprio. Wolf olhou para mim. «Sabes, ela e Sasha partirão», disse ele, «e Sasha trabalhará como médico algures no norte dos Estados Unidos. Disse isto a Tanya no décimo aniversário de Sasha. Sei que ela não acreditou na altura, e mesmo agora negará, dizendo que não pode deixar a mãe e a mim também. Mas já não estaremos por cá. Ela partirá em 1978. Quanto a mim, mais depressa me internam do que me deixam ir.»

Messing fez estes comentários numa voz calma e medida enquanto olhava para o chão. Não diria mais nada e nunca mais tocou nos seus sentimentos ou previsão. Foram pronunciados num tom demasiado solene e sério para eu insistir em mais informações. Nunca mencionou especificamente a possibilidade de receber convites de Israel, tal como nunca falara de ir mesmo numa excursão turística para a Bulgária, por

exemplo, ou para a sua antiga pátria. (Amava a Polónia até ao seu último dia.) Isto pareceu-me peculiar; afinal, Wolf passara os primeiros quarenta anos da sua vida a viajar continuamente pelo estrangeiro. Não posso excluir a possibilidade de que a chave do mistério esteja na Prisão de Lubyanka, ou mesmo atrás das portas Spassky do Kremlin.

Com certeza, a previsão de Wolf Messing cumpriu-se. Em 1978, o meu filho e eu deixámos a nossa pátria e acabámos por nos estabelecer em Detroit. Trouxe para o Ocidente apenas algumas recordações da minha amizade com Wolf Messing. Embora não tenham grande valor artístico ou intrínseco, significam tudo para mim. O meu filho formou-se na faculdade de medicina em Ohio em dois anos, permanecendo lá para trabalhar como médico e instrutor. O meu filho adotivo, Vladimir, ficou na União Soviética.

Por vezes, sinto vontade de abrir as portas do meu aparador e tirar uma das duas chávenas das quais Wolf e a sua esposa bebiam chá em Moscovo. Quero enchê-la com chá Lipton, para misturar o passado com o presente! Mas tenho de me conter, pois estas recordações de porcelana — primeiras edições da fábrica de porcelana Kuznetsov, famosa na Rússia Czarista — são demasiado frágeis. Tendo sobrevivido a um voo através do oceano, devem esperar por tempos melhores, talvez quando o nome do seu antigo dono as traga de volta do esquecimento. Também tenho uma boneca esquimó que me observa com os seus olhos de seda — um presente a Messing do norte da Rússia.

Perto dela, guardo a cigarreira de Messing, gravada com a inscrição: «Minha querida amiga Taibele, estou sempre contigo. W. Messing, Moscovo, 27 de março de 1967.»

Ocasionalmente, penso que ainda consigo cheirar o fedor de nicotina daqueles detestáveis cigarros Kazbek, por isso nunca a abro. Deixe que o esquimó o faça durante a noite, enquanto as pessoas dormem e os contos de fadas ganham vida.

No mesmo aparador, guardo os dois livros mais queridos para ele: Diário de um Cirurgião de A. Vishnevsky e Pensamentos e o Coração de N. Amosov. Por vezes, acaricio reverentemente as suas capas de pó. Que boa sorte foi ter conseguido preservá-los e trazê-los comigo; tantos pacotes que enviei de Moscovo perderam-se. As dedicatórias nestes volumes incluem tributos a Wolf que falam melhor do que todas as minhas próprias palavras: «como sinal de espanto e admiração por um milagre», escreveu Nikolai Amosov. Poderia algo ter dito melhor?

A escultura em madeira dada a Messing pelos camponeses do Volga foi preservada. Também consegui trazer várias fotografias: Uma é do anel/talismã que desapareceu após a morte de Wolf.

Disse antes que Messing não deixou parentes vivos, mas recentemente soubemos que uma sobrinha, Marta Messing, sobreviveu aos campos de concentração nazis e escapou, juntamente com alguns russos, para a Argentina, onde atualmente vive.

Mas de volta à União Soviética não há parentes a quem o seu monte funerário pudesse ser atribuído. Portanto, este triste relicário foi emitido para mim:

CERTIFICADO DE REGISTO

EMITIDO à Cidadã T. L. Lungin

Para registo da sepultura 4828 no lote n.º 38

de W. G. Messing, falecido a 08/11/74,

enterrado no Cemitério de Vostryakov.

Diretor do Cemitério — TLYAKHA

14/11/74

Serviços de Enterro de Vostryakov

Em 1981, recebi notícias maravilhosas de Moscovo. Após esperar em vão sete anos para que o estado estabelecesse um memorial, Valentina Ivanovskaya e Aleksei ergueram eles próprios uma laje de granito preto com um retrato cerâmico de Wolf Messing.

Alguma vez poderei visitar novamente a sepultura deste homem, que me era tão querido?